

Eça de Queiroz
O Egypto



Acq. Dept., Library
Univ. of North Carolina
Chapel Hill, N. C. 27514

Maria de

CF0
00
CD
SR

Vols:

C
SR

Init: *dy*

Y-LC

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA



ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.E3
E4



00024020257

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 v.
O Primo Bazílio, 1 vol.
O Mandarin, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A illustre casa de Ramires, 1 v.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prozas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Eccos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos ineditos), 1 vol.
As minas de Salomão (traducção), 1 vol.

NOVAS OBRAS PÓSTUMAS :

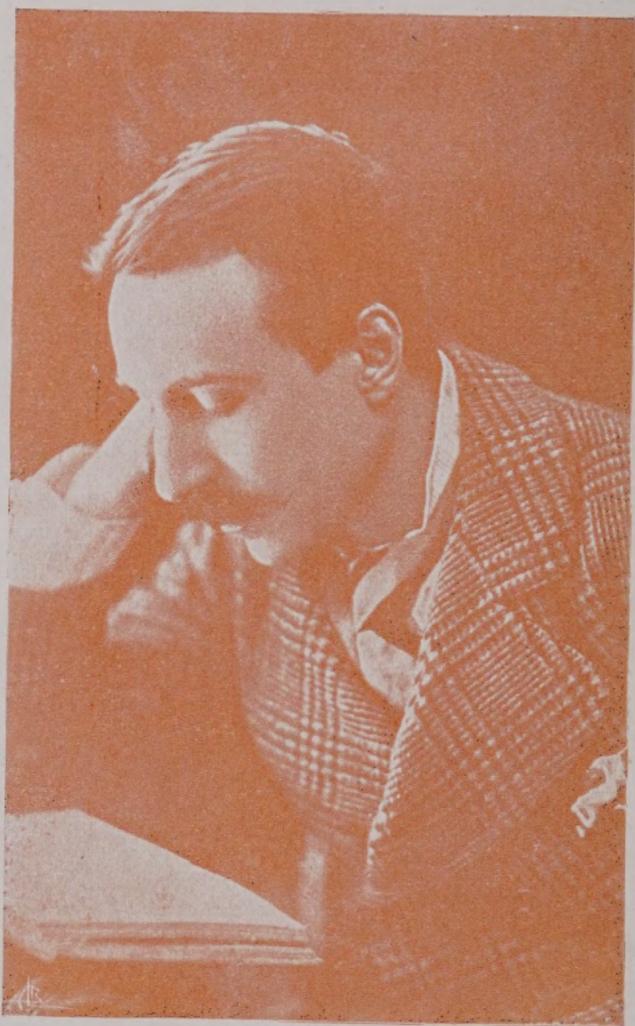
A Capital, 1 vol.
Conde de Abranhos, 1 vol.
Tragedia da Rua das Flores, 1 vol.
Paginas esquecidas, 1 vol.
Correspondencia, 1 vol.
Notas de Viagem, 1 vol.
Alves & C.^a



O EGYPTO

NOTAS DE VIAGEM

« Tiraram-se d'esta edição cem exemplares em papel especial, numerados e rubricados pelo organizador. »



EÇA DE QUEIROZ EM 1875

PM
PP 926
E3
E4

ÇA DE QUEIROZ

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O EGYPTO

NOTAS DE VIAGEM



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144

AILLAUD, BERTRAND — LISBOA-PARIS

1926

Obras de EÇA DE QUEIROZ

- | | |
|--|--|
| O <i>Crime do Padre Amaro</i> , 1 vol. | <i>Ultimas paginas</i> (manuscriptos ineditos), 1 vol. |
| O <i>Primo Bazilio</i> , 1 vol. | <i>As Minas de Salomão</i> (tradução), 1 vol. |
| O <i>Mandarim</i> , 1 vol. | OBRAS POSTHUMAS PUBLICADAS : |
| <i>Os Maias</i> , 2 vol. | <i>A Capital</i> , 1 vol. |
| <i>A Reliquia</i> , 1 vol. | <i>O Conde d'Abranhos</i> , 1 vol. |
| <i>Correspondencia de Fradique Mendes</i> , 1 vol. | <i>Alves & C.^a</i> , 1 vol. |
| <i>A illustre casa de Ramires</i> , 1 vol. | <i>Correspondencia</i> , 1 vol. |
| <i>A Cidade e as Serras</i> , 1 vol. | <i>O Egypto</i> (<i>Notas de viagem</i>), vol. |
| <i>Prosas Barbaras</i> , 1 vol. | NO PRÉLO : |
| <i>Contos</i> , 1 vol. | <i>A tragedia da rua das Flores</i> , vol. |
| <i>Cartas de Inglaterra</i> , 1 vol. | <i>Paginas esquiscidas</i> , 1 vol. |
| <i>Cartas familiares</i> , 1 vol. | |
| <i>Ecos de Paris</i> , 1 vol. | |
| <i>Notas contemporaneas</i> , 1 vol. | |
-

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne. — (Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brazil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Em fins de Outubro de 1869, dois rapazes entusiastas e cheios de talento, o Conde de Rezende e o seu amigo Eça de Queiroz, — ao tempo, mais notavel pelas suas gravatas do que pelas suas obras — embarcavam em Lisboa, em direcção ao Oriente.

O mais velho, o Conde de Rezende, tinha apenas vinte e cinco annos ; Eça de Queiroz, pouco mais de vinte e tres. Levava-os, creio eu, o pretexto de assistirem ás festas da abertura do Canal de Suez, que então se ia inaugurar com estrondo e esplendor.

São algumas das notas que Eça de Queiroz tomou durante essa viagem, encontradas 57 annos depois, entre os seus papeis, que formam o presente volume.

Conservo ainda o passaporte de que então se serviu -- um passaporte diplomatico, passado a « José

Maria d'Eça de Queiroz, encarregado de despachos. »
Esse documento tem-me sido precioso para a organização do meu trabalho: foi por meio d'elle e dos « vistos » que o cobrem, que eu consegui reconstituir a viagem, coordenar as notas e formar o volume a que hoje venho dár vida official.

Com effeito, decifrados os manuscritos, encontrava-me deante d'uma serie de notas soltas, de descripções independentes — cidades, tumulos, mesquitas, pyramides, architecturas, paisagens, danças, cantos, vestuarios — todo um Oriente confuso e rutilante que era necessario organizar, dispôr segundo um plano que desse cohesão á viagem e unidade ao livro.

Foi a descoberta do antigo passaporte, cortado nas

dobras, roído nos cantos, veio já de meio seculo, que tornou possivel esse trabalho. Guiado pelos vistos que se succedem na folha appensa, foi-me facil reconstituir toda a jornada, determinar as suas *étapes* successivas, e dispôr as diversas notas—ou capitulos—na sua sequencia logica e natural.

Assim pude verificar que, tendo sahido de Lisboa a 23 de Outubro de 1869, os viajantes chegam a Alexandria a 5 de Novembro, depois de terem parado em Cadiz, Gibraltar e Malta. Em Alexandria pouco se demoram, seguindo logo para o Cairo, onde estabelecem o seu quartel-general no sumptuoso *Sheaperd's Hotel*. D'ahi irradiam: vão a Heliopolis, visitam as pyramides de Giseh, os templos de Sakkarah, as ruinas de Memphis; a 17 de Novembro, data da inaugura-

ção do Canal, para a qual são expressamente convidados pelo Khediva, estão, necessariamente, em Suez ¹; e a 26 do mesmo mez, de novo em Alexandria, mandam visar os passaportes com esta designação: «*Bon pour Beirouth.*» É a partida para a Palestina e Alta-

Possuo entre os meus papeis a seguinte carta de convite para as festas da inauguração do Canal de Suez:

« Monsieur,

« Le Canal de Suez doit s'ouvrir le 17 Novembre. Cette œuvre exécutée au milieu de tant difficultés matérielles, est de nature à intéresser tout esprit éclairé. A ce titre, Son Altesse Le Khédive serait heureux, Monsieur, de vous voir assister à l'inauguration du Canal, et m'a chargé de vous y inviter de sa part.

« Veuillez, Monsieur, agréer l'expression de ma haute considération.

(Indecifavel) . . . Bey

« A Monsieur

« Le chevalier de Queiroz. »

Syria, viagem rapida e fugitiva, pois que a 11 de Dezembro já visam os passaportes em Beirouth — « *Bon pour Alexandrie d'Egypte* » — e a 26 embarcam na bahia d'Alexandria para Portugal, chegando ao Tejo a 3 de Janeiro de 1870 — data em que a policia do porto de Lisboa põe no passaporte, com o seu visto laconico, um ponto final na viagem feerica e n'aquelles dias tão cheios d'excitação poetica, intensos, movimentados, estimulantes e fecundos.

Eu chamei a estas NOTAS, n'um dos varios prefacios que a publicação d'estes livros posthumos me tem obrigado a escrever, « visões do Oriente ». O termo é justo. Toda a viagem tem a rapidez ephemera d'uma visão. São pouco mais de seis semanas, em que as paisagens, as architecturas, as impressões se succedem

vertiginosamente. Os quadros accumulam-se, as observações amontoam-se. Eça de Queiroz parece insaciavel na sua necessidade de tudo vêr e de tudo comprehender : aproveita cada momento, enchendo os seus dias com sensações novas, percorrendo avidamente a velha terra pharaonica e as paisagens misticas do Evangelho.

Vêmol-o viajar de comboio, de barco, a cavallo. Incansavel, corre de um lado para o outro : assiste ás festas de Suez, galopa pelo Deserto, escala serras, passa valles, percorre as ruas do Cairo equilibrado na alta sella d'um burro egypcio, visita museus, templos, mesquitas, ruinas, passeia de caleche, trepa ás pyramides, navega no Nilo, estira-se nos *fauteuils* da Opera do Cairo, medita junto do Santo Sepulchro, con-

versa, discute, philosopha, estuda, observa, vê tudo — e no meio d'este turbilhão de sensações e de movimento, tentando fixar definitivamente o contorno e o sentido das coisas, vae accumulando notas, apontando impressões, amontoando commentarios . . . e deixamos os materiaes completos d'um grosso volume !

É realmente extraordinario. E disse-se que Eça de Queiroz era um escriptor lento, torturado, produzindo pouco — e que esse pouco o concebia com esforço e devagar !

Eu creio que essa lenda, a que uma critica superficial quiz imprimir por vezes um aspecto de solidez axiomatica, tem aqui um desmentido retumbante, e que — com tantas outras que contribuiram para dar do escriptor uma imagem deformada e artificial — esta

se irá a pouco e pouco desfazendo, como sempre se desfazem as lendas nascidas do erro ou da phantasia.

Com effeito, este livro, mais que nenhum outro, revela a sua extraordinaria actividade intellectual, a sua expontaneidade, a facilidade do termo, a propriedade da expressão, a abundancia do commentario, que lhe acodem de repente, sem esforço, instinctivamente. É um livro a que poderíamos por vezes chamar torrencial, pela accumulacão dos detalhes e a exuberancia das divagações philosophicas ou poeticas.

E repare-se que estas NOTAS, as publico incompletas, tendo posto muitas de parte, umas por se encontrarem truncadas, outras, porque, sendo a repeti-

ção de assumptos já versados, me vi obrigado a escolher, entre duas fórmulas, aquella que se me afigurou de superior interesse.

Como e quando estas NOTAS foram escriptas — realmente não o saberia dizer. Constam de tres pequenos cadernos de bolso, em que os apontamentos nem sempre se succedem chronologicamente, e de um grosso maço de tiras de papel almaço — o todo coberto de uma letra miudissima, por vezes indecifrável, ora a lapis, ora a tinta — aqui uma tinta esbranquiçada, um traço duro e incerto, em que se sente a penna ferrugenta e barbara da hospedaria primitiva, além uma letra que nada perdeu da sua nitidez e que revela os confortos civilizados do *Sheaperd's* ou dos *reading-rooms* dos grandes paquetes da India.

Deduz-se logo da sua propria leitura que os tres caderninhos o acompanharam sempre nas suas excursões, e que ia fixando notas e commentarios á medida que observava, durante os descansos, sentado n'alguma pedra tombada, velha como o velho Egypto ou veneravel como a Biblia. Há mesmo alguns apontamentos que devem ter sido rabiscados em movimento — dentro d'um vagon de caminho de ferro, de cima d'uma alta sella syria—tal é a confusão, a incerteza, a hesitação quebrada da letra.

Quanto às tiras — ou antes linguados — de papel almaço, de certo seriam escriptas á noite, no quarto do hotel, durante a insomnia povoada das impressões do dia. São por vezes a repetição ampliada d'uma das notas dos cadernos; outras, a narração d'uma con-

versa, como as revelações do Engenheiro do Canal de Suez — ou ainda algum estudo isolado, como o curioso capitulo sobre « a Mulher no Oriente. » Mais des-envolvidas que as notas dos cadernos, parecem já obedecer a um plano : têm por vezes o aspecto de *capitulos*, formam pequenos episodios, completos, perfeitamente delineados, com principio, meio e fim.

Infelizmente, creio que muitos d'estes linguados se perderam: com a sahida do Cairo, terminam bruscamente, apparecendo apenas um ou outro fragmento inutilisavel sobre Suez ou sobre a Palestina — o que parece provar que toda a viagem foi de facto assim descripta d'um modo minucioso e detalhado. A verdade, comtudo, é que todas as buscas têm até agora sido infructiferas, e que, sobre o resto da viagem, nada

posso além dos dois caderninhos de notas, um sobre a Palestina, o outro relativo á Alta Syria.

Em todo o caso, é indiscutível que esses linguados — escriptos n'um papel d'acaso, comprado no bazar do canto, ora azulado, ora branco ou d'um velho tom amarellado, — foram todos redigidos durante a viagem. Demonstram-no certas phrases que voltam constantemente: « Hoje pela manhã fomos tomar um banho turco . . . » « Enquanto escrevo, os meus companheiros dormem . . . » etc. Mas, sobretudo, prova-o a propria espontaneidade das NOTAS, o que ellas têm de quente, de movimentado, a abundancia violenta dos detalhes, a côr, a luz, o estylo, em que se adivinha a sensação recente, os nervos ainda vibrantes, os olhos cheios ainda das visões que a penna

descreve. Aquelles bazares do Cairo, aquellas illuminações, aquelles cantos que se elevam na noite do mysterio dos *mucharabiêhs*, não podiam ser descriptos de memoria, n'um terceiro andar do Rocio ou no Gabinete da Administração de Leiria. ¹ Aquillo traz consigo, entre as linhas, nas dobras do papel, a poesia, o calor, a poeira, o cheiro do Oriente!

O resto da viagem toma um aspecto de correria: em menos de tres semanas, os viajantes percorrem a Palestina, Jerusalem, a Judea, o Libano, e os escarpamentos da Alta Syria. As notas tornam-se mais

¹ Eça de Queiroz foi nomeado Administrador do Concelho de Leiria, pouco depois da sua volta do Oriente, a 13 de Dezembro de 1870.

escassas : são apontamentos rapidos, impressões fugitivas, annotadas hora a hora nos caderninhos d'al-gibeira.

Não é o usual « diario de viagem », mais ou menos pretencioso, em que o viajante, fazendo estylo, aproveita o quadro pittoresco que lhe vem dar realce á personalidade e vae apontando dia a dia « os seus feitos e gestos ». São, pelo contrario, authenticas notas pessoaes, intimas, em que o artista pretendeu *fixar*, para si, aqui uma impressão, além uma idéa.

Verdadeiro escriptor nato, este rapaz de vinte e tres annos sente a necessidade instinctiva de commu-nicar ao papel as sensações que recebe do mundo exterior e os pensamentos que ellas lhe sugerem. Nunca falla de si, quasi nunca do seu companheiro.

Não sabemos onde dormem, quando comem, nem quasi como viajam. Não é isso o que o interessa, e sómente os aspectos, a côr, a luz e a significação profunda das coisas confia ao papel, impulsivamente, irresistivelmente. É uma confissão, porque nos revela como o artista sentia, intimamente, quando o não preocupavam influencias exteriores; é tambem um estudo, porque nos mostra a sua forte maneira de trabalhar e como foi juntando a sua vasta bagagem intellectual. E é ainda, penso eu, uma muito intensa manifestação d'Arte.

Léon Daudet accusava Loti — outro pintor do Oriente — de julgar que se descrevem paisagens com « palavras de côr », quando na realidade uma paisagem só deve ser *sugerida*. Esse dom de sugestão, teve-o Eça

de Queiroz como **n**inguem: as descripções da RELIQUIA são feitas de pequenas notas sobrias, e tão justas que immediatamente *sugerem* uma paisagem, uma atmosphera, o calor, a fadiga, o sol. Esse dom, creio eu, já se faz sentir n'estas NOTAS. Percebe-se n'ellas, é certo, a exuberancia da extrema mocidade, mas sob a sua riqueza talvez demasiada, sob a minuciosidade excessiva das descripções, a accumulção dos adjectivos, das comparações, das *palavras de côr*, nunca falta essa nota justa, esse detalhe imperceptivel que vem dar a toda a composição a sua intensa realidade, e nos transporta, de bom ou de mau grado, « para dentro do Oriente ».

Foi esta a impressão profunda que me causou a sua primeira leitura. Por isso logo me pareceu que

constituiria um crime não dar publicidade ás NOTAS DE VIAGEM, apesar da sua ordenação confusa e do seu estylo tumultuoso.

Encontrava-me, é certo, deante d'um manuscripto que se me afigurava cahotico, incompleto, apenas alinhavado, cheio de deficiencias, de repetições, de omissões ; comtudo, o que existia era tão rico, os diversos quadros d'uma composição tão segura, que apesar da responsabilidade que assumia, resolvi metter mãos á obra.

Foi uma lenta e penosa decifração, levada a cabo com a ajuda de meu irmão Alberto depois de varios mezes de trabalho, rodeados de mappas, de *Baedekers*, de toda uma bibliotheca sobre o Oriente, na difficil identificação de palavras arabes, de termos locaes,

de nomes historicos. Porém, á medida que os capitulos tomavam o seu lugar natural em concordancia com as indicações do passaporte, que as repetições eram eliminadas, a viagem desenhava-se no seu conjuncto, tudo se tornava coherente e harmonico — e onde julgaramos possuir apenas um amontoado de notas soltas, descobriamos a existencia d'um livro completo, com a sua curva perfeitamente marcada.

Assim nasceu este volume sobre o Egypto. Obra escripta sobre o joelho, mero rascunho, cabe-me a inteira responsabilidade da sua revisão: assim eu teinha conseguido leval-a a cabo com mão tão leve e respeitosa que em nada ficasse diminuida a sua encantadora frescura.

Não creio que n'estas palavras d'introducção e de

entusiasmo me tenha cegado a minha qualidade de filho — de que de resto abstraio na medida do possível sempre que as circumstancias me forcãam a fallar da obra de meu Pae. Estas notas têm, a meu vêr, além da sua importancia documental, um alto valor litterario.

Não possuem certamente aquella harmonia ideal, feita de sobriedade e de clareza, que fazem da RELIQUIA, apesar do seu excesso de detalhes humoristicos e irreverentes, uma obra de absoluta pureza artistica. Aqui, a fórma litteraria propriamente dita, o estylo, a linguagem e as suas regras, perdem alguma coisa da sua importancia, transitam para um plano inferior e secundario : arrebatados no kaleidoscopio rutilante das descripções, esquecemos um pouco todas as preoccupações de fórma.

E comtudo, se do estylo, da arte de escrever, não tivermos a concepção retardataria de que consiste essencialmente em resolver com elegancia problemas de syntaxe, e se pelo contrario considerarmos que o mais fino artista é aquelle que consegue fixar no papel os quadros mais flagrantes, quentes, coloridos, palpaveis, vivos -- então deveremos reconhecer que estas notas vertiginosas, com todas as suas imperfeições, conteem em si uma bella manifestação d'arte.

É a arte plastica por excellencia, pictorica, luminosa: pequenos quadros successivos — verduras intensas, aguas scintillantes, tons fulvos do Deserto, aspera lividez das paisagens misticas, orgia de côres, de luz, de fórmãs, — elles tomam aos nossos olhos uma força obsecante de realidade. Escrever assim é

pintar ; cada palavra tem o valor d'uma pincelada que nos deixa na retina uma impressão quasi physica.

Arte sensual e viva, que afaga os olhos, o ouvido, o olfato, e faz surgir da brancura do papel, milagrosamente, cheios de côr e cobertos de sol, os aspectos intensos e desolados do Deserto e os contornos ligeiros das velhas cidades do Oriente !

Granja, 1926.

JOSÉ MARIA D'EÇA DE QUEIROZ.

A CAMINHO DO ORIENTE

CADIZ

Domingo.

Hontem dobramos o cabo de S. Vicente sob um luar digno dos dramas de Shakespeare. O mar infundavel, sereno, sem trevas, mas bellamente escuro, tremia sob o grande raio luminoso da lua como os antigos animaes sob a caricia dos prophetas.

Á direita do vapor, negro, de perfil, erguia-se o Cabo, de linhas precisas e nitidas, e a decoração admiravel da noite assentava silenciosamente em redor. O solo final da *Africana* com a sua lenta desolação afflicta, seria grandiosamente bello no meio d'esta immensa paisagem severa, cheia das cousas infinitas !

Ao outro dia, no fim do mar azul, apparecia, recortando no profundo céu as suas linhas rectas, fresca e branca, Cadiz.

Cadiz aproveitou para as suas construcções modernas tudo quanto na antiga architectura mourisca ou arabe é uma necessidade hygienica e climaterica: os balcões sahindo graciosamente para a rua, os terraços, o marmore, o tijolo e uma certa nudez de ornatos, de moveis e de estofos. Mas tudo quanto é graça, phantasia, pittoresco, arte, belleza, na architectura arabe — as grades esculpidas, rendilhadas, feericas, as columnatas delgadas, a fórma das janellas esbeltas — tudo isso foi esquecido.

Cadiz é nova, branca, rectilinea e geométrica: parece construida por um Haussman oriental. Sente-se que é uma cidade commercial e positiva, que constroe para a commodidade material e não para a delicadeza espiritual dos sentidos. Junte-se a isto a pompa emphatica do genio hespanhol.

São ruas que se estendem, immensas e esguias, entre casas brancas, novas, abertas por grandes

janellas ou balcões envidraçados. Ao alto, espraíam-se terraços, nús e claros, sem architectura, completamente abertos ao grande ar.

A raça parece ter degenerado da antiga belleza vigorosa e viva da gente andaluza. Os rostos têm antes um certo ar fatigado e inexpressivo. Só de quando em quando, raras vezes, se encontram as physionomias finas, romanticas, altivas e vigorosas do antigo typo, mas em geral, sente-se a invasão da vida moderna. As raças só conservam a pureza do typo no seu elemento natural. A entrada n'um cerebro de idéas estranhas, contrarias ao elemento primitivo d'esse cerebro, deforma, muda, destroe as linhas physionomicas. Fumar, olhar, dormir, deixar-se viver, desejar as mulheres, pensar n'uma discretamente, tomar attitudes orgulhosas e esculpturaes — a isto se resumia a antiga existencia andaluza, tal como a fizeram a raça, o elemento, o sol, a agua serena e esplendida da bahia. N'este meio, os traços do andaluz podiam conservar-se intactos como, no sua antiga atmosphaera, serena, plastica e bella, se teria conservado a linha pura d'um rosto atheniense.

Porém, outras são as condições da vida moderna. A dificuldade da existencia material, a lucta dos interesses vitaes, a preocupação dos negocios, tudo isto que constitue o viver actual, é pouco proprio para deixar desenvolver a simplicidade nos espiritos e nas physionomias a pureza das rasas. Estas novas condições, pelo contrario, fazem degenerar, consomem, alteram tudo quanto na belleza physionomica são linhas tradicionaes.

Passámos em Cadiz, depois das barricadas de Dezembro, no momento das guerrilhas e da anarchia liberal. Muita gente morrera nas ruas da cidade, muitos homens tinham seguido nos partidos, e, dispersos pelos montes, não haviam voltado ainda. Isto que não influenciava materialmente a vida da cidade, tirava-lhe comtudo alguma coisa do seu impaciente movimento. Á noite, porém, as ruas alumiadas claramente, cheias de lojas e de luz, estão apinhadas de gente. As mulheres passam aos grupos, embrulhadas nos *mantons*, que são ainda o vestuario de Cadiz, e ás esquinas, immoveis, com a lanterna na mão, os « serenos » vigiam.

A um canto de rua, n'uma casa grande e cla

ra, surprehende-nos um quadro verdadeiramente hespanhol: a um balcão alto, recortado, colorido, na abertura das cortinas escuras, mollemente abertas sobre um fundo alumiado de sala, destacam-se tres figuras femininas. São tres mulheres vestidas de negro, conversando, tomando ar, olhando a rua. Nas attitudes, no vestuario, nos tons harmonicos de luz e de sombra, n'um certo mysterio ambiente, era certamente um quadro dos velhos costumes hespanhoes do tempo d'lsabel . . .

Mais longe, é a alameda, bella, de noite, sob o luar. Ao fundo, estende-se a grande superficie da agua, escura junto ao molhe, e a distancia, alumiada pelo clarão da lua que se estira na agua e tremúla como uma fina rêde de malha luminosa . . .

II

GIBRALTAR PELA MANHÃ

Quarta-feira — Outubro.

Sahimos de Cadiz á tarde. A cidade branca desfez-se lentamente na bruma amarellada do poente. Quando cahiu a noite, surgiram as estrellas na sua infinita pulverisação de luz ; depois, a lua, ardente e fulva ; depois, o farol de Trafalgar . . . Os passageiros conversavam no convez.

Na noite profunda luziu emfim o farol de Ceuta ; depois, a bombordo, outra luz : era Gibraltar. Então adormecemos profundamente.

Ao outro dia, desembarcamos. A manhã estava d'uma pureza infinita. N'uma perfeita serenidade, uma luz quieta e ampla espiritalisava os elemen-

tos. Na transparencia verde da agua, d'uma delicadeza de cristal, via-se o fundo da bahia coberto d'um musgo fino e macio ou d'hervas que se curvavam sob a lenta ondulação interior, como uma seara sob um vento leve.

A pureza indizível da côr, da diaphaneidade, da vida da agua, o desenho nitido das pequenas vegetações, formam um todo cheio de suavidade. Dá vontade de nos banharmos, de movermos o corpo n'aquella virgindade viva do elemento.

E a bahia estende-se, azul, suavissima, habitada pela luz, limitada por altas montanhas cheias de tons suaves, levemente azuladas, vaporosas.

Ao fundo, o morro de Gibraltar apparece, escuro sobre o dôce azul, com o seu perfil violento e altivo. Sente-se logo na montanha a força, a estrategia, adivinham-se as construcções de guerra. De longe, o seu aspecto é duro, hostil, repulsivo, e a cidade, amarellada e humilde, parece uma aldeia pobre perdida na serra aspera, sem nada das outras dôces cidades do sul, que se offerecem, nos seus contornos nitidos e claros, ao olhar e á sympathy do instincto. O morro de Gibraltar é impene-

travel como um deus barbaro, severo como a lei ingleza . . .

Interiormente, os inglezes crearam um cidade cheia do seu espirito rectilineo, discreto, intimo e confortavel. Quando entrámes na Praça, um batalhão vermelho e loiro manobrava ao som da *Canção do General Bum*. De resto, as ruas são inglezas, salpicadas de figuras mouriscas cujas tunicas destacam sobre o fundo escuro das casas, em attitudes indolentes, aos grupos.

Um caminho alcantilado, violento, fatigante, conduz ao cimo do morro e ás suas temerosas escavações. Gibraltar tem por castello, por defeza, por arte militar, por paisagem, um penedo ! Não um penedo áspero, duro, granitico : mas um penedo incolor, friavel e monstruoso. N'esse penedo, os inglezes abriram ruas, galerias em todos os sentidos, tornando-o escavado e perfurado como uma esponja : em cada buraco, um canhão assenta a sua estúpida impassibilidade.

As galerias estendem-se, obscuras, frias, nuas, enroscando-se, torcendo-se, completando-se no interior do morro, como um systema vivo : o sangue

que alli corre são cinco mil inglezes. De fóra, vê-se o cerro, aspero, hirsuto, escaldado, sem relva, sem harmonia de tons, sem luz, impassivel, erguido no céu azul, todo salpicado de buracos negros. São aquelles buracos negros que os hespanhoes temem, que os francezes receiam e que dominam o Mediterraneo.

Ao cimo, d'um pequeno terraplano, avista-se o grande horizonte assentando em redor a sua decoração sublime. Em baixo, a cidade estende até ao mar, n'um lento declive, a confusão das suas casas, dos seus jardins, dos seus quartéis. Uma lingua de terra, plana, verde, prende a península de Gibraltar a Hespanha. Ahi, ha um pequeno terreno que é neutro, e que a natureza, justamente receiosa do inglez e do hespanhol, aproveita para deixar crescer em liberdade, fresca, luminosa e bravia, ao grande ar, independente da diplomacia, a relva verde.

De cima, vê-se, do lado inglez, um acampamento e um cemiterio. Do lado hespanhol, os tons succedem-se, cada vez mais brandos: as linhas vaporizam-se, e tudo se vae perder na distante bruma do horizonte.

D'um lado, está o Oceano ; do outro, o Mediterraneo — ambos azues, serenos, esplendidos, cobertos de luz. Há um silencio infinito como n'uma contemplação. A agua termina brandamente junto á terra, sem afflicção, sem agonia d'espuma, sem ruido, como o fim d'uma claridade d'outomno. Os montes são linhas negras no grande azul . . .

Um regimento de *highlanders* passava em baixo, na estrada — e ouviam-se as *cornemuses* tocar melancholicamente, sob aquella luz que alumia as terras d'Africa, as arias das montanhas brumosas da Escossia. Era o unico ruido que nos chegava, no meio do profundo, absoluto, luminoso silencio . . .

Viamos a cidade viver e mover-se — mas sem um ruido, silenciosamente : parecia o lugar mythologico das sombras.

Por cima, o grande céu, o céu sublime, cobria tudo com a sua luz magnifica, vasta, e vivificante como o espirito d'um deus.

E nós ficavamos suspensos, olhando, absorvidos por aquella luz, aquella agua, como na presença viva da Divindade. E com effeito, alli, o verdadeiro Deus é o grande Apollo — o Sol — a

cousa divina, vivificadora, centro vital da vasta natureza, da impassível força e da nossa imperceptível alma!

Os inglezes fizeram, em redor do planalto, cortando-a no monte, uma estrada d'uma belleza digna de ter sido creada por um italiano ou por um antigo atheniense. Caminha-se entre alas de vegetação. As arvores, as silvas, as plantas confundem-se. Aparece a palmeira, o aloés, o cacto.

O ar do outomno amarellecia e despojava levemente todo aquelle povo d'arvores. Passavamos por deante de *cottages*, de jardins, de pomares, e sempre, através dos ramos, para além das casas, entre as ramagens ou no entrelaçamento dos troncos, luzia, azul como uma pupilla humana, a agua infinita do Mediterraneo.

Ao fundo, sobre a negra terra d'Africa, erguia-se o Atlas, tão bello, tão forte, tão vivo como nos velhos tempos mythologicos, quando elle sustentava nos hombros gigantescos o céu com todo o seu povo de deuses.

Nada ha egual á sensação de se caminhar assim entre arvoredos, vendo sempre reluzir o fino azul da agua.

Descançamos um momento n'um jardim cheio d'uma doçura infinita. Toda a sorte d'arvores, de ramos delgados, se entrelaçam, se prendem e limitam o horizonte, deixando-o entrever apenas, sereno e azulado, para além das suas ramagens. É aquillo, alli, um centro suave, longe do mundo, estreito e ao mesmo tempo illimitado, onde a vida e a sensação se espiritualisam e se confundem com o alto pensamento vital das cousas. A vida, o ruido, os soldados, os uniformes vermelhos, as trombetas, os veus das mouras — nada alli chega: uma muralha d'arvores, de relvas, de plantas, isola aquelle logar de contemplação. Só se vê o mar, o céu azul, as montanhas, tudo quanto é sereno e ineffavel. Nada da vida material alli captiva a alma. As finas sensações delicadas, as percepções intelligentes florescem, envolvem o espirito. Senta-se a gente, e olha, e contempla: não tem idéas, nem observações, nem critica — mas apenas uma vida inerte, tão divinamente passiva como a vida das cousas.

O mar, o céu, os montes, a luz, penetram-nos, vivem em nós, emballam-se e resplandecem na nossa alma.

Sente-se que aquella região deve ser habitada por espiritos. Pensa-se apenas em coisas leves, onduladas, transparentes : em linhas puras, em sensações simples — e a nós, homens inquietos e nervosos, corroidos pelas afflicções da realidade e pelas dôres do trabalho, a primeira idéa que nos vem é a de esquecer, ficar alli esperando a vida, como a esperavam as antigas almas dos poemas d'Homero nas serenas e nubladas regiões inferiores !

Alli, se o homem pensasse em construir, só lhe lembraria a linha pura, a recta suavissima ou a lenta curva toda aberta ao dia e á luz. Se o homem pensasse em soltar a voz, fal-o-ia cantando — e parece que todo o pensamento humano deveria ter naquellas paragens a modulação natural d'um verso de Virgilio.

Alli, as coisas immensas têm a perfeição das coisas delicadas : o mar lembra uma pervinca, o céu uma amethysta . . .

Aquella região é a patria das almas.

III

MALTA

Embarcámos no *Delly*, paquete da India, e sahimos de Gibraltar por uma manhã fresca, rosada, virginal, cheia de graça. Os montes esbatiam-se, azulados, e, no céu claro, reluziam em relevo brancuras d'Algesiras e de S. Roque. Em redor, voavam gai-votas.

O espesso morro de Gibraltar estava coberto de nevoas, hostile : se as serras têm physionomia propria e raça, aquella serra é goda : severa, impenetravel, dura, pesada, negra . . .

Uma viagem no paquete da India é monotona : *misses* loiras, frias, correctas, ageis, com nuvens d'ouro sob os chapéus de palha, pés firmes de marinho, e trazendo sempre na mão algum numero da *Revista d'Edimburgo* ; capitães da India, fortes e explosivos, de chapéus excentricos, lendo Keapling ou livros sobre os costumes dos povos barbaros, e jogando jogos de destreza ; velhas philantropicas ; funcionarios que vão para a India, impassiveis e enfastiados ; una antipathia discreta e polida entre protestantes e catholicos ; o jogo do *bezigue* ; um silencio grave e contido ; um certo sentimento de protecção do ser physico pela segurança do Mediterraneo ; comidas especiaes d'hora a hora ; algumas cantigas irlandezas, á noite, no *harmoniflute* do commandante ; *wisky and soda, brandy and soda, punch* e cerveja—tal é a vida a bordo d'um paquete da India.

De resto, a viagem era adoravel. O mar parecia uma sêda azul, levemente franzida, d'um azul profundo, vivo, implacavel, quasi negro. Envolvea-nos um calor tepido e dissolvente. Ficava-se horas es-

quecidas olhando a immobilitade resplandecente do mar. De noite, havia phosphorecencias, e a prôa do navio abria na serena superficie da agua duas pregas de luz que se afastavam como as duas antenas d'um insecto.

Iam a bordo algumas individualidades curiosas: um official da India, sobretudo, o verdadeiro typo do saxonio dominador contido pela vida moderna e em que se sentia ainda o barbaro primitivo. Era alto, fortemente córado, d'uma saude poderosa. Tinha o perfil puro e uma barba espessa cercava-lhe o rosto; os seus movimentos eram gymnasticos, violentos, e bebia copos de cerveja a fundos tragos como os velhos barões das *Walkirias*. A sua voz era forte, propria de quem commanda. A sensação, n'elle, era rapida e explosiva: um verdadeiro barbaro. De resto, um *gentleman*...

Tinhamos tambem o *purser*, o typo do burguez da *City*. Este, afagava um ideal, uma aspiração: fallar bem o brasileiro!

Havia ainda uma velha philantropica, de toda a sorte de Sociedades: *Sociedade Protectora dos Animaes*, *Sociedade Protectora dos Pequenos Pata-*

gonios. Fazia a propaganda do ensino, e queria ir civilisar os indiozinhos e fundar escolas no districto de Calcutá.

Mas a figura mais estranha de bordo era uma ingleza nascida no Industão : trigueira como um bronze claro, mysteriosa como um idolo, alta, com movimentos lentos e rythmicos de serpente, silenciosa e servil, tinha um não sei quê de phenicio nos labios grossos, pesados, sensuaes ; e com os seus olhos cerrados, obliquos, negros, falsos e voluptuosos, parecia pertencer a um culto antigo ou ter vivido nos bosques sagrados de Carthago. ¹

Navegamos assim trez dias.

Por uma tarde escura, fusca, pesada de nuvens, sob um céu confuso e hostil, avistámos uma terra baixa, livida e inexpressiva, onde se distinguiam aldeias espalhadas, d'attitudes monumentaes : era Malta.

¹ Eça de Queiroz aproveitou estas paginas, reproduzindo-as quasi textualmente no *Mysterio da Estrada de Cintra*.

Quando parámos, toda a agua sombria em volta do navio ficou coberta de pequenos barcos, leves e esguios, alumiados por uma lanterna.

E aquellas lanternas, movendo-se sobre o fundo escuro da agua, lembravam as ultimas faulhas que correm sobre um papel queimado e negro.

A noite era tenebrosa, sem communicação com o céu impenetravel, e Lavalette, capital de Malta, recortava no escuro o seu perfil confuso.

Era aquella, pois, a terra heroica de Malta, rochedo isolado da antiga cavallaria inimiga do turco !

Era alli que o ultimo Mestre, Villiers de l'Isle-Adam, batido em Rhodes depois de assombrar pelo seu heroismo o sultão Solimão, depois de haver deixado Rhodes com os seus cavalleiros, levando os vasos sagrados e as reliquias, de ter navegações aventurosas no claro archipelago, de errar pelas estradas — christão buscando uma patria para a sua Ordem — viera assentar a sua energia indomavel — e alli ficára, como uma ameaça constante suspensa sobre o mundo do Islam !

Era aquella Malta que nós iamos vêr . . .

Entramos para a cidade por uma grande escadaria cheia de mendigos, de vendedores de fructas, de contrabandistas de coral, de pregões, de vadios e de lama . . . Assim se sobe para Malta.

Achamo-nos então n'uma rua d'um estranho character. As paredes brancas, claras, immensas, desenhando linhas severas de muralhas, têm um aspecto mysterioso, e fazem pensar ao mesmo tempo no Oriente e na Renascença Veneziana.

Grandes balcões envidraçados e salientes dão ás ruas um perfil pittoresco. D'ambos os lados erguem-se casas enormes, de physionomia altiva e impenetravel, longas arcadas mysteriosas, terraços successivos, fragmentos d'esculpturas, detalhes admiraveis — e tudo aquillo se amontôa n'uma confusão de palacios, de prisões, de serralhos, severos e esculpturaes, que parecem italianos pelo mysterio e orientaes pela phantasia. Era pelo menos assim que Malta nos apparecia, de noite, tragica e enorme na sombra, conservando na attitude orgulhosa dos seus edificios a reverberação do seu passado heroico.

E nós iamós procurando reconstituir a vida in-

tima d'aquella cidade nos tempos asperos da « Ordem ».

Viamos, de fóra, os monumentos esbatidos na escuridão : alli, era o palacio dos grão-mestres, com a sua extensa galeria, as janellas esguias, todo o seu aspecto que faz pensar em grandes salas d'armas ladrilhadas, em vastos pateos onde brilham tanques entre arvores, em longos corredores abobadados e mysteriosos, e nas frestas estreitas d'onde se vigia o mar e se espreitam as velas dos piratas d'Argel.

Alli era o Observatorio; alli, a Egreja de S. João. Mais longe, eram as pousadas de Castella, da Baviera, da Provença : alli se reuniam os cavalleiros de cada nação, alli se deviam passar as longas vigílias d'armas e ouvir as cantigas das patrias distantes e as largas historias de batalhas e d'aventuras...

Todo aquelle mundo pittoresco e barbaro nos voltava á memoria, e evocavamos Malta povoada dos seus cavalleiros brancos, trazendo a cruz vermelha no peito, altivos, brutaes, exilados alli como n'um claustro feroz, e espalhando-se pela cidade

em cavalgadas, aos grupos, ou, sobre as fortificações, espreitando no horizonte uma brancura de vela turca . . .

Hoje passam alli os uniformes inglezes, os carros excentricos cheios de marujos, as maltezas com as suas faldetas semelhantes ás antigas mantilhas do Porto. De resto, as ruas são alumiadas, largas, cheias de lojas, de movimento e de *vitruines* que resplandecem — emquanto, por cima, as negras faces das antigas casas mostram ao céu os seus perfis impenetraveis.

Por toda a parte circulam os inglezes, fardados de vermelho, de escuro, de branco, louros, ruidosos e pesados . . .

Aquella pobre Malta, que foi dos gregos, dos carthaginezes, dos phenicios, dos romanos, dos turcos, de Carlos Quinto, dos francezes, dos italianos, de todos os cortezãos, de todos os bastardos, de todos os piratas, veio a ser emfim da Inglaterra, immenso cesto de trapeiro de todas as terras-farrapos !

Por fim, fomos parar a um theatro, branco como neve e d'estylo vulgar, onde ouvimos a musica romantica da *Favorita*. Na plateia, os uniformes vermelhos resplandeciam ; em redor, perfilavam-se mulheres feias, alouradas e inexpressivas. Apenas uma pequena *miss* nos attrahiu o olhar : divinamente loura, modelada como uma grega, rosada, fresca e virginal como um fructo do Paraiso — disseram-nos ser M.^{elle} Tostoli, dançarina malteza !

O paquete partia á meia-noite, e nós descemos melancolicamente até ao caes as ruas seculares de Lavalette.

Atravessamos Malta como n'um sonho : de repente, no meio do mar, tínhamos encontrado aquella ruina romantica — veneravel pelas legendas do passado e as marcas da historia, heroica e galante com os seus edificios orientaes e os seus aspectos mysteriosos — cheia de luz, de ruido, d'inglezes, e vagamente sonora da musica da *Favorita* !

Um^{as} horas depois, toda aquella visão da historia e do romantismo tinha desaparecido no meio da noite — e nós continuavamos no mar nocturno a nossa viagem para Leste.

DE ALEXANDRIA AO CAIRO

I

ALEXANDRIA

De manhã, avistámos uma terra baixa, negra, ao nível do mar. Era o Egypto.

Approximámo-nos da entrada, terrível, com a sua muralha de rochedos cobertos d'espuma. Ao fundo, via-se uma linha d'areia, d'uma côr fulva, como os leões: era o Deserto. Junto á agua erguia-se uma cidade de grandes edificios brancos, e ao longe, n'uma ponta de terra, recortavam-se palmeiras. Era enfim Alexandria.

Demorámos a ancorar. A distancia, erguia-se a columna de Pompeu.

Em redor do paquete, barcas arabes, tripuladas

por figuras negras, ageis, luzidias, de turbantes coloridos sobre caras esfomeadas e rostos estreitos, corriam rapidamente, inclinadas sob o vento. Aquelles homens fallavam uma lingua guttural, aspera, arrastada, de que se não podia sequer comprehender a intenção das phrases. Havia velas riscadas de vermelho e o sol batia nos grandes edificios brancos de Alexandria.

Saltámos para um barco. Os arabes remavam com grande ruido, fallando violentamente, n'uma agitação perpetua. Ao passarmos junto d'um dos grandes navios do Pachá, a bandeira vermelha de crescente branco desdobrava-se; no tombadilho, distinguiam-se figuras escuras, com largas calças vermelhas, e o *tarbuch* escarlate na cabeça. Corriamos sobre a agua azul da bahia: viamos palacios, um edificio com uma cupula redonda, um minarete. O enorme palacio do Pachá, no gosto italiano, assentava ao longe, na areia, a sua massa monotona. Um céu immovel, infinito, profundo, deixava cahir uma luz magnifica

Eu, entretanto, pensava que ia pisar o solo d'Alexandria. Estavamos talvez na mesma agua em que

outr'ora tinham fundeado as galeras de velas de purpura que voltavam de Actium! Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bysantina, onde estás tu? Onde estão os teus quatro mil banhos, os teus quatro mil circos, e os teus quatro mil jardins? Onde estão os teus dez mil mercados, e os doze mil judeus que pagavam tributo ao santo kalifa Omar? Onde estão as tuas bibliothecas, e os teus palacios egypcios, e o jardim maravilhoso de Ceres, oh! cidade de Cleopatra, a mais linda das Lagides?

Estavas deante de mim: e eu via construcções vastas, desmoronadas e negras, feitas do lôdo do Nilo, um logar enlameado e immundo, cheio de destroços, uma accumulção de edificações miseraveis e inexpressivas!

Sobre o caes, uma multidão de arabes gritava, empurrava, grunhia. Um camelo carregado caminhava solemnemente. Velhos barcos chocavam-se no arfar da agua junto a um caes de pedra, polido das marés — e aquellas pedras cobriam um solo veneravel, quasi mythologico, conhecido d'Homero!

Era alli a ilha de Pharos. Os Ptolomeus ligaram

aquella ilha á terra firme por uma calçada de pedra, um isthmo, povoado de casas. A calçada foi-se alargando, e agora, sobre ella, assenta Alexandria, tão fortemente como o Cairo assenta na terra do velho Egypto.

Sobre o caes, um homem de bigode militar, longo casacção esfarrapado, vil e ignobil, vergastava com o *curbach* de pelle de bufalo um pobre *felláh*¹ de rosto egypcio, a cabeça pequena, o olhar levemente ebrio, a face saliente, os pés espalmados. O miseravel, vergado, arquejando, esperava n'uma attitude dobrada e paciente o fim das vergastadas. O homem d'aspecto militar deixou cahir o braço, o *felláh* sacudiu-se — e arremessou-se com uma violencia avida sobre as nossas bagagens...

Defronte, abria-se um grande arco na fachada d'um enorme edificio : era a alfandega. O sol cahia, mordente. Um velho com uma cara devastada e ignobil, pedia, sombrio, o « obulo do derviche », estirado n'uma attitude impassivel contra a parede do edificio. Em redor de nós e das nossas bagagens,

¹ Proletario egypcio.

havia um rondar avido, sofrego, um clamor miseravel, pernadas, vergastadas, e um cheiro fastidioso . . .

Assim tu nos appareceste, ó negro Egypto, romantica terra dos Kalifas !

Equilibrados n'uma carruagem forrada de chita, com um cocheiro albanez, entre o monte das nossas bagagens, precedidos d'um *saïs*,¹ começámos a atravessar o bairro arabe. É uma rede de ruas estreitas, infectas, obstruidas de lama, de construcções irregulares, desmoronadas, caducas, feitas de todos os materiaes, desde o marmore até ao barro, com todos os aspectos, um imprevisto extremo de linhas e d'architecturas, e cheias de uma multidão ruidosa de turbantes, de *tarbuchs*, de gorros gregos, de barretes albanezes, de albornozes, de mulheres envoltas nas suas tunicas brancas, de burros carregados, trotan-

¹ Especie de correio que acompanha sempre as pessoas de distincção, correndo ao lado da carruagem ou da montada.

do miudamente. E aquillo é confuso, pittoresco, estranho e miseravel.

Chegamos enfim á Praça dos Consules. É uma praça enorme, cercada de vastas casas, hotéis, consulados, bancos, casinos e casas de negociantes levantinos. Sente-se já alli o Oriente. Um sol pesado e morno cobre o largo. Passam fileiras de camelos ; *fellâhs*, carregados, correm, com as tunicas azues cheias d'ar ; ás esquinas, cambiadores de moedas, com o dinheiro em grandes cestos, encruzam-se em cima d'esteiras. Mais longe, vendedores de flôres fazem os seus ramos, junto ao muro d'um jardim d'onde pendem como guarda-soes as folhas agudas das palmeiras. Vêem-se flôres maravilhosas, largas, d'uma carnação luminosa e d'um aroma acre. Mulheres d'attitudes altivas, ainda jovens, vibrantes, passam, envolvidas em tunicas pardas que lhes modelam o corpo, os braços sahindo de largas mangas pendentes, e com uma tira de panno presa ao alto da cabeça, que deixa uma fenda para os olhos e lhes desce até aos pés. Cruzam-nos levantinos, a galope nos seus pequenos burros ageis e finos, arreados com altas sellas vermelhas. Um regimento de

soldados do Pachá atravessa a praça : são negros, trazem fardas brancas, o *fez* escarlata, um grande sacco às costas, e, ao lado, um terçado curto: rostos duros, oleosos, lustrosos, osseos. Um official galopa á frente sobre um cavallo arabe de pescoço arqueado, e o seu alfange recurvo, dourado, inutil, bate contra o xairel de velludo bordado a ouro.

De resto, o aspecto de praça é trivial. As casas são massas de cantaria, monotonas e cerradas. Sobre o asfalto abrem-se as portas dos cafés e dos bilhares. Esquecido sobre uma mesa, vemos um numero do *Figaro*. Nas esquinas ha cartazes das *Bouffes-Parisiennes*. Algumas *gourgandines*, com a cabeça enfeitada, arrastam pela lama grandes saias de sêda.

É uma cidade baixamente mercantil. As colonias que a habitam, gregos, italianos, marsellezes, estão alli de passagem : opprimem, sugam, engordam, alcançam escravas no Fayoum, e encerram-se nas suas casas pretenciosas, cheios de comida, d'agiotagem e de sensualidade. O movimento é todo commercial, rapido, precipitado. As ruas são ladeadas de armazens ; as carroças deixam sulcos

na lama. O interesse, a aspereza do ganho, o estado de colonos espoliadores, dão um aspecto de brutalidade e d'avidez áquella população ; aqui, o grego perde o seu perfil correcto, agradável e penetrante ; o marselhez já não tem a sua physonomia quente, expressiva, subtil, aventureira, nem o italiano os seus traços voluptuosos e cheios. Têm todos feições combativas e aguçadas de exploradores avidos.

Fomos visitar, momentos depois,
 Bey, um dos ministros de Ismael-Pachá. Estava no Banco Egypcio. -Bey é um renegado. É um homem grosso, pesado, forte, de physionomia larga e oleosa, bocca cavernosa e cheia de negruras, coberta por um bigode enorme e grisalho ; fixa-nos com uns olhos vivos, levemente fatigados, voluntariosos e libertinos. É immundo : encontrámo-lo afogado em suor, com os sapatos desatados, o casaco preto ennodado e uma camisa cheia de vincos negros. Fallámos pouco tempo. Pareceu-me um homem extremamente limitado, grosseiro, avido para a exploração. Adivinha-se alli um dos peque-

¹ Indecifrável no original

nos tyrannos do paiz, desembarcado um dia n'algum porto do Egypto, vindo da Syria ou da India, miseravel e astuto, elevado pela força, pela intriga, pelas complacencias deshonestas, devorador, brutal, vaidoso, entorpecido pelo uso das escravas, mantendo-se pelo servilismo. Uma cousa apenas era admiravel n'elle : as suas *cigarettes* turcas !

Percorremos algumas ruas. Sempre o mesmo aspecto : um largo espaço de lama, bordado de altas massas d'alvenaria pintadas de côr de rosa ou amarello, quadradas, symetricas, silenciosas, recortando-se n'um azul sublime !

Positivamente, Alexandria começava a enfasiar-nos. A tarde cahia. Algumas carruagens passavam na praça, cheias de levantinos de *tarbuchs* no alto da cabeça, e de *commis-voyageurs* ruidosos, com grande cabellos untados de pommada, bigodes frisados, attitudes de cabelleireiros, d'um genero canalha. É a mocidade commercial d'Alexandria. Passavam tambem damas levantinas, enormes, envoltas em tunicas brancas, apoiadas ás almofadas das carruagens, semelhantes a saccoes de farinha. Vimos outras damas ainda, nas suas *vitorias* go-

vernadas por cocheiros nubios, agaloados d'escarlate, n'um luxo imbecil, ruidoso, d'uma affectação voluntaria: sente-se o mau gosto, a falta d'elegancia delicada, os instinctos baixos do burguez enriquecido e perverso . . .

— Onde se passeia ?

— No Mamudiêh.

O Mamudiêh é o canal que traz a Alexandria a agua do Nilo. Serve para o consumo e para a navegação.

Passam-se as ruas triviaes e silenciosas, e começa-se a penetrar n'uma paisagem d'uma inesperada originalidade. Caminha-se a passo, n'uma grande avenida de sycomoros de folhas delgadas. Ao lado, alguma construcção abandonada ; depois, collinas d'areia : é o começo do deserto Lybico.

Deixa-se a avenida e penetra-se entre bosques de palmeiras : os troncos são enormes, as folhagens flexiveis arqueiam-se. Vegetações pendem das folhas reluzentes, fortes, crescendo em confusão. Está tudo empoeirado do vento do deserto. É uma paisagem muito quente, d'um colorido poderoso. Cruzamos fileiras de camelos. Um beduino, já velho,

encruzado sobre o seu dromedario, com o corpo n'uma oscillação monotona, a lança pousada sobre os joelhos, olha-nos gravemente. Um velho musulmano de tunica azul, grande faixa escarlata, turbante branco ou verde, passa solemnemente, montado no seu burro, as pernas pendentes, desfiando um rosario.

Há um grande silencio. Chega-se ao Mamudiêh. Maravilhoso aspecto: a luz desmaiada já escureceu um pouco; o céu, para o poente, tem grandes nodoas ensanguentadas, esbatidas sobre um fundo de opala. Uma avenida larga corre junto ao canal. D'um lado, são os muros dos jardins do palacio, cheios de copas d'arvores que se debruçam, cobertas de flôres, derramando um aroma dôce. Do outro, fortes sycomoros mergulhando na agua as suas raizes poderosas.

A agua tem uma immobilidade vagamente luminosa. Alguns *dahabiêhs*,¹ no canal, estão amarrados ás margens. As ramagens lustrosas das arvores

¹ Grandes barcas para o transporte de passageiros no Nilo.

faiscam na tarde escura ; sente-se o cheiro acre, a sensação de terra queimada do sol. Mulheres *felláhs* descem, com a bilha ao hombro, até ao canal.

A linha de verdura, na outra margem, recorta-se nitidamente em escuro sob o céu amarellado e quente : são massiços redondos e concavos de folhagens baixas, d'onde, a espaços, uma esguia palmeira se ergue, como a cupula verde d'um minarete agudo.

Ás vezes um barco desce, com as velas abertas como as duas azas d'uma cegonha. Ha um silencio, uma serenidade tropical, abafada, aromatisada . . .

Volta-se. Os cafés estão ruidosos, os casinos alumiados. Alguns *felláhs*, deitados no asfalto, enrodiados nos seus mantos, dormem sob a nevoa, á luz das estrellas. Nas ruas escuras, de longe em longe, passa um arabe com uma lanterna . . .

Ao outro dia deviamos ainda ficar em Alexandria. Tinhamos curiosidades classicas a examinar.

Havia um calor morbido. Fomos por isso ao *bar* arabe, sobre a bahia, na margem isolada.

O terraço do café, coberto d'um alpendre, abre sobre a agua e o mar estende-se a perder de vista, sereno, azul, pacifico, coberto de luz. Ao longe, uma ponta de terra adianta-se pela agua: distingue-se uma cupula branca, scintillando, e uma palmeira, ao lado, levemente inclinada. No horizonte distante ha uma nevoa de luz.

Ahi, toma-se o café turco e fuma-se o *narguiléh* persa. Lentamente, o fumo vae adormecendo o espirito no calor tepido e dissolvente. As qualidades fortes, a energia, a vontade, dissipam-se, esvaem-se n'uma somnolencia dôce. Cae-se n'aquelle estado que os arabes chamam o «kiéf». É uma especie de desmaio vivo: a vida torna-se toda passiva, quasi vegetal. Do *narguiléh*, eleva-se um fumo azulado e dôce. Pensa-se apenas por imagens, por fórmas. O cerebro vive no fundo d'um sonho. O azul entorpece... Passa um bando de pombas: vêm de Malta, vêm de Cythera... A cabeça encosta-se, n'um adormecimento de todo o corpo...

E comtudo o animal em nós *sente* em toda a sua plenitude . . . É terrivel !

Depois, é necessario andar depressa, mover gymnasticamente os braços, pensar em cousas energicas, querer fortemente : só assim se sae completamente da prostração.

Quando a tarde cahia, fomos vêr a columna de Pompeu. É uma alta columna grega, de granito rosado, que se ergue sobre uma collina d'areia. Foi elevada em honra de Diocleciano por um *Prefeito* do Egypto.

Alli, n'aquella solidão, tem uma melancholia activa e cheia de passado. Ao pé, negreja uma estatua de granito do tempo de Ramsés, meia enterrada na areia, coberta de immundicies.

Estende-se em redor da collina um cemiterio arabe : pedras lisas, tendo, no logar do calvario, uma pequena columna coberta por um turbante ; e aquellas pedras lisas espatham-se pela desolada areia, sem arvores, sem sombra, sem flôres, ao acaso. De dia, as creanças brincam alli, sordidas,

com os olhos cheios de moscas. Ao escurecer, as patrulhas vagueiam entre os tumulos, trazendo uma lanterna ; depois, os chacaes uivam até á madrugada . . .

Ás vezes a familia do morto vem visital-o : traz o seu *pilau*, o seu *pasteque*, o seu bolo, e come junto á lapide, silenciosamente. Depois, as mulheres debruçam-se sobre a sepultura e soltam aquelles gritos agudos, tremulos, guturaes e desolados, que são particulares ás mulheres do Oriente, e que, ou seja na *zagarita* do noivado ou nas cerimoniaes funera-rias, têm um encanto fatal e fazem pensar em cousas sobrenaturaes.

Fomos tambem vêr, conscienciosamente, as Agulhas de Cleopatra. Encontramol-as n'uma horta cercada d'uma fileira de casas : uma, está de pé, nitida, de granito rosado ; as outras jazem, deitadas no chão : em redor, crescem legumes. Approximei-me, e depois de as vêr e de me compenetrar de que tinham pertencido ao templo de Heliopolis, e de que haviam sido trazidas para Alexandria para serem

collocadas dentro d'um templo dedicado a Ceres, voltei os olhos e bocejei . . .

Oh ! querida Alexandria, cidade de Cleopatra, de Amrú e dos padres da Egreja, como tu nos foste fastidiosa e pesada !

Assim, ao outro dia, pela pallida manhã, tomamos o caminho de ferro e partimos para o Cairo.

II

O DELTA

Um poeta arabe comparou o Delta a um leque verde, um pouco fechado, tendo na extremidade, no cabo, uma joia finamente cinzelada que é o Cairo.

Com effeito, junto do Cairo, o Nilo separa-se em dous ramos, que se afastam como as hastes d'um compasso, e que vão, um, desembocar em Rosetta, antiga cidade hoje arruinada, e o outro, a Damietta, onde se bateu S. Luiz.

Os antigos conheciam sete ramos do Nilo: como o Python mythologico, o Nilo mergulhava as suas sete cabeças no mar. No entanto, o tempo, as areias, o desleixo das dynastias persas, a incuria turca, a

inercia arabe, a falta de canaes e de diques, fizeram com que cinco ramos se enlodassem, seccassem e se lhes perdesse os vestigios.

Hoje, o Nilo reparte-se todo pelos seus dous ramos de Rosetta e de Damietta. A terra triangular que fica entre estes dous ramos do Nilo é o Delta, terra tão fecunda que, outr'ora, só por si alimentava o mundo romano.

A vida do Egypto é o Nilo: sem o Nilo, o Egypto seria apenas a continuação do Deserto Lybico, até ao mar Vermelho. Assim, é o paiz mais fecundo em que ao homem foi dado semear.

O Egypto é o valle do Nilo. É um traço de vegetação, de vida, de frescura, através da infinita lividez do Deserto.

Evidentemente, alli houve outr'ora um grande mar: cavando-se a terra, mesmo no Delta, mesmo nos logares onde é maior a abundancia de culturas, encontra-se uma camada de terra vegetal, e debaixo d'aquella camada, um deposito de areia do mar, d'uma profundidade indeterminada, que provavelmente vae pousar na rocha. Remotamente, talvez se estendesse alli a planicie livida de Ceres,

solidões pedregosas que iam até ao Mar Vermelho, desde o deserto d'areia do Sahará.

Depois, o Nilo desceu das suas origens mysteriosas — que hoje parecem ser os lagos da Abyssinia — e por onde passou criou a vida. Onde chega a sua agua tudo floresce e germina. Junto ao Nilo, o alimento ; para além, o fulvo deserto. Ha pontos onde a separação entre as culturas e a areia é marcada como por um traço. A verdura termina brusca-mente, como a agua d'um lago : uma cobra pôde ter a cauda escondida na vegetação do Baixo-Egypto e a cabeça pousada no calor da areia ly-bica.

Todos os annos o Nilo cresce, sobe, alarga-se, espalha-se, possante, sobre os torrões crestados pelo sol : deixa o seu lôdo, vivifica, trabalha, alimenta, germina, fecunda e recolhe-se ao seu leito serenamente. Assim o Nilo, sendo o fundo da vida agricola, é o fundo da vida civil. Tem instituições, legislações, festas, preces, guardas, pregões. As estações regulam-se por elle : estação do Crescer da Agua, estação do Descer da Agua, estação da Agua Natural. Sobe durante quatro mezes ; desce duran-

te quatro mezes ; e durante os outros quatro mezes conserva-se pacifico e neutro.

No nosso Paiz é o céu que cultiva os campos ; é elle que rega, que amadurece, que conserva, que manda a chuva, o calor, o orvalho. No Egypto, o céu é indifferente á vida dos homens : limpo, liso, profundo, eterno, implacavelmente azul, tem a hieratica indifferença d'um Idolo. É o Nilo que trabalha a terra.

Em Junho, quando o sol faisca no azul immovel, o *fellâh* que a todo o momento olha, espreita o bom Nilo, seu antigo pae, começa a vê-lo perder a sua transparencia : em toda a sua largura, ha oscillações, contracções, como os movimentos d'um monstro que principia a caminhar : é o Nilo que começa a crescer. Dentro em pouco, toma uma côr esverdeada e baça ; depois, em toda a sua largura apparece um tom vermelho, sanguineo : a corrente é mais poderosa, a agua sobe devagar, os campos proximos começam a ser afogados. Então amarram-se os barcos junto ás aldeias ; o *fellâh* toma a sua *durbaka* de cordas de metal, as mulheres reúnem-se em coros, batendo as mãos,

e por todo o valle do Nillo começam os cantos, as festas em sua honra.

Elle, na sua beatitude, cresce serenamente, igualmente, sem injustiça nem colera. Às vezes, quando, em Junho, ainda o Nilo se conserva immovel e por todo o Egypto se receiam a fome e as pestes, os *cadis*, os *pachás*, os *imans*, os *ulemas*, os *derviches*, vão em grandes procissões, escoltados de soldados, seguidos dos clamores da turba, através do velho Cairo até á mesquita d'Amrú. Foi alli que pousou, sobre a tenda d'Amrú, a pomba vinda de Mecca, o logar santo. A multidão prosterna-se deante d'um sanctuario especial, o *Mih-rab*¹ do *Crescer da Agua*, e mergulha no grande silencio da oração. E ao outro dia, o Nilo começa a crescer.

Outrora, no tempo do velho Egypto dos Pharaós, houve um rei, Aménémhat III, que tinha feito uma obra immensa e genial. No alto Fayoum abri-

¹ Chamam-se *mihrabs* aos pequenos sanctuarios ou nichos, voltados para o lado da Mecca, existentes nas mesquitas.

ra uma excavação enorme, creando um lago : chamou-se-lhe o lago Mœris.

Estava ligado ao Nilo por um canal, a que depois se deu o nome de Youssub-Joulh. Quando a inundação era abundante, a agua levada pelo canal enchia o lago, e alli ficava, immovel, como um reservatorio poderoso. Quando a inundação era insufficiente, abriam-se os diques --- e as aguas do lago Mœris voltavam, a ajudar o Nilo. Tive sempre enorme admiração por esta obra simples e pharaonica, que levava a agua onde nunca chega a inundação e assim ia alargando o terreno de cultura e conquistando o deserto. Hoje, o lago Mœris é uma ruina que os habitantes de Abú-Kúch mostram por tres piastras.

Ego que as aguas do Nilo começam a crescer, abrem-se os canaes de derivação que levam o rio aos campos distantes, que o guiam como um monstro ignorante e bom a toda a parte onde haja uma esterilidade a curar.

No Nilometro, espreita-se a cada momento a

altura da agua ; promettem-se peregrinações á Mecca ; invoca-se o velho Nilo ; as mulheres cantam-lhe cantigas que elle escutará ; e pelos bazares andam pregões, dizendo n'uma voz rythmica e psalmodiada a altura que a agua vae tomando. É d'isto que o Egipto vive !

D'aqui, uma idéa dolorosa : todo o Egipto, d'Alexandria á Nubia, a sua abundancia rica ou as fomes e as pestes que o podem devastar, toda a sua sorte, depende, todos os annos, dos homens que governam o paiz do fundo dos seus harens do Cairo. Se os canaes de derivação estão bem lavados, bem conservados, desobstruidos ; se os diques estão solidos ; se os regulamentos para a irrigação são executados com justiça, a inundação é util, a vida sae da terra com uma poderosa energia. Se os canaes, porém, andam esburacados e os diques cobertos de lôdo ou rotos ; se a rega é feita irregularmente, sem cuidado, então a inundação é contrariada na sua bondade natural, a sua fecundidade é neutralisada, e o Egipto tem fome durante annos !

No tempo dos Pharaós a inundação dava resultados maravilhosos ; mas com a invasão dos Persas,

o Egypto empobrece ; veem os Ptolomeus, e a sua administração sabia dá novamente uma riqueza abundante ao Valle do Nilo. Sob os Romanos, essa abundancia decresce ; sob o dominio turco, morre.

Nas terras altas onde não chega a inundação, o *fellâh* prepara artificialmente a cultura. Não é necessaria a charrua : basta a agua e o lôdo do Nilo. A agua e o lôdo, eleva-os o *fellâh* por meio do *chadúf*.

O *chadúf*, conhecido no Egypto desde a mais remota antiguidade, e que já se encontra nos baixos-relevos e nos porticos dos templos, é uma especie de trapezio de pau, erguido junto á agua do rio. Sobre a barra do trapezio, gira verticalmente uma longa alavanca delgada ; d'uma das suas extremidades, pende, presa por uma correia flexivel, uma larga taça, ou mesmo um cesto de folhas de palmeira cobertas de barro, ou ainda um balde de couro. Na outra extremidade da alavanca, um forte contra-peso, feito de terra secca, facilita a subida do balde cheio d'agua. O *fellâh* puxa pela correia, mergulha o balde no rio, enche-o ; o peso, collocado na outra extremidade ergue-o devagar, e

o *falláh*, quando o balde está suspenso no ar, em equilibrio, ou deita a agua n'um reservatorio d'onde a vem tirar um segundo *chadúf*, se as terras a regar são mais elevadas, ou nos canaes, directamente, se as terras ficam ao nivel do primeiro *chadúf*. Quando as margens são altas, ha assim collocados para a ascensão da agua, quatro e cinco *chadúfs*. É um trabalho duro, paciente, fatigante, cruel; os *felláhs* manejam o *chadúf*, arquejantes: é necessario tirar a agua, ou sob o sol implacavel ou nas neblinas humidas da noite. Assim se regam as terras afastadas, ou que, pela sua inclinação, não têm o contacto do Nilo; assim se obtêm as regas artificiaes.

Os *felláhs* cantam, ao mover o *chadúf*: eleva-se sempre, junto ao Nilo, aquella musica barbara, como uma melopeia melancholica, arrastada, plangente; ouvem-se de noite aquelles cantos lentos e dôces espalhando-se no céu cheio d'estrelas.

Nas terras baixas, as aldeias repousam: repousam durante a hora da inundação. Os campos estão cobertos d'agua: navega-se em pequenas canôas

feitas de troncos de palmeiras ; os remos cortam a luzente immobilidade de agua como peixes que nadam ; os bandos de pelicanos e de patos banham-se ao sol.

Ao descer da agua, os trabalhos começam em todo o Baixo-Egypto. Os campos ficam cobertos d'uma terra lodosa, molle e negra. Os *fellâhs* atiram a semente ao acaso, ás mãos cheias, e pelo seu proprio peso a semente penetra, afunda-se, sepulta-se na terrâ molle. Nem charrua, nem adubo — e quando a inundação terminou, começam os campos inundados, a que se chamam *bayadys*, a cobrir-se de trigo, de aveia, de fava e de lentilha, que são a alimentação do *fellâh*, e depois de *guilban*, que é o sustento do boi !

E aquellas culturas estendem-se até ao horizonte, verdes, ricas, pacificas, claras, scintillantes d'agua e cobertas de sol.

III

ATRAVÉS DO DELTA. CONSIDERAÇÕES SOBRE O EGYPTO CONTEMPORANEO

Deixáramos Alexandria alegremente. Aquella monotona cidade, cheia de *boulevards* e de casinos, no sitio onde o solo ainda está quente dos passos dos Ptolomeus e das sandalias de Cleopatra, pesa-ra-nos como a pagina d'un livro commercial intercalada no arabesco phantastico das *Mil e uma Noites!*

Emporte-moi wagon; enlève-moi frégate . .

diziamos nós, com o espirito satanico que habita nas *Flôres do Mal!*

O wagon, com effeito, arrastava-nos pelo lago Mareotis, até aos ramaes de Rosetta e de Damietta, através do Delta.

Iamos sentados ao pé d'um engenheiro do Canal de Suez. A luz clara d'Outubro envolvia a *cabine*, e, n'uma grande surpresa, viamos, olhando pela janella, a doçura de paisagem do Baixo-Egypto.

Era uma manhã um pouco humida. Grandes nuvens brancas, estiradas, riscavam o céu descórado.

Ao principio, terras pallidas, lividas, cortadas de vallas d'agua, como tiras horizontaes, uniformes, tristes. Depois, as terras desapparecem, e o comboio corre sobre uma estreita caleira de pedra, através do lago. Vê-se então, no horizonte, reluzir vividamente aquella agua immovel, pesada de sol, estirada, levemente franzida de vento. Mais tarde, começam a negrejar de novo apparencias de terra, arvores, troncos — sem uma herva, sem uma besta — até que por fim se entra nos campos de cultura.

Vemos até ao largo horizonte os descampados frescos, cheios ainda do Nilo. A paisagem é uma grande planicie verde, marejada d'agua. Não ha

paisagem tão serena, tão humana, tão docemente fecunda : nenhum contraste, nenhuma violencia de perfis de montes — tudo largo, liso, immenso e coberto de luz.

O verde e a agua resplandecem. Sente-se a riqueza, a abundancia . . . Por toda a parte as searas e as aguas fecundas. Os caminhos encolhem-se para não tomarem espaço . . .

Agua, verdura, cultura, trabalho, riqueza : são os grandes thesouros do Nilo.

Era aquella infinita extensão de vegetação e de culturas que faziam dizer a Amrú, escrevendo ao Rabino : — « Santo commendador dos christãos, é isto o mar de verdura. »

A agua penetra, corre, alarga-se por toda a parte, afoga a verdura das plantações, as searas, as culturas, n'uma fecundante abundancia. Aquellas raizes estão saturadas : as aguas são como estradas que se cruzam, como as innumeradas malhas d'uma rêde. Restos da inundação cobrem os campos, e as palmeiras assombream pequenos lagos, onde se banham os patos e as garças reaes.

O verde é profundo : sente-se a forte seiva sa-

ciada d'agua. Os trigos reluzem batidos de luz, e entre elles passeiam gravemente as ibis, as aves sagrados do velho Egypto.

Passamos pela pequena aldeia arabe de Damanhûr : um grupo de habitações baixas, de tijolo, um cemiterio, um molho de palmeiras, e, em redor, um pequeno espaço de terra dura, escura, pellada, para além do qual as verduras continuam.

Na planicie, a espaços, nos logares mais isolados, uma mulher de pé, com a tunica azul envolvendo-lhe o corpo, os braços cobertos de arabescos e de tatuagens, atira com grandes gritos, pedras ás aves de rapina, aos milhafres e aos corvos que descem sobre as searas.

Aquella paisagem imponente, d'uma grande severidade, d'uma belleza grave, passa rapidamente aos dous lados do wagon. O Nilo alli é estreito, menos largo que o Tejo. Uma vegetação poderosa, profunda, violenta, cobre as margens, e vem mergulhar as suas raizes na agua. Ao longe, as culturas têm o aspecto d'uma decoração maravilhosa. É solenne, é quasi biblico, d'uma serenidade profunda e consoladora. Sente-se que quem atravessa aquel-

las culturas deve fallar baixo. Do céu cae uma luz immovel e abundante

Passamos um momento deante de Tantah. É uma cidade do Delta, rica e commercial. Vêem-se em baixo, do alto do wagon que passa sobre um aterro elevado, as casas negras, ornadas de *mucharabiêhs*.¹ N'um largo, distinguimos uma feira: os camelos, aos grupos, deitados em volta d'uma lança espetada no chão, descansam, volvendo os olhos pensativos. Pássam burros vergados ao peso de saccos ou de molhos d'herva. Há saccos abertos no chão; os *cadis* pesam, verificam. As mulheres circulam envolvidas em grandes tunicas azues, um cesto sobre um hombro, uma creança sobre o outro. Os *fellâhs* correm, apressados, e estala-lhes sobre as costas negras e luzidias o *curbach* do *Nazir*, o recebedor dos impostos. Velhas figuras, com grandes tunicas de côres brilhantes, turbantes brancos, longas barbas e cintas largas d'onde sae o cabo de pau d'um pequeno punhal, passam grave-

¹ Balcões salientes, fechados por finas grades de madeira.

mente. As aves veem picar o grão nos saccoes. Alguns beduinos atravessam o largo, em grupo, a cavallo, com as lanças erguidas, os *cuffiês* de damasco pendentes ao longo das costas, sobre as grandes capas brancas, listadas de negro. O sol cae sobre este quadro, dando-lhe um aspecto estranho, scintillando sobre as casas escuras. E as figuras, as amplas tunicas de côres vivas, a serenidade dos dromedarios pacificos, a estatura das mulheres, tudo tem uma harmonia profunda . . .

O comboio parte, e d'ahi a momentos atravessa-se o ramo de Damietta. Grandes barcos a que chamam *debariêhs*, estão amarrados junto da margem escorregadia, cheia d'estacas, sobre as quaes corre uma tabua desconjunctada. Vemos na margem camelos deitados, carregados de fardos, e soldados egypcios que saltam para um barco. Mulheres, sentadas em grupos, partem o bolo de *durah*. Os *fellâhs* correm e gritam; e os marinheiros das *debariêhs* tocam a *durbaka*,¹ enquanto o *reiss*,²

¹ Instrumento de cordas metalicas.

² Arrais, patrão da embarcação.

immovel, apoiado á comprida vara do leme, envolto n'uma tunica, fuma gravemente o seu *chibuk*.¹ A luz cae sobre aquelles aspectos, vibrante, desenhando-os em recortes leves, e brilha no meio da folhagem, fazendo tremer scintillações sobre a agua fugitiva do rio.

A pelle luzidia dos negros reluz como bronze. Trabalham, carregam os fardos, atiram-se á agua, e, com grandes esforços de musculos, contorcendo-se, offegantes, desenterram um barco do lôdo da margem, fazendo-o mover na agua.

Tudo aquillo nos surprehende como se entrassemos n'um mundo antigo, historico. Aquellas longas linhas, aquella transparencia de côres, a serenidade d'aquelles horizontes, tudo faz pensar n'um mundo que se desprende das contradicções da vida, e entrou, se fixou na immortalidade.

Admiramos sobretudo as culturas pela sua preparação, pela sua abundancia, pela sua altiva belleza. Que plantações perfectas, que luminosos ca-

¹ Longo cachumbo turco

naes, que arvoredos maravilhosos, que abundancia, e como alli a terra é fecunda !

Instinctivamente, pensa-se no paraizo, na velha fertilidade mythologica : os homens que alli vivem devem ser fortes, de movimentos perfeitos e seguros, solidos e bem construidos ; as suas casas devem ter a abundancia ; o seu viver é de certo simples e pacifico ; os velhos devem ter uma placidez socegada e uma bondade primitiva ; hão-de ser hospitaleiros, sobrios, tranquillos e felizes . . .

Communiquei estas idéas ao meu visinho, o engenheiro do Canal de Suez. Sorriu :

— Aqui, vive o *fellâh* !

O *fellâh* é o cultivador do valle do Nilo. Tivhamos visto em Alexandria pequenos grupos de cabanas, fóra da cidade, á orla do deserto — casebres de terra escura, cheios de fendas, baixos como covis, escuros, apoiados aos troncos das arvores : eram as casas do *fellâh*.

Tivhamos visto ainda o *fellâh* movendo o *chadúf* nos campos, curvado sob os pesados fardos, enchendo os odres d'agua do Nilo, dormindo á noite nas ruas d'Alexandria com a cabeça embrulhada

na tunica, encolhido, immovel como um sacco n um celleiro. Tinhamol-o visto bastonado no caes d'Alexandria. Tinhamol-o visto, através das janellas do wagon, trabalhando nos canaes, apartando ou ligando os molhos de trigo ou de linho e fazendo a sua oração, prosternado á beira d'um regato.

O seu vestido é uma tunica curta, uma especie de blusa azul, apertada na cinta por uma corda. Na cabeça traz um pequeno gorro branco ou de pelle de cabra. A sua physionomia é dôce e tranquilla : tem os olhos negros, ligeiramente levantados nas extremidades ; os dentes, brancos, curtos, cerrados ; a cabeça é pequena, o nariz direito, imperceptivelmente achatado na base ; tem as feições redondas, o corpo esguio, os pés largos, espalmados, a côr escura e bronzeada. É seguramente da velha raça egypcia.

Os sabios dizem que não. No entanto, a semelhança é perfeita entre aquelles homens que movem os *chadúfs* pelos campos do Delta e as figuras de cultivadores, de servos, de sacerdotes, de pharaós, que se perfilam nos grandes tumulos reaes ou nos porticos dos templos egypcios. E note-se que os ar-

tistas egypcios das ultimas epocas têm uma habilitade profunda na composição da physionomia : o corpo é hirto, paralytico, a factura ingenua, o movimento artificial, mas a linha do rosto, a *raça*, é puramente indicada. Nas grandes decorações que desenrolam as suas figuras, em cortejo, nas paredes dos templos, os rostos dos egypcios distinguem-se logo, pelas feições, dos rostos dos povos vencidos : *berberes* que trabalham nos canaes e nos *pylones*, *hyksos* barbaros, ou homens de Babylonia, de fórmas effeminadas. Vi muitos *felhâhs* que se assemelham á Esphinge. O arabe do Cairo, o arabe das cidades, tem já uma outra physionomia.

Todo o trabalho das culturas é feito pelo *fellâh*.

O *fellâh* não possui. Está na miseravel condição do antigo servo feudal. Não cheguei nunca a esclarecer com nitidez esta tenebrosa questão de constituição da propriedade turca. Isso todavia deve estar escripto, analysado, commentado, contado, talvez photographado. Não tenho tempo para percorrer essas sabias paginas.

A verdade é que o *fellâh* não possui. Possui o Pachá, possuem os Beys, possuem as Mesquitas.

O *fellâh* trabalha, reza e paga. Não tem propriedade, nem liberdade, nem familia. É inferior ao escravo. O escravo raras vezes era bastonado : representava um valor, um objecto mercantil, que se podia deteriorar, ficar com uma deformidade nas costas, uma chaga nas pernas : por isso, só o bastonavam nas solas dos pés.

O *fellâh*, esse, é tomado livremente, amarrado a uma arvore, lançado a uma cova humida, e quando se revolta, encostam-no a uma parede, erguido sobre tres tijolos, pregam-lhe as orelhas á parede — e tiram os tijolos ! O corpo fica suspenso pelas orelhas ensanguentadas, rasgadas, distendidas, rôxas !

Hoje, dizem, sob a influencia europeia, estes castigos estão levemente modificados. O *fellâh*, porém, nunca é afastado devagar pelo *nazir* que passa, pelo *bey* que galopa no seu cavallo syrio : é repellido duramente, a vergastadas de *curbach* !

Abbas-Pachá, quando ia por Chubrâh, na sua carruagem, a galope, á desfilada, esmagava sempre algum *fellâh* adormecido sob um sycomoro. O consulado inglez, indignado, interveio energicamente. Abbas-Pachá, attonito, pasmado, prometteu

condescender — prometteu, por amizade, não esmagar mais *fellâhs*, — e contava depois, entre risadas surprehendidas, com grande pasmo do seu *divan*, a excentricidade do inglez !

Passava-se isto ha tres annos. Abbas-Pachá era um grande homem : punha ao pescoço dos seus cães colleiras de diamantes e perolas finas . . .

O *fellâh*, até á puberdade, anda nú pelos campos, guardando os bufalos na pastagem, rolando-se no lôdo da inundação, mendigando nas ruas do Cairo. Homem, veste aquella saia de algodão azul : vive com ella cingida ao corpo ; com ella é deitado á valla commum. Casa ao acaso, sem *sympathia* no coração, para ter filhos, para que a mulher trabalhe, apanhe o excremento de camelo, que é a lenha do *fellâh*, vá encher a bilha ao Nilo, defenda as searas das aves de rapina, leve os fardos, faça a colheita.

Elle, entretanto, de noite e de dia, sob o sol e sob o orvalho, conduz as aguas, conserva os canaes, arranja e balança o *chadúf*, e o seu canto monotono desmaia no ar.

A sua casa tem tres metros ; é um espaço qua-

drado, nú, de terra. Tem por tecto a palha de *durah*. Pela palha mal junta, passa o ar, o fumo, a luz, o gemer das creanças, as *zagaritas* das mulheres.

Tem uma esteira, uma gamella e uma bilha. Comem todos na mesma gamella, dormem sobre a esteira em promiscuidade, e pela bilha bebem a agua leve, fresca, transparente do Nilo.

Um dia, um homem vem e leva-o para trabalhar nas fortificações de Alexandria, nas minas do Sudão ou nos canaes do Alto Egypto. A mulher e os filhos desgraçados vão mendigar. Quando o *fellâh* envelhece, mendiga tambem ou então fica a um canto da cabana, immovel, abandonado, esperando.

Um dia é atirado, morto, á valla: a mulher acompanha-o, dando gritos agudos, torcendo os braços. Os filhos, esses, não têm tempo: estão no *chadúf*, cantando. É assim o *fellâh*.

O Pachá tem barcos, cavallo, burros, dromedarios, o Nilo; pois bem: ás vezes, pelos estreitos caminhos do Alto-Egypto, ouve-se o som d'uma campainha: é um velho que corre no pó, sob o

calor, vergado, arquejante ; uma ponta do seu turbante fluctua ; veste uma tunica curta de pello de camelo, dura, que lhe bate nas pernas magras, negras, descarnadas, feridas ; tem sandalias de couro ; na extremidade d'um pau leva um sacco de pelle de gazella ; corre agitando, com o braço erguido, a sua campainha. Os *felhâhs* dizem : *Salam* — abençoando-o em nome de Deus. É o correio !

— Ah ! — continuou o engenheiro do Canal de Suez, ageitando-se nas almofadas sujas do wagon — a vida aqui não é facil, meu caro senhor ! Este pobre *fellâh*, de todo este celleiro, não possui uma cana d'assucar.

— Mas quem possui ?

— Na realidade; o Pachá. Quando a Inglaterra, no tempo de Mehemet-Alli, fez o tratado com a Porta, o monopolio do Pachá foi de direito abolido. Mas esse monopolio realmente existe. Mehemet-Alli começou por offerecer á sua familia uma consideravel extensão de terras cultivadas. As aldeias que davam um grande rendimento d'impostos, cedeu-as aos seus fieis, aos pachás, aos *effendis*, com a condição de lhe pagarem logo os impostos atrazados. As outras

aldeias deixou-as ao *felláh*. De sorte que ha no Egypto immensas porções do paiz que são de Ismael-Pachá; feudos enormes confiados aos Pachás e aos Beys; e, de resto, aldeias pertencentes ao *felláh*, onde existe, em principio, a pequena propriedade.

Este *felláh* legalmente póde vender os fructos e alienar a terra: mas veja como o monopolio realmente subsiste: em primeiro logar, se o *felláh* não paga escrupulosamente o imposto, o Pachá apodeira-se da terra, vende-a, e mette as piastras no seu cofre; em segundo logar, o Pachá, quando quer, compra a terra ao *felláh*. Ha uma linha de terreno fertil, excellente, onde a cultura é rica e que pertence ao *felláh*: o Pachá deseja-a; manda offerecer por ella um pequeno punhado de piastras; o *felláh* recusa. O Pachá, como estudou em Paris, conheceu M.^{elle} Schneider, é bondoso e assigna o *Figaro*, não o manda degollar como no tempo dos Kalifas, nem o afoga como no tempo dos Mamelucos. Sómente, como o Pachá é o dono do Nilo, como sem agua não ha cultura, o Pachá, na occasião da inundação, não deixa que a agua chegue á propriedade em questão. Sem o Nilo, não ha colheita: a terra mirra-

se ao sol. O *fellâh* então comprehende que é preferivel um punhado de piastras a um punhado d'areia, e o Pachá entra modestamente na posse d'aquella propriedade « *abandonada do Nilo* »!

No anno seguinte, a inundação cobre essa terra e a cultura regada floresce em triumpho.

Estavamos attonitos.

— Coitado ! O *fellâh* não é feliz ! Realmente as suas habitações são covis. A maior parte dos filhos morrem-lhe : é obrigado a trabalhar nas obras do Pachá . . . É levado para a Nubia, para Assuan, para o Sudão : a familia dispersa-se ; os velhos expiram ao abandono. Vêm-no buscar á aldeia, levam-no, e lá, pagam-lhe em generos.

Vae, por exemplo, para as fabricas de refinação d'assucar : promettem-lhe vinte *parás* por dia ; mas os vinte *parás*, dão-lh'os em melão, avaliado por um preço phantastico, e o *fellâh* tem de o vender por baixo preço, de o comer ou deixar estragar. No entanto o Pachá n'uma recepção em Chubrâh, diz principescamente aos consules que os seus operarios têm o salario de vinte *parás* ! — O mesmo na industria, nas fabricas de tecidos, em tudo . . .

Além d'isso, ha as imposições repentinas : para concluir uma obra, o Pachá impõe a certa aldeia um tributo de 20 camelos, 200 homens e 20 jumentos. O *Sheik*, chefe da aldeia, faz a distribuição : os que podem pagar, dão um *bakchich* ¹ em ouro ao *Sheik*, livrando assim o seu corpo, o seu jumento e o seu cavallo — e ficam pobres ; os que se não podem resgatar, são entregues ao emissario do Pachá e vão para os trabalhos.

O imposto é o terror do *fellâh* — tanto mais que o imposto é solidario. Quando o *Sheik* deva um certo imposto, toda a aldeia é por consequencia solidaria. De resto, se o *Sheik* não apresenta a somma completa, é bastonado até que a arranje. Outr'ora, o *Sheik* que não apresentava a sua conta d'impostos, era pregado a uma janella pelas orelhas, e alli ficava suspenso, guardado por dous soldados que de vez em quando lhe chegavam agua aos beiços, até que a sua aldeia viesse resgatar a falta. Ora, como o *Sheik* é sempre o mais velho, o mais rico, o que

¹ Gratificação, presente ou simplesmente gorgeta.

protege, o que casa, o chefe, a aldeia corria a salvar as orelhas do seu *Sheik*!

No Cairo, os joalheiros, os pedreiros, os encrustadores, os burriqueiros, estão divididos em corporações. Governam-as um *Sheik*, que é igualmente, como nas aldeias, o responsável pelo imposto da sua corporação. De modo que o joalheiro, o pedreiro, o padeiro, para não soffrerem o imposto, affectam a pobreza, a miseria, como os *fellâhs* na aldeia. Para isso, enterram o dinheiro ou convertem-no em joias! D'ahi o extraordinario commercio de joias no Cairo e em todo o Oriente.

Com a cultura do algodão, o Egypto ganha um billião e meio: isto deveria constituir para o Pachá o bem-estar material. Porém, como esse dinheiro é enterrado ou convertido em diamantes e em perolas, escapa ao *Sheik*, e o imposto fica immovel: é ainda o mesmo dos tempos dos Mamelucos!

O arabe, quando não paga o imposto, é esparcado; ora, elle raciocina que, se ao primeiro pedido, apresenta o imposto em bom dinheiro, o *nazir* desconfia da promptidão, imagina riquezas occultas,

um thesouro achado nas ruínas, grandes lucros com o algodão, e exige-lhe o dobro ! Se elle então não paga é bastonado. De tal sorte que o *fellâh*, na convicção de que acaba sempre por ser bastonado, nunca cede ao primeiro pedido . . .

— Mas então o Egypto está n'um perpetuo estado de revolta ?

— Qual ! n'uma indifferença impassivel ! O arabe diz a tudo : Deus o quer ! . . Devido á necessidade, tem o habito de soffrer, uma resignação animal : não percebe que é infeliz. O *fellâh* é alegre, risonho, loquaz, imaginoso ; tem uma degradação profunda de character, desconhece o que é consciencia, dignidade, individualidade. Mas no fundo é feliz. Possue o clima ! Anda roto, quasi nú, mas n'este ar puro e tepido não é um sacrificio. É atavicamente sobrio : basta-lhe uma gamella de lentilhas ou de favas. Não bebe vinho nem come carne de porco, porque Mahomet lh'o prohibe, mas tem os pombos, tem os ovos, tem os patos, tem o carneiro. As suas habitações são miseraveis, afflictivas para nós que vimos dos climas onde o *home*, o *interior*, é uma necessidade atavica. A melhor

telha para o *fellâh* é o immenso céu: se a casa tem terraço, dorme no terraço . . .

Mehemet-Alli foi quem obrigou os *fellâhs* que vivem ao pé d'Alexandria a edificar aquelles casebres baixos e escuros. Mas Mehemet-Alli quiz poupar aos europeus d'Alexandria um motivo de declamação piedosa. Veja um *fellâh*: o seu andar é rapido, energico, firme; mostra saude em todo o corpo. Veja as mulheres, que bonitas, que fortes seios, que fórmãs perfectas, que andar esculptural; sente-se uma raça vigorosa, n'um clima puro em que os homens se conservam como os monumentos.

De resto, o *fellâh* tem vicios: é mentiroso com simplicidade; falsifica tudo. Os que descem do Alto-Egypto com trigo para o Cairo, vão comendo o trigo pelo rio abaixo e deitando agua no sacco: o grão incha e o sacco chega ao Cairo cheio, grosso, completo! Meu caro senhor, pense nos operarios de Londres ou de Paris, n'aquelles rostos melancolicos, entristecedores, n'aquellas creanças que pela manhã, às sete horas, tiritam de frio ás portas das fabricas, nas pobres mulheres tisicas, com os dedos inchados, cosendo toda a noite, e pela manhã mo-

lhando em agua fria uma côdea de pão! Veja isto . . . Que vidas ao sol! Que andar firme! Que paisagem — que serenidade! Soffrem, realmente, e na verdade, ás vezes tambem se revoltam um quasi nada . . .

Ibrahim-Pachá, tio d'este, era governador do Alto-Egypto, mas vivia sempre no Cairo. Um outomno, parte para a sua Provincia. Era um Pachá terrivel. A sua crueldade era legendaria no Cairo. Chega, impõe um tributo de 1.000 cavallos, tantos camelos, tantos homens. Prende, bastona, executa, afoga, queima. Estava acampado no interior. Um dia, vê que os *fellâhs* das aldeias visinhas commecam a reunir em volta do seu acampamento molhos de palha.

— Para que é isso?

— V. Alteza impôz-nos mil cavallos: é para os sustentar.

Os molhos crescem, cercam o acampamento.

— Mas para que vem mais palha?

— Para sustentar os mil cavallos de V. Alteza . . .

A palha augmenta . . . E uma noite os *fellâhs*

esquecem, cheios de respeito por sua alteza, um archote entre duas medas de palha.

D'Ibrahim, do seu *bey*, do seu *kan*, ficaram boas cinzas para os adubos da Nubia!

Mas Ibrahim era um Pachá terrível . . .

— Mas então esta familia de Mehemet-Alli, que governa o Egypto, é uma familia de feras?

— Não. Mehemet-Alli era um homem curioso. Aprendeu a lêr aos 40 annos. Admirava a Europa; admirava sobretudo Luiz Philippe. Quando veio a revolução de 48, Mehemet-Alli, já velho, decrepito, idiota, escondido no fundo do seu harem, comprehendeu o alcance da revolução: quiz ir salvar Luiz-Philippe, armar um exercito, cercar Paris! Entrava então em grandes coleras. Mas as suas mulheres circassianas corriam, envolviam-no, afogavam-no em abraços, e o velho babava-se e ficava a dormir enroscado nos seus coxins! Ibrahim-Pachá, o filho, que fez as campanhas da Syria e da Anatólia, dizem que era um homem energico; eu apenas sei que era brutal. Foi elle que destruiu a maioria dos templos egypcios para fazer fabricas de tecidos. Abbas-Pachá, esse, era uma repre-

sentação grotesca d'um velho sultão lendario : a sua vida era monstruosa. No Cairo faziam-se razzias de creanças para o seu harem. Fallava-se de banhos que faziam lembrar os de Tiberio. Era cruel, agiota e porco !

Este Vice-Rei, Ismael-Pachá, é um homem nutrido, robusto e bondoso. Bebe ao almoço sete garrafas de Medoc, admira os *boulevards*, toca ao piano Offenbach e illumina o Cairo a gaz.

De resto, aqui ha um meio simples, facil, expeditivo, de matar um Pachá, de destruir um inimigo importuno. Dous principes da familia de Mehemet-Alli desagradavam, conspiravam ; um dia iam n'um comboio expresso para Alexandria ; na ponte de Rosetta ha um alçapão — passamos ha minutos por cima d'elle . . . Era de noute, ninguem escapou !

— Mas então essa civilisação do Egypto de que se falla na Europa ?

— É o gaz d'Esbékiêh, são os Casinos d'Alexandria... Indague, explore, estude bem os serviços publicos no Egypto, e não acha uma idéa boa, uma medida efficaz, um regulamento racional. O Egypto

civilisa-se d'este modo : reforma na fazenda publica — excellente ! Cria-se um ministerio da fazenda, edifica-se no Esbékiêh um palacio branco, monotono, no gosto italiano: gastam-se seis milhões. Admiravel ! E a secretaria ? — Ha mesas polidas, grandes tapetes cobrem as escadas, as poltronas vêm de Paris. Em Alexandria, no Cairo, arranjam-se filhos de funcionarios, de consules, de *beys*, alguns cabelleireiros intelligentes, *commis-voyageurs* de casas de Marselha e empregam-se todos n'aquelle scenario de carteiras, com ordenados resplandecentes. Tudo aquillo reluz, brilha : no entanto o systema da propriedade é o mesmo, o imposto é o mesmo, o *fellâh* continua a enterrar o dinheiro e o *Sheik* a ser bastonado . . . Mas o edificio mostra-se aos estrangeiros ! Não ha que fazer, não se escreve uma linha : os empregados conversam dos *cancans* da colonia franceza, lêem o *Echo d'Alexandria*, fallam da nova amante do Pachá — e á tarde todos saem a passear a Chubrâh, em pequenos carros, dominadores, estirados, de charuto em riste e *tarbouch* á banda ! No entanto a Opera contém dançarinas ; Alexandria, Casinos ; o

Cairo, *lorettes* . . . E aqui está a civilização do Egypto !

— Mas não ha ninguem que proteste ?

— Quem ?

— A imprensa !

— O primeiro artigo diz : é absolutamente prohibido discutir de qualquer modo ou analysar os actos do governo. É prohibido commentar os actos dos funcionarios. Posso-lh'o mostrar : é a lei de 1863 e é assignada por Sheriff-Pachá !

— E Nubar-Pachá e Sheriff são homens intelligentes . . .

— E cúmplices. É essa a sua tactica : aceitar os factos e utilisal-os em seu proveito. Além d'isso, o desagrado do Vice-Rei é uma cousa terrivel : um ministro, um Pachá, um *Bey* rico, resplandecendo em palacios, com harens, carruagens, escravas, póde ir numerosos annos exilado para o Fayoum. Ninguem se atreve a fallar-lhe, a estender-lhe a mão. Faz-se o isolamento em redor : tem a peste ! Quem ha-de protestar ? Os estrangeiros ? Lucram com este estado de cousas. Quer saber como se tem procedido em Alexandria, sob a protecção dos Consula-

dos ? Um francez aluga uma casa a um arabe, mas não lhe paga a renda ; o arabe intenta um processo : tem de ser interrogado perante o consul. No entanto, o francez subloca a casa a um grego. O pobre arabe, cujo processo intentado ia ser levado perante o consul francez, grita por Allah, e vae renovar o processo e fazer novas despezas junto do consul grego. Mas já a esse tempo o grego tem passado a casa habilmente a um italiano. E o desesperado proprietario arabe, afogado em autos, arquejando de desespero, annulla o seu processo com grandes pragas em nome do Propheta . . . e lá vae fazer tudo de novo deante do consul italiano. Mas n'este momento, o negocio já está confiado ao consul inglez ! Ora como ha dezoito consulados em Alexandria . . .

Nós estavamos desolados, mas riamos.

— De sorte — continuou o engenheiro — que com a legislação arabe, os costumes, as convenções consulares, o estrangeiro lucra excessivamente com o estado do *fellák* e com a organização do Egypto.

— Mas esta mocidade que vem das escolas ?

O engenheiro olhou-nos, surprehendido.

— Sim, essa immensa legião d'arabes que o Vice-Rei manda todos os annos estudar a Paris ?

— Ah ! que boa farça, isso ! Escolhem-nos em cada aldeia, entre os arabes que saibam soletrar o arabe. São esses os que vão. Vestem-nos n'um alfaiate d'Alexandria e mandam-nos pelo paquete de Marselha. Em Paris, as creaturas são mandadas para as escolas, ao acaso. Precisam em primeiro lugar de aprender o francez ; depois, começam a percorrer todas as escolas, todos os cursos. Fazem-nos estudar alternadamente engenharia, direito, medicina, artilheria, architectura. No fim de 4 annos, têm barba e são profundamente imbecis. Mas viram os cafés de Paris, têm uma idéa do que seja uma *lorette*, a *Marselheza* e o *Punch*. Voltam ao Egypto. Se têm protecções, se o Pachá sympathisa com a côr das calças que um d'elles trouxe de Paris, fal-o entrar nas funcções civis, isto é, vae ser amanuense na alfandega ou empregado nas coudelarias do Pachá. Se não tem protecções, faz-se *cicerone* nos hoteis d'Alexandria !

A boa vontade do Pachá é que eleva. Um enge-

nheiro formado nas escolas normaes de Paris vae ser cabelleireiro para o Esbekiêh — e o primeiro cabo cujos bigodes retorcidos, no quartel de Metarbe, agradaram ao Pachá, vae dirigir todas as obras publicas do Egypto! Demais, ha uma coisa: — a extrema difficuldade em achar arabes que vão para Paris, sahidos das aldeias. O agente escolar chega: vem buscar dez rapazes. Os paes, que têm uma indifferença musulmana pelos esplendores dos *boulevards*, e que precisam dos filhos para molhar o linho e cardar a lã das ovelhas, negam os rapazes ao agente . . .

— E o agente cede?

— Boa pergunta! E o *bakchich*? No Egypto, tudo se faz pelo *bakchich*! Está ha dias no Egypto e de certo já ouviu muitas vezes, ao pé de si, pedir o *bakchich*. O *bakchich* é o fundo da lingua nacional! É o nosso *pourboire*. As creanças, a primeira palavra que dizem, antes d'*abú*, que é pae, e de *rume*, que é mãe, é *bakchich*. O *bakchich* dá-se a todo o mundo: o *fellâh* pede-o, o *cadi* pede-o, o *saïs* pede-o; pede-o o *Bey*, o *Sheik*, o *Pachá*. O *bakchich* dá-se por tudo: por mostrar um templo, ou

uma mesquita, por dizer « *Salam* », por apanhar um lenço... Ás vezes pedem-no com arrogancia, outras com humildade... No entanto, o *bakchich* tem uma utilidade superior: aplaina tudo, simplifica tudo; não ha más vontades, não ha pieguices, não ha complicações, não ha favoritismo que não ceda ao *bakchich*! Tambem, nada se alcança sem elle: uma pergunta que se faça, uma indicação de rua que se peça, uma gota d'agua a um homem que passa com o seu cantaro cheio, obriga ao *bakchich*. Pede-se por toda a parte: nas aldeias, nas estações dos caminhos de ferro, no fundo dos sepulchros, nos terraços das mesquitas, no meio do deserto! Por vezes, não é pedido por uma pessoa só: é pedido pela familia inteira d'um *felláh*, por uma tribu, por uma aldeia. Um viajante desembarca no Nilo, em qualquer ponto: logo os homens deixam os trabalhos do campo, as mulheres o adubo das lentilhas, as creanças o gado, e aquella legião segue o viajante, gritando: *bakchich! bakchich!*... Todo o ordenado fixo, todo o salario determinado, tem de ter o seu *bakchich*. O *bakchich* é um dos dissolventes costumes da raça arabe. Percorram o Egy-

pto, percorram a Syria:—encontram-no por toda a parte!

— Pois bem — continuava o engenheiro — nas relações internas do Egypto, o *bakchich* é a lógica, é a convicção, é o ultimo *argumento*. O agente escolar vem buscar o filho do *fellâh*? — *Bakchich* ao agente escolar. O engenheiro vem reclamar certo numero de braços? — *Bakchich* ao engenheiro. O *nazir* vem cobrar o imposto? — *Bakchich* ao *nazir*. O *cadi* vem levantar testemunhas sobre um crime? — *Bakchich* ao *cadi*. O carrasco vem prender? — *Bakchich* ao carrasco! . . .

E deante do *bakchich* tudo se aplanava, tudo cede, tudo condescende. Um proprietario tem uma casa no Cairo; faz-se uma rua, ha uma expropriação: *bakchich* ao engenheiro para avaliar generosamente a casa. Mas o thesoureiro não paga sem ordem do Pachá: *bakchich* ao Pachá para dar a ordem ao thesoureiro. Porém o thesoureiro demora-se a pagar: *bakchich* ao thesoureiro. Mas o thesoureiro póde pagar em generos, em pedra, em madeira: *bakchich* ao thesoureiro para que pague em especie. É terrivel! O agente de recrutamento, esse, é o

grande premiado do *bakchich*. Antigamente todo o arabe, em chegando aos 18 annos, se mutilava. As almeias do Cairo, exiladas por Mehemet-Alli para o Fayoum, tinham tomado essa profissão de mutilar as creanças. Era uma especie d'industria dos *compra-chicos*. Mehemet-Alli, desesperado, mandou alistar mesmo os mutilados . . .

— Mas os viajantes não fallam n'isso . . .

— Os viajantes escrevem o que ouvem contar ao europeu d'Alexandria— e esse, o que conta, conta-o em vista do seu interesse e não em respeito á verdade. Além d'isso, logo que um estrangeiro chega, Ismael-Pachá convida-o a jantar, dá-lhe um presente, prepara-lhe um *debariêh*, fal-o viajar pelo Nilo com um cortejo real, enche-o de condecorações e manda-lhe uma escrava ! Que ha-de dizer o estrangeiro ? Confessem que realmente não póde dizer nada . . . porque foi muito obsequiado. Foi o que se deu com Edmond About. Os consules, esses, vivem como grandes senhores : são negociantes, intimos do Pachá ; o paiz e as circumstancias fazem d'elles uma especie de tyrannos das suas colonias— e além d'isso são infinitamente mais obsequiados

ainda do que os proprios viajantes! De resto o Vice-Rei é encantador com os estrangeiros: sorri-lhes, cumprimenta-os affavelmente, illumina-lhes os cafés a gaz, importa-lhes *cocottes* de Vienna d'Austria e de Berlim, e para elles poderem ir ao deserto sem incommodo, mandou-lhes fazer uma estrada e vae-lhes illuminar a petroleo o interior das pyramides!

Tivemos uma exclamação indignada . . .

— Mas então o Egypto . . . — disse o meu companheiro.

— Irremediavelmente morto. Em primeiro lugar, porque o querem desviar da sua indole natural: o Egypto é um paiz agricola e aniquilam-no querendo fazer d'elle um paiz industrial. Depois, esta civilisação artificial enfraquece-o. Cae aqui de todos os portos da Europa um mundo d'exploradores, bohemios sem escrupulos, avidos, rapaces, que não têm amor ao Egypto, nem interesse por elle, que vêm arrancar o seu bocado de presa, que exploram, sugam, chupam, ameaçam . . . e fogem!

Além d'isso, ha os monopolios mysteriosos dos Vice-Reis, da numerosa familia do Vice-Rei, dos

Pachás, dos *Beys*, das mesquitas, das favoritas, das *lorettes*, etc. Emfim, ha falta de braços para a agricultura : em primeiro lugar, são os homens que vão para o exercito : veleidade bellica do Pachá, o exercito é esse deploravel grupo d'homens que se entretem a pescar á linha nas fortificações da cidade, a vexar os *fellâhs* e a soltar aquelles uivos nocturnos que haviam de ter ouvido em Alexandria. Depois, são os homens que vão para as fabricas. Emfim, os homens para o Cairo. O Cairo faz um extraordinario consumo d'homens : para cada casa burgueza, por mais modesta, há uma multidão d'escravos. Tudo o que falta é substituido por um homem : as mulheres não têm pudor nem moral ? Quatro, cinco, seis eunucos para as guardar em casa. Não têm recato quando sahem á rua ? Dous *sais* para as acompanhar. As portas não têm fechaduras ? Um escravo a cada porta — de dia, a pé ; á noite, deitado. As casas não têm relogios ? Escravos para annunciar a hora da mesquita, do jantar, do banho. As casas não têm ventiladores ? Escravos para abanar. As casas não têm toucadores ? Escravos para segurar o espelho, para segurar o

frasco d'essencia de rosa, o frasco d'ambar, o frasco d'héné para as senhoras . . . Emfim, uma população !

Ah, a vida do Cairo é extraordinaria e o Cairo uma extraordinaria cidade. Verão — recorda as *Mil e Uma Noites* !

IV

CHEGADA AO CAIRO

Tinhamos chegado a Benha-el-Assal, onde se vê o palacio monotono, no gosto italiano rocóco, muito vulgar no Oriente, em que Abbas-Pachá foi assassinado pelos seus eunucos. Alli, o engenheiro do Canal de Suez tomava o ramal de Ismailia. Ia a Suez — era nas vespervas da abertura do canal — e em toda a linha havia um transito perpetuo de engenheiros.

Vimol-o depois, n'um baile de Ismailia, radioso e rubro. Sorriu-nos de longe ; eu curvei-me. Do seu braço arqueado e cortez, pendurava-se com abandono fatigado uma mulher forte, robustamente es-

partilhada, coberta de setim azul que reluzia sob a luz como a agua d'um rio. Era Mademoiselle Joly, que cantava então no Cairo a *Gran Duqueza de Gerolstein* e bebia nas ceias de Chubrâh pelo copo de « Sua Alteza o governador do Egypto », como se diz em Constantinopla !

Na *boutonnière*, o engenheiro trazia uma condecoração egypcia. Era na sala da ceia. Eu, por mim, n'aquella confusão scintillante, procurava em vão uma cadeira. Então, atirei altivamente as minhas qualidades d'estrangeiro, e fui sentar-me a uma mesa, deante d'um champagne côr d'opala, d'um marsala espesso, d'um Rheno transparente e leve ; alli fiquei, entre um *Sheik*, um sabio prussiano, uma *cocotte*, um general austriaco vencido em Sadowa e um jornalista bulgaro, tendo no prato um peixe precioso e miolos d'avestruz, no meio d'uma scintillação colorida de *crystaes da Bohemia* !

Installado alli, recostei-me e olhei o engenheiro, que, deante de mim, n'outra mesa, servia alguns philosophos do *boulevard* e *cocottes* de *Broad-Street* . . .

Então, pensando de certo na nossa conversa

do comboio, através do Delta, sorri brevemente, n'um sorriso enigmático . . .

Era em Novembro, o tempo das regas. Aquella hora, sob o orvalho cruel, por todo o valle do Nilo, os *fellâhs* moviam os *chadúfs*, arquejando, e erguendo para o céu o seu canto plangente !

O comboio partiu da estação de Benha-el-Assal. Aproximavamo-nos do Cairo. As grandes planícies, as culturas serenas, até ao horizonte, terminam. A vegetação toma aspectos decorativos : bosques de sycomoros, pequenas casas cobertas de trepadeiras, aguas luminosas que scintillam ao sol, delicadezas de ervas, de florescencias verdes, grandes moitas de rosas e de papoulas, vôos de pombas e de rôlas, cactos vigorosos — uma paisagem delicada, estranha, onde se espera vêr a todo momento um erguer de minaretes ou estender-se o marmore dos templos . . .

Estavamos ligeiramente commovidos. Iamos conhecer o Cairo, a cidade das *Mil e Uma Noites* ! Debruçados na portinhola, calados, começavamos a

vêr approximar-se, n'um longe luminoso, esbatidas, vaporosas, azuladas, com a grandeza das coisas transparentes, no fim da verdura, no fim do horizonte, as duas Pyramides . . . Depois, mais longe, para além das peripherias, a linha quebrada e accidentada da Cadeia Lybica, perdida na nevoa amarellada que cobre o Deserto ; depois, do outro lado, o monte Mokattam, livido, esteril, faiscante de luz, abrupto. Além, entre verduras, reluziam ao sol os minaretes d'uma mesquita . . .

O comboio silvava. Chegavamos. E d'ahi a pouco corriamos n'uma caleche pelos terrenos de Reb-el-Adi cheios da sombra dos sycomoros, que outr'ora percorriam nos seus cavallos brancos, cobertos de pedrarias, os principes maravilhosos que se entrevêem no esplendor das *Mil e Uma Noites!*

Um personagem magnifico, vestido d'uma jaqueta recamada d'ouro, com calças de casimira d'amplas fórmias, pistolas passadas na cinta, um alfange de Damasco ao lado, severo, de longos bigodes tristes, ficara no caes da estação, de posse das nossas bagagens. Era o empregado do Consulado portuguez !

O CAIRO

I

RUAS DO CAIRO

Aquelles que nunca sahiram das ruas direitas e monotonas das cidades da Europa, não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do Oriente.

Ahi, as ruas são direitas, ladeadas de largas fachadas, caiadas, inexpressivas como rostos idiotas. As figuras são triviaes ; as physionomias vulgares, esbatidas, uniformisadas pelo tedio e as difficuldades da vida ; os vestuarios são escuros, estreitos, economicos. O gaz, á noite, perfila a sua linha bocejante ; o rodar das carruagens e das carroças abala o chão com uma brutalidade ruidosa. Tudo

é correcto, alinhado, perfilado, medido e policiado.

É de certo excellente para a segurança, para a justiça, para a propriedade, para a ordem : é mesmo indispensavel. A algibeira applaude ; a epiderme, protegida, dilata-se de alegria ; o espirito de lucro, garantido e patrulado, desenvolve-se com segurança, e as gavetas podem bocejar sem risco. Tudo está contente no animal policiado — excepto a imaginação.

A imaginação que se não modifica, que se não civilisa, perpetua revoltada e perpetua nomada, a imaginação que depois de vencidas as paixões pelo codigo penal, depois de dominadas as violencias da vontade pela policia e pela grilheta, é ainda, só ella, barbara, valente, espontanea, natural e livre — a imaginação, essa, sente-se apertada, dominada, constrangida, sem ter, na monotonia, na prisão da vida policiada, um espaço desafogado em que respire.

A imaginação, na cidade, é a perpetua repellido. A imaginação só vive da vida dos outros seres : precisa pousar sobre as cousas externas e tirar-lhes,

como a abelha tira o mel ás flôres, a quantidade de sonho que as cousas contêm.

A imaginação, no campo, na margem d'um rio, entre uma floresta, toma um livre caminho, encontra alimento, vive, tem quem a escute, tem confidentes, tem companhia, pasta livremente, devagar, olhando, scismando . . .

Apertada nas ruas d'uma cidade de casas estreitas e chatas, na violenta limitação imposta pela municipalidade, o que ha-de fazer a imaginação, de que ha-de viver, como póde ter expansões legítimas ?

Esvoaça como um passaro dentro d'uma casa fechada, batendo as azas d'encontro ás paredes caiadas. E assim, a imaginação, batendo d'encontro a tudo o que faz a vida social, perturba a quietação das coisas sérias : arremessa-se então para a politica, e produz os revolucionarios, as mudanças d'estado, a guilhotina ; lança-se na vida moral e produz a orgia, as *lorettes*, o luxo, as roletas ; e quando se concentra sobre si mesma, quando se escava a si propria, acontece-lhe o que acontece a todas as funções que se isolam, que se impropriam ; vê falso, sente falso, produz falso !

Porém, para a imaginação do europeu, ha ainda uma região livre, abundante e cheia, nas ruas d'uma cidade do Oriente : o Cairo.

Constantinopla é quasi europeia e imita Vienna d'Austria. Damasco é exclusivamente syria. Alepo lembra a Suissa. O Cairo, esse, é original, é sarraceno.

O Egypto é um paiz de passagem. Tudo alli passa, tudo alli descança, tudo alli repousa. É o caminho da India. É o caminho da Persia. É o centro onde acodem todos os povos da Africa Oriental. É o escoadouro das populações ambulantes do Mediterraneo e do Levante. Tudo para alli emigra, até os passaros, porque tudo o que tem azas, quando nos nossos climas começa o inverno, foge para o velho Egypto !

Ora o Cairo é o centro do Egypto e a sua maravilha. A côrte do Pachá chama o commercio e as caravanas. A mesquita d'El-Azhar congrega os estudantes. O Valle do Nilo attrahe todo o mundo. E as ruinas que o cercam convidam os passaros para alli fazerem os seus ninhos.

Todas as raças, todos os vestuarios, todos os

costumes, todos os idiomas, todas as religiões, todas as crenças, todas as superstições, allí s'encontram, n'aquellas ruas estreitas. Em qualquer pequeno café do bairro copta ou do bairro musulmano, vêem-se, sentados nas esteiras ou encruzados sobre as altas grades de pau de sycomoro, um arabe, um turco, um nubio, um homem da Samaria, um persa, um albanez, um bulgaro, um judeu, um indio, um abyssinio, um armenio, um arabe do Moghreb . . . Um grego faz o café, um beduino canta no meio da casa, um francez photographa os grupos, um inglez observa, um americano toma notas . . .

O Cairo tem mais de trezentas mil almas. A população que vem, compra, fuma, reza e volta no seu dromedario e nas suas caravanas, é d'outras trezentas mil almas. Quasi um milhão d'homens se move n'aquellas ruas estreitas, apertadas e confusas.

Uma rua no Cairo é uma fenda esguia, tortuosa, e enlameada, apertada entre duas fileiras de casas, que adiantam os seus *mucharabiêhs* como as arvores

d'uma avenida adiantam e encostam as suas mãos de folhagem. Quando a rua é um pouco mais larga, põem-lhe, por causa do sol, toldos de lã, ás riscas, ou velhas sêdas abandonadas pelos vendedores do bairro.

Quem caminhar n'uma rua isolada, sob o calor do dia, na proximidade dos bazares e examinar bem as casas, tem a revelação d'uma imaginação architectural como de certo não voltará a haver na historia da civilisação.

As casas que apertam aquella fenda tortuosa, que é a rua, têm uma irregularidade, um imprevisto, um desdem de toda a correcção, uma phantasia que encanta como um quadro e surprehende como uma pequena joia cheia d'imaginação.

Cada casa ergue-se, floresce, arredonda-se, alarga-se, desdobra as suas linhas, estende os seus terraços, adeanta os seus *mucharabiêhs*, cobre d'arabescos as suas traves, arruina-se, inclina-se, debruça-se, abre-se em fendas que parecem risadas, á vontade, com um dôce egoismo da imaginação livre, sem cuidado pelas suas vizinhas, sem consideração pela regularidade, pela linha, pela utili-

dade d'aquillo a que normalmente se chama uma rua.

Nada mais phantasista do que uma casa arabe : a sua porta pequena, aberta no muro, ou se ergue sobre dous degraus, ou fica abaixo do nivel da rua ; o telhado levanta-se, agudo ou gothico, ou se achata em largos terraços ; os *mucharabiêhs* dependuram-se em todas as posições ; os travejamentos fogem para a rua, as pedras luctam com os tectos . . . E tudo aquillo se equilibra, pende, pousa delicadamente no chão, parecendo que o vento a vae levar.

De resto, tudo tem um aspecto de ruina, tudo é pardo, tudo é desmoronado, tudo é velho.

O verdadeiro encanto da casa é o *mucharabiêh*. O *mucharabiêh* é uma janella ou um balcão saliente, todo fechado por uma gelosia de madeira. O *mucharabiêh* tem todas as fórmas : é quadrado como uma gaiola ; arredondado como o perfil d'uma cupula ; ogival e rendilhado como um pequeno nicho antigo. É sustentado por caryátides de madeira ou por duas traves que o mantêm como dous braços. Parece um relicario d'egreja applicado contra a fachada d'uma casa, e, como um

relicario, é bordado, rendilhado, recortado, poetizado.

O aspecto d'aquillo tudo é extremamente ligeiro: parecem casas feitas de cartão.

Sente-se alli o povo primitivo que creou a tenda e transportou para as suas construcções o seu instincto nomada. Aquillo, como a tenda, é leve, oscillante, aberto a todos os ventos: não ha vidraças, e o ar entra livremente pelas gelosias dos *mucharabiêhs*. Como a tenda, pousa levemente no chão: parece que se vae dobrar, que se vae atirar para as costas dos camelos e seguir através do deserto.

As construcções solidas pertencem aos climas frios, ás raças creadas nas serras agrestes e nas florestas, entre os perigos e a fatalidade dos elementos. Aqui, na casa, ha sómente o bastante para a habitar e para ter a mulher; como a tenda, é apenas um pretexto para não dormir ao resplendor das estrellas nocturnas, sob o largo cheiro das arvores.

Todos os palacios pesados que existem no Cairo, são harens: ahi, o cuidado, a vigilancia, a intenção de prisão, o sentimento que faz acompanhar sempre

a mulher por um eunuco, ainda mesmo quando vae entre as quatro taboas forradas d'um *coupé*, explica os pesados muros, as portas chapeadas e ladeadas d'escravos, e as gelosias, altas como prisões. Mas a tenda subsiste ainda na mobilia: um tapete no chão, como na tenda; como na tenda, um divan em redor do quarto: nada mais. Sente-se o pastor em cada um d'aquelles homens que já nem sabem que nasceram de pastores!

De sorte que o perfil d'uma rua é extraordinariamente pittoresco: os telhados formam, na luz, recortes que ora se estendem em terraço onde se arredonda uma cupula, ora se erguem em agulhas, em zimbórios, em ogivas. As duas linhas de *mucharabiéhs* tocam-se quasi pelo alto, deixando vêr apenas uma nesga tortuosa d'azul.

Envolve as ruas uma sombra escura em que se distinguem mal as casas, por vezes pintadas d'escarlata, ás tiras, ou cobertas de versiculos do Alcorão que desdobram sobre as fachadas os seus arabescos em relevo. De repente, n'um recanto, ergue-se uma palmeira: as palmeiras são silenciosas e enigmaticas.

Ao rez-do-chão abrem-se as lojas, nichos mysteriosos, onde ha sempre um homem que fabrica, vende, concerta, ou pede alguma cousa. Às vezes, a linha das casas termina, e começa a parede branca e escarlate d'uma mesquita ; outras vezes, é o muro curvo, circular, d'uma escola, todo bordado, cheio d'arabescos, de dourados, de caracteres, de versiculos, de pequenas columnatas em relêvo.

Nada novo, caiado ou pintado --- tudo é carunchoso, antigo, esculpido, poetico, expressivo. As casas lembram faces humanas, têm todas as expressões. Chegam quasi a parecer seres vivos, tanta é a quantidade d'intenção que as suas architecturas contêm. Os angulos, os *mucharabiêhs*, os recantos, as torres, os balcões, os andares, tudo aquillo se adianta sobre a rua, lhe dá um perfil, uma expressão pittoresca, uma sombra dôce, uma grande frescura, um silencio recolhido, e tem o vago aspecto d'uma cidade gothica, tal como as vemos nas velhas gravuras ou nos desenhos phantasticos de Gustave Doré.

Uma immensa multidão enche aquellas ruas. É necessario caminhar devagar, repellindo, discutindo, a passo, com astucias de escamoteador e violencias de *gendarme*. A multidão, compacta e espessa, circula como uma massa mal derretida. A melhor maneira de vêr a rua, é passar, montado na alta sella escarlate d'um burro arabe.

Vamos seguindo agora por um dos lados da larga praça de Esbekiêh. Vamos ao Muski — a rua levantina, estrangeira — rua d'Europeus, de marseheses, d'italianos, d'armenios : ha lojas de modas, livreiros, barbeiros, e as casas têm já as fachadas chatas e inexpressivas das construcções occidentaes.

Ao fundo do Esbekiêh, ergue-se o palacio de Alli-Pachá, côr de tijolo, com as suas galerias abertas em que pendem lustres de crystal, e os seus pennachos de palmeiras que se debruçam por cima dos altos muros do harem.

Aqui, é o começo do Muski : enche-o uma multidão impenetravel. Paramos um momento . . . Cui-

dados! — É uma fila de camelos, carregados de fardos d'algodão, que passa lentamente... Uma caleche fechada, cheia de damas do harem, atravessa vivamente, com o gordo eunuco negro, vestido d'escarlata e bordado d'alamares, apumado na almofada.

Aqui, n'este largo, estão os cafés levantinos, servidos por gregos, de longo *tarbuch* azul, de que pende uma grande borla de sêda verde que se espalha sobre o hombro.

Paramos: um arabe pequeno, de figura jovial, estranha, gaiata e subtil, aproxima-se em silencio: mette a mão no seio e tira um molho de cobras vivas! É um *psyllés*, um encantador de serpentes: enrola-as em volta do pescoço, mette-as na bocca, fecha-as n'uma bolsa, escamoteia-as e — tira-as uma a uma do nariz! As cobras parecem semi-mortas e os seus olhinhos baços vibram docemente. Depois, o *psyllés* mette-as de novo no seio e pede-nos uma piastra...

Então Ebquiêh, pequeno *fellâh* de cinco annos, ao vêr-nos, corre, atira-se aos nossos pés, apossa-se das nossas botas e engraxa-as com uma pre-

cepitação febril... É uma industria nova, exercida pelos pequenos *fellâhs*, mendigos dos arrabaldes que ainda não têm força para puxar ao *chadúf* na margem do Nilo.

Na confusão, um velho, apressado, roça por nós, molha-nos todos... Vae curvado sob o peso d'um odre cheio, reluzente de humidade, a escorrer agua. É um aguadeiro berbere, com uma barba branca eriçada sahindo d'uma face negra como asphalto, de beiços grossos e olhos obliquos, agudos, bordados de vermelho.

Aquelle outro homem que passa, quasi correndo, é um *derviche* : os seus cabellos compridos, des-penteados, negros, soltos, fluctuam em redor do alto barrete agudo de feltro, e, ao correr, a larga tunica enche-se-lhe de vento, como um balão. Os seus olhos são freneticos, convulsionados, revolvidos. Vem d'um *sikr*¹, exaustos, fanatisados, ebrios de orações...

¹ Exercícios religiosos que os derviches praticam em commum, e em que se exaltam por meio de danças e declamações.

— *Wa darab, yâ rijâl!* ¹

É um *saïs* que precede a carruagem d'um Pachá ou d'um Bey: vae adiante, correndo, com uma alta vara branca na mão, a saia curta de pregas enfunando em torno d'elle, e a jaqueta de velludo bordada a ouro deixando vêr a larga faixa escarlata. Grita, correndo com os cotovelos junto ao corpo, a borla do *tarbuch* fluctuando. Quem vinha na carruagem? Um homem de barbas negras, vestido como os antigos kalifas, de turbante de *mousseline*, tunica de sêda amarella, diamantes na cabeça . . . Ah, diabo! É sua excellencia o Ehei-in-Islam, o emissario de Constantinopla, aquelle que preside aos tribunaes em nome do Sultão!

Penetramos no Muski. É necessario ir devagar, caminhar lentamente. Tudo é ruidoso, vivo, animado. Os *fellâhs*, de tunica azul e pequeno gorro de feltro escuro, o andar firme, a physionomia alta,

¹ Não garanto a exactidão da phrase arabe: o manuscrito aqui é confuso. Tentei reconstitui-la com o auxilio d'um pequeno vocabulario: deve estar barbaramente errada! A exclamação, comtudo, pode traduzir-se approximadamente por: *arredem-se, oh, homens!* (J. E. Q.)

astuta, de traços egypcios, passam, correm, gritam, levando fardos, esteiras, cestos de folhas de palmeira ou bolos de *durâh* em largos taboleiros. Circulam velhos turcos, polidos, cançados, de physionomias sombrias, ou vermelhos e barbudos, com o *fez* pousado no alto do craneo. Os turcos são poucos no Cairo : ou são policias ou são Pachás. O seu andar é lento e grave, e caminham com o perfil alto, desprezando o arabe e desfiando os seus rozarios.

Burros de passo miudo atravessam a todo o momento aquella multidão espessa — uns, montados por graves musulmanos, piedosos e patriarchaes, de longas barbas, vestidos pobremente ; outros, por levantinos, gregos ou armenios, com o comprido calção de casimira até aos pés, botins d'elastico, e a pequena jaqueta com bordados a retroz ; outros ainda, levam mulheres levantinas, embrulhadas em largas mantilhas de sêda negra que as envolvem como um sacco, e a longa tira branca que lhes cobre o rosto cahindo até aos pés.

Vamos penetrando lentamente. As carruagens passam, correndo : adeante, os *saïs* gritam e os cocheiros, nubios ou berberes, guiam encruzados

sobre a almofada, com as redeas e o chicote n'uma das mãos, envolvidos n'um vasto gabão cujo capuz fluctua, a physionomia animal e dura, gritando, amaldiçoando os que vão a pé, «nos seus ossos e nos ossos de Abrahão!», berrando, bradando, fallando aos cavallos — e comendo com desespero um bolo de *durah*.

Agora passam camelos de raça Syria, fortes, curvados, enormes, carregados de pedras, a passos pesados, miudos e oscillantes. As mulheres *fellâhs* arredam-se, sustentando os filhos escarranchados sobre um hombro, e levando á cabeça os taboleiros em que vendem lentilhas seccas, farinha de *durah*, canna d'assucar e toda a sorte de confeitos de rosas.

Entra-se na rua mais proxima dos harens : ahi a multidão é mais original. Os pequenos cafés abertos deixam vêr no fundo escuro, através d'uma porta bordada, como esculpturas trabalhadas em relêvo, vagas figuras immoveis, fumando o *chibuk*.

A multidão circula : os coptas, com os seus turbantes negros, de physionomias concentradas, passam lentamente ; os nubios, altos, delgados, ner-

vosos, negros, com os olhos scintilantes de luz, os dentes aguçados e brancos, a physionomia aberta, caminham a largos passos, vestidos d'uma camisa azul, curta, que lhes deixa núas as grandes pernas esguias e elasticas; alli, surge um judeu, de turbante negro, com a tunica traçada, os braços conchegados ao corpo, o olhar revoltó e desconfiado, duas mechas de cabello pendentes sobre a face, uma sordidez extrema no vestuario: vem de trocar, de certo, moedas no bazar, ou de concluir algum negocio de joias . . .

Descançamos n'um pequeno largo. Duas palmeiras e um sycomoro destacam as suas folhagens verdes sobre uma parede de mesquita, listada de branco e escarlata. Ahi, descobrimos cafés escuros, desertos, mysteriosos: à porta, sobre especies de altas gaiolas de vime, encruzam-se arabes graves.

Um velho atravessa a pequena praça, devagar, com o olhar mortiço, encostado a uma bengala, a cabeça oscillante e convulsiva, arrastando

as largas *babuchas* de marroquim amarello, recurvas na ponta : é um fumador d'opio que vae orar à mesquita.

Debaixo das duas palmeiras, destaca-se um grupo de camelos, carregados com saccos de grão : um negro do Sudão, negro como o asphalto, de perfil correcto como um caucasiano, vende o grão ; um copta escreve n'uma folha de lata ; um *abadich*, com o calção branco tufado como uma saia, o cabello lustroso de banha e adornado com arestas de porco-espinho, examina o grão, encostado a um cajado. Um grego, de larga fustanella, barbudo, o olhar subtil, os labios finos, a testa alta, falla com gestos abertos e largos. Vôos de pombas abatem-se sobre o grão -- e um mogrebino assusta-as, erguendo pela ponta o manto branco.

Duas damas levantinas atravessam a praça : trazem largas calças amarellas, recahindo em pregas sobre os sapatos claros e recurvos ; uma grande mantilha cobre-as de alto a baixo. Caminham alargando os braços, bamboleando-se, e as vestes atraz d'ellas formam junto ao corpo uma especie de nicho que as segue, cheio de fru-frus macios.

Um burro passa, correndo, carregado de canas d'assucar que o cobrem todo e arrastam atraz, fazendo-lhe uma cauda de folhagem ; guia-o uma *fellâhine* de Saíd, alta, delgada, de movimentos livres, elasticos, de pernas finas e nervosas, vestida d'uma camisa d'algodão que lhe modela as fórmãs ; uma tira de panno, presa á testa por um semi-circulo de metal, cobre-lhe o rosto, cahindo sobre o peito.

Defronte das arvores, ha uma guarita : um soldado está sentado, com o sabre desembainhado sobre os joelhos, fazendo sentinella ; outro, ao lado, encruzado, faz meia !

Caminhamos um pouco mais : é uma rua deserta e estreita. Os largos *mucharabiêhs* dependuram-se das paredes. Vêem-se, através do gradeamento de madeira, cosidas interiormente, cortinas brancas, por traz das quaes se movem vultos femininos.

Por baixo, abrem-se pequenas lojas ; ha ahi infinitos misteres : um homem faz cestos de folhas de palmeira, outro ennastra esteiras com um esparto

vermelho. Alli, fabricam-se os *chibuks*: o artista trabalha o ambar das boquilhas ou enrola aros de prata ou fios d'ouro ao longo de compridos tubos de pau. Aquelle outro orna delicadamente um tamborete; outro ainda torce fios d'ouro, encruzado, com o fio preso ao dedo do pé. Alli, fazem-se os divans para os cafés, que parecem altas gaiolas de vime; aqui, corrieiros trabalham nas sellas vermelhas para os burros, ou nas altas sellas arabes, arqueadas, com um vasto espaldar como o d'uma cadeira, e uma maçaneta adiante; outros, fazem os largos estribos quadrados, afiados a um dos angulos, para cortar o ventre ao cavallo; outros ainda fabricam as cabeçadas, cheias de longas borlas de pennas d'avestruz e de crescentes que se chocam e tilintam.

Em pequenas lojas vêem-se cousas inexplicaveis e confusas: essencias, comidas, fio de grãos coloridos ou de contas, perolas falsas, ferragens.

As casas, aqui, são mais velhas, mais decrepitas: algumas cahem em ruinas. Um pó branco eleva-se no ar. Não ha toldos, e o sol penetra violentamente, fazendo faiscar a poeira.

Mas ha repouso. A um canto, vemos o vendedor de *sherbet*, immovel, silencioso, curvado, com a larga urna ás costas, presa por duas correias, e os braços afastados como os d'um idolo, sustentando nas mãos espalmadas as taças do Japão em pequenos taboleiros de pita entrançada.

Entramos agora n'outra rua, proxima dos bazares. É uma avenida: a multidão circula; os burros vão, veem, trotam, galopam: o levantino, em cima, de pernas pendentes, chicoteia-os, e os *saïs* correm ao lado, espicaçando-os, gritando, uivando. Graves *ulemas* passam aos pares: vão á mesquita ou veem do pateo do *Cadi*, administrador da justiça; vão lêr ás bibliothecas ou a casa de El-Emry, reitor d'El-Azhar — a não ser que vão simplesmente ao bazar comprar o bôlo de favas. Um arabe do Sinai passa magestosamente, coberto de farrapos e scintillante de contas de vidro. Além, são funcionarios turcos, apertados na *stambouline*, o longo casaco negro, esguio, sobrio, direito; caminham a par: são eguaes; outro que segue mais atraz, é um inferior: aqui, cada um tem o seu logar definido e a sua posição determinada,

Dous arabes em farrapos, d'espingarda ao hombro, a pelle dura como couro, um lenço de côres desbotadas preso á cabeça por uma corda d'esparto, passavam vivamente : são caçadores de feras.

Mas logo adeante, n'um beco proximo, que socego ! As casas são altas, os *mucharabiêhs* quasi se tocam. São fachadas esbatidas, delicadas, ornadas com longos versiculos do Alcorão ou arabescos dourados em relevos salientes. Algumas mulheres levantinas fazem compras junto a um nicho de mercadores.

Um homem adeanta-se gravemente, cantando uma melopeia lenta e penetrante : é um velho vendedor ambulante. O seu largo turbante é branco, o seu longo *caftan* é de sêda amarella listada de verde, e as grossas *babuchas* escarlates que calça são reviradas como a prôa d'um saveiro ; os seus dentes brancos reluzem entre a barba negra. Sobre o hombro, traz os ricos tapetes da Carmania, de desenhos resplandecentes e côres vivas como as flôres dos tropicos ; n'uma das mãos, sustenta uma espingarda do tempo dos Kalifas, encrustada de madreperôla, com grossas letras arabes douradas ao longo do cano ; na outra mão, leva espelhos per-

sas, que são pequenas laminas de aço polido, incrustadas n'uma larga bordadura de madreperola onde luzem amethystas. Das portas, saudam-no, e elle passa gravemente, cantando a sua melopeia arrastada e tremula.

De repente, no fundo da rua, ha uma algazarra : uma pobre mulher *fellâh*, velha, miseravel, decrepita, sulcada de rugas como uma terra lavrada, foge, tropeçando e gemendo... Um *arnauta*,¹ atraz, atira-lhe vergastadas de *curbach*. A velha esquiva-se ; alguns mercadores afastam o cachimbo, deitam a cabeça fóra do nicho: e o *arnauta*, com a sua fustanella branca, a jaqueta vermelha bordada a retroz negro, as longas armas passadas á cintura, o bigode retorcido e brutal, pára, e n'uma colera serena, perora com auctoridade e abundancia...

Vamos-nos approximando mais dos bazares : as ruas são ainda orladas de pequenos nichos onde se vende toda a sorte de cousas: louças, armas, comestiveis, brocados. No chão, há filas de mulheres

¹ Homem da Macedonia.

sentadas, encruzadas, tendo deante de si esteiras onde se amontoam bolos, toda a sorte de dôces de fórmãs symbolicas e estranhas.

A multidão comprime-se alli cada vez mais. Os *fellâhs* dos arredores enxameam, com as suas largas tunicas azues. As mulheres passam, voltam, tornam a passar, com o andar lento, pesado, fatigado, que indica o habito de viverem sentadas: vê-se, por traz do longo véu que as encobre, os olhos luzirem com uma extraordinaria vivacidade. Outras adeantam-se a cavallo, escarranchadas como homens, com estribos tão curtos que parecem ajoelhadas sobre as sellas. Os arabes moços, trigueiros, de longos olhos fendidos e luminosos, deixam vêr sob as tunicas abertas, as largas faixas escarlates. Passam camelos, carregados de toda a sorte de fardos; os aguadeiros atravessam, correndo; as carruagens cortam a multidão espessa aos gritos dos cocheiros. Vemos mogrebinos envoltos nos seus mantos brancos. Os abyssinios conhecem-se pela sua côr negra, polida como marfim, e os turbantes azues. Aquelles arabes de turbante verde, são nobres,

são *ulemas*, são *cadis*, pertencem á familia do Propheta. Homens do Hedjaz passam gravemente sobre os seus cavallos, ou a pé, calçados de sandalias, e um longo manto vermelho arrastando. Beduinos da Lybia, envoltos em mantos escuros, as pernas embrulhadas em pannos amarrados com cordas, caminham com lanças ao hombro. Os nubios gritam com uma voz gutural e sibillante; os cães ladram, correm, precipitam-se-nos entre as pernas; apregoam-se os *sherberts* e a limonada de rosas; vendedores d'esteiras de Kordagan, de leques persas, de mantos beduinos, de tapetes turcos, offerecem as suas mercadorias; os *derviches* passam apressados entre a multidão impressionada pelo seu ar estatico; um vendedor de laranjas grita: *Portocali! Portocali!* atirando as laranjas ao ar e aparando-as na mão...

— *Wa rigâl!* — gritam os *saïs*.

Escravos, de *caftans* bordados, adeantam-se, repellindo e afastando a populaça com um bastão: são creanças ricas, montadas em burros do Hedjaz, passeando no meio dos seus eunucos negros e abyssinios.

Grupos pomposos, de longas tunicas de sêda, de *caftans* de cachemira, de *stamboulines* estreitas, cruzam-se, olham-se, e cumprimentam-se levando a mão á testa, ao peito, á bocca, e estendendo-a depois com um gesto lento. Os pombos esvoaçam pelos bazares. Os eunucos que conduzem as mulheres, montadas em burros syrios, gritam com furor quando se lhes toca, amaldiçoando e esconjurando. Velhas hediondas, seccas, mirradas, vagueiam, fazendo circulos no chão com uma pedra branca : são as feiticeiras. Um consul passa na sua larga carruagem, precedida de correios. No fundo escuro dos cafés, abarrotados de gente, as côres vivas dos turbantes scintillam vagamente . . .

Pela rua, um homem quasi negro vem fugindo desesperadamente, gritando : *Allah ! Allah !* Atraz, um *kavas* corre para o prender : o velho é um propheta. O *kavas* persegue-o para o levar á policia, cortar-lhe o cabello e fazel-o sentar praça !

E, por entre a multidão, um velho *sheik* do deserto, com a sua longa tunica listada, o *cuffié* de Damasco pendendo sobre o hombro em franjas

douradas, passa gravemente sobre o seu dromedario, seguido da sua familia, como no tempo dos patriarchas.

É sublime !

II

A CIDADELLA

Ao outro dia, pela manhã, estávamos sentados no terraço do Shepeard's Hotel, no Esbekiêh.

O Esbekiêh é uma enorme praça, plantada d'arvoredos de folhagem leve e sombra avara, cortada de largas avenidas macadamizadas. Alli vive e medra a população franco-levantina. Alli estão os hoteis, os consulados, os casinos italianos e francezes, os pequenos cafés gregos, os bilhares, os cabelleireiros, os photographos e a antiga estação do transito da India, com a sua larga porta ogival por sobre a qual se balouça um crocodilo emalhado.

Debaixo das arvores, ha pequenas mesas onde se toma o café, se joga o dominó e se fuma o *narguiléh*. Os levantinos de *tarbuch* vermelho, os armenios, os gregos, os arnautas, os viajantes, circulam por entre as mulheres dos cafés, de saias curtas e faces pintadas, que renovam o tabaco dos *narguilêhs* e servem *bocks* de cerveja.

Alli lê-se o *Figaro*, a *Illustração* e o *Times do Levante*, canta-se a *Marselhesa* e a *Femme à barbe*, e joga-se a roleta n'um pequeno café austriaco, que tem um pateo onde duas palmeiras arqueiam as suas folhas asperas d'um verde pallido. Alguns *fellâhs* dormem ao sol . . .

Desde a manhã tinhamos tomado um *drogman*, Jonas Alli. Com elle iamoss percorrer o Baixo Egypto, o Canal de Suez e a costa da Arabia.

Jonas Alli era nubio : baixo, musculoso, pesado, com um nariz revirado como um velho sapato beduino, tinha a barba curta, rara, eriçada como palha secca, e os dentes resplandecentes como os d'uma fera.

Fallava um francez tenebroso, hieratico, com um ar penetrante e seguro. Tinha sido cozinheiro, *saïs*, e era agora *drogman* do Cairo e do Alto Egypto. Era loquaz e atheu. Tinha um desdem infinito por Mahomet e pelas suas revelações: nunca o vi orar ou fazer as abluções sagradas; de resto, nem fazia as abluções hygienicas. Entrava nas mesquitas, rindo, sem tirar as *babuchas*, dando *shake-hands* sacudidos aos graves *ulemas*. Bebia vinho como um catholico e cerveja como um protestante. Era paciente: nas contendias com os alquiladores de cavallos, com os *reiss* dos barcos, com os *saïs* das carruagens, tinha uma gravidade pacifica. Os arabes, segundo o habito tradicional, questionavam, mentiam, enganavam. Jonas Alli chegava, dizia-lhes o *salaam*, tocava-lhes a mão, e, sem transição, entrava n'uma colera terrivel. No meio, voltava-se para nós, sorria, ageitava o paltetot ou o véu, e, virando-se para o arabe, continuava a trovejar. Depois, inesperadamente, começava a fallar n'uma voz familiar e serena.

Era cheio d'uma reserva discreta e impassivel, e quando se lhe perguntava pelos habitos da vida

feminina do Cairo, sorria, e o seu francez tornava-se barbaro.

Dizia coisas monstruosas com uma bonhomia dôce :

— Os crocodilos são perigosos no Alto Egypto ?

— *No, Mossiú ; sómente, o crocodilo chega-se ao pé de Mossiú, et le mange !*

Era de Médinet-Abú, creado nas ruinas de Thebas. Tinha guiado os rebanhos de bufalos na larga planicie arenosa onde se erguem os dois colossos de Memnon, enormes, pacificos e magestosos. Era negro, d'uma côr luzidia como o asphalto liquido, mas quando fallava de si, sorria, enfatuado, mostrando os dentes agudos, e dizia :

— Nós outros, os brancos . . .

N'esse dia, montados em burros, equilibrados sobre a alta sella escarlata, fomos vêr a cidade. Os burros do Cairo — e de todo o Egypto — são animaes extremamente lindos e sympathicos. Pequenos, com uma enorme cabeça ingenua, arreados

de vermelho, correm com um andar dôce, meneado e fugitivo. Não são, como os jumentos da Europa, graves, monotonos, modestos e sábios: galopam, pulam, são vaidosos e cheios de revolta. O seu olhar é largo, profundo e dôce. Os seus membros são delgados, nervosos, vibrantes. Os burriqueiros *fellâhs* acompanham-nos, correndo adiante, gritando, ou atrás, agarrados aos compridos rabos dos burros, excitam-nos com os seus gritos guturaes.

O burro é, no Cairo, d'uma utilidade extraordinaria. Já no antigo Egypto o burro era muito estimado: nos baixos-relevos dos templos, vêem-se deuses com orelhas de burro!

Os burros encontram-se em todas as ruas do Cairo, ora montados por velhos *ulemas* que passam desfiando um rosario, ora por armenios ou gregos, de physionomia subtil e fina, que galopam alargando os braços, com a borla do *tarbuch* fluctuando. Depois, é uma pequena fila de jumentos transportando um harem: os *saïs* precedem-nos, os eunucos puxam pela arreata; as mulheres, em cima, todas envoltas em tunicas negras, com a tira branca que

lhes desce do rosto até aos pés, equilibram-se sobre as altas sellas, com a extremidade do sapato amarello e recurvo mettido no pequeno estribo. Mais longe, são burros que passam com molhos de canna d'assucar que os cobrem todos, arrastando pela lama as extremidades de folhas flexiveis e verdes; e outros ainda que seguem carregados d'odres luzidios e escorrendo agua, conduzindo saccos de grão, ou linho de Bulak.

A caminho da Cidadella, galopamos, rindo, gritando, equilibrados sobre a alta sella vermelha.

O Cairo é uma cidade plana, na base do Mokattam, que a Cidadella domina.

Sobe-se por uma ladeira macadamizada e larga. Adeante de nós, um official, de *tarbuch*, casaco azul com alamares d'oiro, calça larga escarlata, alfange recurvo, galopa n'um cavallo de pescoço erguido e anca lustrosa, coberto com um xairol vermelho, recamado de bordados e de crescentes.

Em cima ficam os ministerios, a casa da moeda,

a imprensa, o arsenal, a fabrica d'armas — largos edificios dominados pela mesquita de Mehemet-Alli que mergulha no azul o seu minarete fino, delgado, branco como uma véla d'estearina.

A mesquita de Mehemet-Alli, que é de construcção recente, de 1830, é considerada no Cairo como d'uma architectura maravilhosa e superior ás mesquitas de Stambul. Na realidade é grandiosa, pesada e grosseira. Entra-se, por uma porta semelhante á de qualquer egreja, para um grande pateo gradeado, rodeado d'uma vasta arcaria. É tudo d'alabastro, mas a construcção é pesada, as columnas sem originalidade, sem elegancia e sem grandeza. O alabastro, comtudo, dá-lhe um encanto imprevisto. É alabastro polido, d'uma côr suave e transparente, com veios delicados e grandes reflexos d'opala. O sol cahe sobre aquellas superficies lustrosas, dando-lhes a graça do ambar tocado de luz. Ha uma grande frescura e um silencio dôce : aquillo pede tunicas de sêdas ricas, um fino escorrer d'agua, um perfume leve subindo n'um fumo azulado d'incenso, e um canto arabe, lento e maravilhoso, ao som plangente das *darbukas*.

Ao centro fica a fonte das abluções, de estylo persa ou tartaro, em madeira trabalhada em arabescos verdes e dourados. N'um dos lados da columnata, alarga-se, pesada, fastidiosa, quadrada, burgueza, uma torre colorida a negro e oiro, onde mostra o seu quadrante imbecil um relógio enviado por Luiz Philippe !

Interiormente, a mesquita é immensa, tendo ao centro uma larga cupula sustentada por columnas.

Tapetes europeus cobrem o chão. Um lustre de pingentes de crystal pende, immovel, e serpentinas de prata estendem os seus braços terminados em folhas d'acantho. As janellas são grandes, com vidraças embaciadas e cortinas de sêda verde. É burguez, trivial, fastidioso e enorme.

N'um espaço lateral, abre-se uma porta de bronze, pesada de baixos-relevos : é o tumulo de Mehemet-Alli, especie d'alcova forrada d'um estofado pesado e forte de Damasco, recamado de fios d'ouro. Ao centro, ergue-se o catafalco, coberto d'um largo panno de velludo verde, cujas pesadas borlas d'ouro arrastam no chão.

A pouca distancia, fica o palacio de Mehemet-

Alli. Está meio derrubado, mas continua a ser a morada do filho do Khediva. São salas estreitas, forradas de sêda amarella com ramagens escarlates, decoradas de paineis ingenuos e primitivos onde arvores se emmaranham e arqueiam em ramos verdes.

A arte no Egypto não existe modernamente. Constroe-se com grande ruido no Esbekiêh, em Chubrah, em Bulack, mas são edificios rectangulares, brancos, picados de pequenas janellas quadradas com frisos verdes. Da arte arabe, apresentam apenas a pouca solidez dos materiaes. Mas a graça, a invenção, o imprevisto, o ideal, a maravilhosa delicadeza da velha architectura sarracena é hoje desconhecida.

Pois se houve logar em que as architecturas maravilhosas se destacassem no azul immortal, foi o Egypto — architectura pharaonica, architectura grega, architectura sarracena, templos de Carnak, templos de Abydos, mesquitas do Cairo!... Os turcos nunca comprehenderam os Pharaós, nem os Ptolomeus, nem os Fatimitas. Adoram o genero italiano rococó: vastas construcções pesadas, caiadas de verde ou de amarello, de janellas esguias,

ornadas d'um friso corynthio e terminadas por erraços.

Os templos de Thebas são utilizados, e n'elles se lançam os alicerces das novas industrias; os templos d'Amrú são aproveitados para fabricas, e a mesquita maravilhosa de Kait-Bey e os tumulos dos Kalifas caem em ruínas à beira das novas avenidas macadamisadas! Abrem-se largas ruas hirtas, direitas, derrubando-se, como no largo d'Esbe-kiêh, casas arabes feericas, de *mucharabiêhs* maravilhosos, cheias d'arabescos, rendilhadas, bordadas, riscadas de listas vermelhas, com os finos versiculos do *Alcorão* pintados nas suas fachadas. Illumina-se a cidade a gaz, macadamisam-se as ruas, estabelecem-se cafés onde as *lorettes* abancam, e a cantiga da *Femme à Barbe* mistura-se ao estalar da cerveja! É Paris, é Londres, é Napoles, invadindo o velho Cairo.

Percorremos a Cidadella: ha em redor um perpetuo movimento. Á sombra d'um alto edificio estão amarrados os burros em que vieram os *cadis* e os banqueiros judeus, os cavallos arreados de vermelho em que vieram os *pachás*, o dromedario

em que veio o *cheik* do deserto. As carruagens, precedidas dos *saïs* albaneses, cruzam no largo atrio. Por toda a parte se vêem construcções, ruínas, paredes que se derrubam. Ergue-se um pó livido, suffocante. O sol faisca. Forçados, amarrados por cadeias pesadas — negros do Sudão, nubios e berberes do Baixo-Egypto — carregados d'enormes fardos, caminham, fazendo um ruido de ferros arrastados. O *kavás*, atrás, de pistolas resplandecentes á cinta, sabre curto de bainha escarlate, fuma o *chibuk* e faz estalar o *curbach*.

Ao cimo d'uma pequena ladeira, mostram-nos um largo poço d'antiga construcção, profundo, negro, vasto, assombreado por sycomoros murmurossos onde cantam as rôlas. Desce até ao nivel do Nilo, e a tradição conta que foi edificado por José, filho de Jacob.

Mais adeante, exploramos um caminho estreito, aspero, ladeado por duas altas muralhas: é uma das sahidás da Cidadella. A porta está destruída, em derrocada. Alli, foram assassinados os Mamelucos. Tinham vindo com grande esplendor á festa do Pachá. Á sahida, ao descerem por aquelle

estreito caminho, encontraram fechada a grossa porta chapeada de ferro. Quizeram retroceder, mas n'esse momento uma descarga cruel esmaga-os : os albanezes fazem fogo de traz da muralha ! Apertados n'aquelles muros, a cavallo, n'uma confusão dolorosa, crivados de balas, ensanguentados, pereceram miseravelmente. Um unico tinha ficado para traz : ouvindo os tiros, os gemidos, os gritos, desenrola o turbante, venda os olhos do cavallo e atira-se do alto da Cidadella. O cavallo chega a baixo morto, o Mameluco ferido. D'ahi a dias era agarrado e decapitado !

Entretanto Mehemet-Alli anediava a sua longa barba branca, e tomava café, conversando de coisas familiares e alegres.

N'outro lugar mostram-nos uma mesquita em ruinas, a de Tulúne, creio. É maravilhosa : vê-se ainda o tecto esburacado, aos pedaços, onde se distinguem finos arabescos dourados e negros, stalactites pendentes d'uma graça delicada, grandes janellas ogivaes, rendilhadas, bordadas como um lenço de Beyruth, e uma galeria de granito verde, aberta, fina, airosa. Os pardaes entram, chalram,

esvoaçam. Montes de pedras, columnas quebradas, cobrem o chão onde o sol faisea ; n'um banco de carpinteiro, dous *fellâhs* serram madeiras.

Estamos fatigados de vêr ruínas, muralhas, construcções brancas . . .

— É necessario vêrem o Cairo do alto da Cidadella — affirma o *drogman*.

Subimos, cançados, cobertos de sol e de poeira, e olhamos : é maravilhoso !

O Cairo estende-se em baixo, na planície, como sobre um mappa. Vê-se o Nilo, os contornos do Delta, o Deserto. Aos nossos pés, n'uma larga praça cheia de escuras casas derrubadas e dos montes de calça das obras da Cidadella, mas ruidosa d'uma multidão pittoresca de arabes, de *fellâhs*, de camelos, de vendedores, a negra mesquita do Sultão Hasan assenta a sua massa poderosa e melancolica. Destacam fortemente na luz e no sol as suas altas paredes escuras, riscadas de negro, e o seu minarete esguio que se eleva no ar, triste como um suspiro de pedra lançado para o céu.

Sentem-se alli todos as antigas tradições do Islamismo.

A mesquita parece um vulto prophetico, com todos os seus mysterios, no meio da cidade. Toda vestida de luz, o sol, o ar, não conseguem alumiar-a : fica sombria, como uma eterna tristeza no meio da claridade.

A pouca distancia, resplandecem duas outras mesquitas, riscadas de vermelho, esbeltas, com os seus finos minaretes alegremente elevados no ar, que fazem lembrar aquellas gazellas, que, erguendo o pescoço alto, esguio, elegante, estão suspensas, escutando.

Em redor, as casas cahem em ruinas, abrem os seus interiores como animaes com o ventre rasgado ; os soalhos inclinam-se para a rua e deixam escorregar toda a sorte de destroços. Aquillo está no chão, derrocado, decrepito, confuso, coberto de poeira, e aquellas casas velhas, com a sua côr triste, fazem um cortejo tragico á sombria e ascetica mesquita de Hasan.

Para além d'este primeiro plano, triste apesar da luz, estende-se a cidade. A vista penetra n'uma

espessura immensa, plana, de casas, de terraços, de construcções escuras, quadradas, chatas, como immensos cubos alinhados, d'um aspecto severo, mysterioso e sombrio, que a luz não altera.

As ruas apparecem apenas como fendas delgadas. Por vezes, sobre algum terraço, seccam um vestido azul, uma tunica branca ou as esteiras sobre os quaes se dorme no verão; e tudo aquillo é escuro, melancolico e devastado.

D'espaco a espaco, verduras arqueadas como cupulas, grandes copas d'arvores, folhagens d'arbustos, elevam-se ao pé das construcções brancas dos palacios do Esbekiéh ou do Muski.

Os minaretes erguem-se, finamente recortados na luz, direitos, esguios, listados de vermelho, com a pequena cupula branca no alto, em fórma d'ovo. Fileiras d'arvores espessas, que fazem, de longe, uma estrada de relva ao nivel dos terraços, indicam as duas avenidas de Bulak e de Chubrâh. E para além, na larga planicie, o Nilo, limpido, coberto de luz, envolve a cidade n'uma curva magestosa e parece uma estrada magnifica de verde-azul esmaltado.

Segue-o, acompanha-o, uma larga tira de verdura exuberante. E o rio, a verdura, vão perder-se ao longe nas culturas do Delta, que se esbatem nos distantes horizontes sob a pulverisação faiscante da luz. Depois, mais longe, sobre a linha amarelada e fulva do deserto, destacam-se, com uma das faces alumiada de sol, nitidas, de contornos finos, poderosas, enormes, as tres pyramides de Gizeh.

A luz cahe, magnifica, sobre isto tudo, tão forte, tão viva, que parece pousar sobre as coisas como uma especie de nevoa luminosa.

No fundo, uma linha escura, levemente avermelhada, estende-se até ao infinito: é o Deserto. A transição da terra para o céu não é brusca: uma linha crepuscular, sombria, vaga, indica o fim do Deserto, — crepusculo de terra, crepusculo material: é o vento, a pulverisação immensa e resplandecente das areias . . .

O Cairo, visto da Cidadella, é o Cairo historico, dramatico, sombrio. É a immensa cidade escura,

pobre e arruinada, cahindo em pedaços. A vista mergulha n'aquella temerosa espessura e só encontra paredes que se desmoronam, largas alastrações de ruínas, apparencias de miseria, recantos dolorosamente escuros. É toda a existencia da cidade oriental condemnada pelo povo que a habita: os escombros, a penuria, a desolação material, a decadencia, a immundicie pittoresca e altiva.

Sente-se alli um passado antigo e cheio d'história: as tribulações dos conquistadores, a decadencia da raça, o desleixo dos Pachás, os vicios da civilisação. Vêem-se os vestigios dos canhões de Kléber, dos incendios, dos saques e das ruínas que deixaram as luctas entre sultões, khedivas e pachás. Alli, a historia sangra. O Cairo morre de todas as feridas que lhe tem feito cada um dos governos, que lhe têm dado uma dentada — e que têm passado! E, para empregar as antigas comparações dos prophetas, a cidade decadente tem o aspecto d'uma velha, que depois de se vender, de reinar, perdidos os direitos, cortados os cabellos, cheia de lepra, de rugas e de miseria, se cobre com pedaços d'estofos que encontrou no caminho,

e se estende ao sol, a catar os farrapos e a ouvir correr a agua.

Alli sente-se uma politica sem força e sem ideal, uma religião sem espirito, uma architectura sem idéa, um povo sem patria, uma existencia de acaso, a ignorancia, a vaidade, a sensualidade !

Tudo são paredes devastadas, ruas cheias de destroços, aspectos caducos e carunchosos. As casas são rostos sem expressão, tão degradadas parecem. E tudo aquillo assenta junto da paisagem sublime do Delta, entre a eterna fecundidade do Nilo e as legendas do passado, junto das Pyramides e do Deserto, sob o mais puro, profundo e largo céu que possam desejar as orações dos homens. É grande e miseravel, é digno que um propheta o lamente. Poderiam lançar-se áquelle immenso quadro da vida do homem as imprecações d'Ezequiel !

O Cairo, visto da mesquita de Tulúne, é, pelo contrario, a cidade-jóia, a cidade poetica das *Mil e Uma Noites*. Plana, immensa, sem grandes horizontes, estende-se até á base do Mokattam, que

lhe faz um fundo rosado e suave onde ella se destaca admiravelmente.

A mesquita de Tulûne é uma das mais bellas. Toda em ruinas, serve hoje de morada aos pobres. Devastada, remendada, o seu effeito é ainda extraordinario : é um vasto quadrado, cercado de uma triplice arcada, que a luz enche magnificamente.

Do alto do minarete, a cidade mostra-se em toda a sua belleza oriental. Todos os tons brandos se confundem : as casas resplandecem á luz, apparecem ramos de palmeiras, e a multidão infinita dos minaretes ergue-se até ao horizonte.

Tufos de vegetação denunciam jardins, bosques, logares suaves. Os minaretes lançam-se, agudos, penetrando o dôce azul . . .

É molle, é poetico, é imaginoso. Pedre estrelas, e o canto dos almueddins, e as canções dolentes das mulheres do serralho, e a poesia dos largos vestidos de sêda e das largas imagens coloridas da palavra ; pede os descанços abandonados da carne, ao murmurio das fontes, entre o fumo dos *narguilêhs*, e o cheiro do sandalo e da agua de rosa, e

o perfume do aloés, e o tinido irritante dos se-
quins no penteado das circassianas . . .

Sente-se alli o mysterio, a dôce vida indolente, a facilidade da existencia, a contemplação natural das cousas delicadas. Sonhar, passear nos frescos bazares, palpar os tecidos leves, sentar-se em coxins, ouvir historias, fazer ressumar o *narguiléh* — a isto se deve resumir a vida n'aquella poetica cidade.

Levantinas que passam nos seus largos vestidos, arabes moços e sonhadores, *ulemas* montados nos seus burros, *mucharabiêhs* mysteriosos, terragos cheios da historia das noites estrelladas : é a cidade poetica, bella, imaginosa, amorosa, languida, luxuriosa . . .

Quem olha, porém, para o centro da mesquita, o que vê ? Miseria, mulheres sujas, pobres cheios de vermina catando-se ao sol, creanças rolando-se na lama, correndo com os cães, e velhas hediondas com os seios pendentes e negros, gritando e vociferando . . .

Miseria, podridão e fome -- e por cima bandos d'abutres, voando no céu implacavel !

III

NO SHEPHEARD'S

Ao sahir das ruas estreitas e ruidosas onde se movem aquellas imagens do velho mundo arabe, entramos no *Shepherd's Hotel*.

São sete horas da noite. O gaz flammeja no largo corredor lageado ; os espelhos scintillam ; os *drogmans* circulam. Um arabe percorre os corredores, batendo n'uma larga placa de metal, como para o annuncio d'um velho rito. Aquelle som velado, dôce e penetrante, espalha-se n'um echo esbatido pelas largas salas. É o jantar.

A immensa sala, adornada de columnas, está cheia de luz ; os *crystaes* faiscam ; os arabes, os es-

cravos nubios, os creados francezes, servem apressadamente.

Áquellas mesas estreitas senta-se um mundo bem differente d'aquelle que se move vagarosamente pelas ruas de Cairo : aqui é o nosso mundo, europeu, civilisado, sabio, philosophico, egoista e rico. São embaixadores, poetas, engenheiros, *lorettes*, caricaturistas, pintores, photographos, burgoezes, *dandies*, *lords*, jornalistas, criticos e agiotas.

O rumor das palavras tem uma tonalidade alegre. Não ha o tranquillo silencio arabe : falla-se, critica-se, negoceia-se, intriga-se, discute-se.

Os sentimentos apparecem sob os gestos polidos : mente-se, contesta-se, e o homem revela-se.

Aqui, as mulheres não têm véu : muito decotadas, riem, olham, bebem Champagne, analysam, criticam, e o polido da sua pelle resplandece sob a luz do gaz.

Um ou outro empregado turco, homem da reforma, musulmano de Mahmoud, come gravemente.

Alli, está Theophile Gautier, com o seu rosto de Jupiter olympico, repousado e sereno : con-

trahido de velhice e placido de fadiga, parece cheio d'um tédio impassivel.

Mais além, são dois americanos, com as suas physionomias sem raça : um d'elles, extremamente delicado, de perfil vago ; o outro, com um rosto duro, pesado e accentuado, em que se sente a violencia das sensações, uma rispidez de mando, a firme dominação da vontade e o orgulho do seu *eu* americano, do seu *eu* de Nova York, com fabricas, escripturações e muitas acções do caminho de ferro do Pacifico.

N'outra mesa, um grupo de russos, com a subtil e penetrante physionomia slava, dura e fina, conversam delicadamente n'um parisiense affectado ; as suas maneiras têm uma dignidade comedida. Mas quando se encolerizam, quando se irritam, se um sentimento natural, um instincto faz erupção, os seus traços alteram-se, uma dureza violenta e inconsciente aguça-lhes o perfil, as palavras slavas sahem, hirtas e metallicas, como o encontro d'espadas, e o barbaro apparece.

Mais adeante, *lorettes* fallam, discutem, gritam, inclinam-se, fumam, triumpham.

A um canto da mesa, domina Roma : é o confessor de S. M. a imperatriz d'Austria. É pequenino e macio como uma mulher ; é perfumado, aveludado e cheio de anneis ; o seu pé é gentil e tem uma vibração em que se sente o instincto de valsa ; é delicado, timido, feminino : um dia, no corredor, quando sahia do seu ^{banho}, dos seus aromas, dos seus pentes, dos seus frascos, encontrou um arabe que varria com a sua brutal indolencia de raça ; o pó cobriu o verniz dos sapatos de *Monseigneur* ; *Monseigneur* deu um pequeno grito assustado e retrahindo-se, empallideceu, fugindo com pequeninos saltos graciosos. Os seus cabellos descem-lhe em anneis até aos hombros ; carrega docemente nos *rr* com a entoação d'um *gandin* ; ao fim do jantar, um pouco afastado da mesa, com o guardanapo sobre os joelhos, a batina arregaçada, mostrava as meias de sêda e a curva feminina da perna, bebendo a goles demorados pela fina taça de Champagne. Poetas, creanças, damas francezas ou italianas cercam-no, ouvindo a sua palavra dôce, espirituosa e cheia de recordações de Sardou. Falla, levando a sua pequenina cigarrilha grega aos la-

bios, e atira, com uma graça devota, o fumo esbranquiçado para o decote de *Madame une telle...*

Aquelle mundo, á noite, reúne-se na Opera. Temos lá Naudin e o seu sabio canto. As *lorettes* estão nos seus camarotes, cercadas de *tarbuchs* resplandecentes: é a alta sociedade egypcia, os descendentes dos Mamelucos.

Os camarotes dos serralhos de S. A. Mehemet-Alli, de Sheriff-Pachá, de Raghah-Bey, escondem-se sob uma gaze branda, e pela transparencia entrevêm-se vagamente figuras esbatidas com scintillações de joias.

IV

A MULHER NO ORIENTE

À sahida da Opera as ruas estão cheias de silencio. O Cairo, á noite, não é illuminado e cada um traz consigo a sua lanterna de papel. Durante o *Rumadhan* ¹ sómente, os bazares de comestiveis estão alumiados e vivos. Nos outros mezes, uma grande escuridão esbate as ruas estreitas do Cairo n'uma sombra sinistra. Á noite, aquellas ruas, delgadas como fendas, tristes, com os seus arabescos, os seus *mucharabiéhs* d'ambos os lados, tão pro-

¹ Nono mez do calendario musulmano, durante o qual os mahometanos guardam de sol a sol um jejum absoluto.

ximos como labios que se vão beijar, são impene-traveis á curiosidade dos astros e dos homens.

Aquillo é escuro, silencioso e lugubre. Nas ja-nellas sombrias nenhuma luz recorta os phantasti-cos gradeados dos *mucharabiéhs*. Apenas, ás vezes, um vulto passa devagar com a sua lanterna, levan-do adeante de si um circulo de claridade como um tapete que o precede. Aqui e além, um cão vagueia, latindo miseravelmente. É a hora em que toda a po-pulação se recolheu aos harens !

É então, passeando n'aquellas ruas solitarias, vendo em todas as casas o socego, a escuridão, o segredo, que mais se irrita a nossa indomavel curiosidade, o desejo de saber, de vêr de perto aquelles interiores anachronicos. Toda a população está nos harens e o harem apparece-nos como a ins-tituição mais curiosa, mais bella, mais original do Oriente.

O harem ! O serralho ! Lembra-nos então as velhas historias poeticas, tristes ou crueis, que outr'ora nos encantavam : odaliscas, sultanas, *vali-dés*, *houris*, mulheres do harem, toda a attracção das cousas ignoradas !

Olha-se longamente para aquellas casas, para aquellas architecturas delicadas e imprevistas, arruinadas, velhas, cheias de physionomia ; correm-se os olhos pelas fachadas escuras, mudas, impenetra-veis, e, instinctivamente, procura-se reconstituir, n'uma concepção de comedia, com decoraçãõ, dialogo e acção, toda aquella occulta vida interior.

Não se estará alli cosendo n'um sacco uma escrava infiel, para a arremessar ao Nilo ? N'aquella sala, por traz da gelosia cerrada, não repousará uma moça arabe, sobre coxins, n'aquellas attitudes convencionaes e cheias de provocação que amava o pintor Ingres ? Não se estará alli dançando, no fundo d'aquelles interiores macios, a sagrada e lasciva dança da *Abelha* ? Não estarão alli os escravos georgios, abyssinios, tartaros e persas, com as suas tunicas recamados e os turbantes de cachemira, movendo-se n'um circulo cadenciado e rythmico sobre os tapetes da Carmania, deante da *esposa*, da mulher legitima, enfastiada e estendida, e que olha com uma melancholia distrahida, desfazendo meadas de fios d'ouro ?

Que pensamentos contêm aquelles cerebros ?

Que instinctos os dominam ? Que fórmãs, que dialogos, que attitudes, que imagens tem alli o Amor ? Como se passam, alli, dentro d'aquellas salas douradas, alcatifadas, perfumadas, as horas estereis, os longos ardores do clima egypcio e os momentos de frouxidão e de voluptuosidade que dá o sol do Egypto, inimigo da virgindade ?

Lembram então as historias classicas do serrallo, as revelações dos viajantes, os crimes, os ciumes, as cantigas, a musica, e até o desleixo no asseio, e na frescura, e na dignidade do corpo, de que fallam os viajantes nos seus livros frios, e analysados, e minuciosos.

Nunca entrei n'um harem. A discreção arabe é inviolavel : o arabe nunca falla da mulher. É para elle a coisa sagrada, intima, discreta, ou é simplesmente uma coisa humilhante ? Aquelle silencio é respeitoso ou desdenhoso ?

Sei de arabes que ao contacto dos nossos habitos, das nossas idéas e da nossa critica, na presença da mulher da Europa, comprehenderam o vazio, a imbecilidade, a miseria do harem, e vêem quanto a mulher arabe é inutil, material, estúpida, phy-

sica, simples adorno de carne. Esses, desprezam o harem. No entanto, o sentimento geral não é esse : o arabe, o musulmano que despreza as nossas idéas, os nossos habitos, a nossa architectura, o nosso vestuario e o nosso tabaco, despreza soberbamente as nossas mulheres.

Uma europeia, rindo, fallando, criticando, decotando-se, mostrando o rosto, agitando o leque, flexivel, nervosa, agil, é para elle uma coisa grotesca, impudica e ridicula, que o póde fazer rir como uma historia, mas que o enche de tedio como uma immundicie.

O arabe evita fallar nas mulheres por um sentimento d'extrema reserva, de pudor sensivel, de delicadeza aspera. E supponho ainda que evita fallar n'ellas, como d'uma grande fraqueza. Porque a mulher é realmente a grande fraqueza do arabe. O arabe é honrado, activo, digno; nada o doma, nada o captiva, nada o transforma; é o perpetuo cavalleiro: nomada nas tendas, ou especulador na cidade, a sua dignidade é sempre a mesma, profunda, apparatusa e grave. Tem uma fraqueza apenas: a mulher. A mulher domina-o, subjuga-o,

transforma-o, vicia-o. Pela mulher ama a indolencia, o tabaco, a immobildade, a escravidão. É pela mulher que pecca e que é fluctuante a civilização arabe. É pela mulher que pecca o *Alcorão*, porque foi a mulher que introduziu na vida de Mahomet as condescendencias que tornam quasi inutil a sua obra maravilhosa! A mulher é a chaga do Oriente!

O arabe, intelligente, imaginoso, viril, forte, justo, conhece quanto a mulher arabe é imperfeita, quanto é inutil, quanto é perigosa: por isso, não a aceita como sua companheira, não a faz sua confidente, não a estima; raras vezes come com ella; não a admite ao acto mais sublime da sua vida: a oração. Exclue-a da mesquita, da escola, quasi do pensamento. Dá-lhe joias, vestidos, mas nunca a sua confiança ou a sua estima. O que diz ao seu amigo, nunca o diria a sua mulher.

Attribue-lhe todos os vicios, cerca-a de humilhações, julga-a em perpetua revolta, considera-a como um animal, cheio de instinctos animaes, que é impossivel transformar, e que por consequencia é necessario encarcerar. Cerca-a de muralhas, de es-

cravos, d'eunucos: eunuco em casa, no banho; na rua, á redea do burro; ao lado do cocheiro, na almofada... E o *Alcorão* amaldiçoa aquelle que disser que os anjos têm nome de mulher!

E, no entanto, para o arabe, a preocupação constante, o seu interesse e a sua miseria, é a mulher! Não a póde deixar um momento: considera-a como uma cousa indispensavel. Os principes prisioneiros podem ter mulheres comsigo; os guerreiros levam-nas para a guerra, para as longas viagens, — e quando morrem, collocam-nas no paraiso musulmano — não por motivos de recompensa — mas como creadas d'uma estalagem, d'um *khan*, para os receberem a elles, homens, e lhes fazerem cortejo!

O facto é que o arabe nunca falla nas suas mulheres: não falla ao estrangeiro, nem ao parente, nem ao amigo. Um arabe não pergunta ao seu camarada intimo como está sua mulher, mas, experiente e polido, emprega rodeios cheios d'imagens, e apenas por allusões remotas se atreve a pôr a interrogação. Quando um europeu, menos convenientemente, indaga ácerca da mulher arabe, não o

espancam, como no tempo dos Mamelucos, mas coram sob a sua pelle côr de bronze claro e sorriem com uma irritação amarga.

O nosso *drogman*, Jonas Alli, que era quasi europeu pelo contacto perpetuo com os viajantes, tinha umas palavras, uns modos embaraçados, quando eu lhe dizia :

— Jonas Alli, mostra-me uma circassiana . . .

De sorte que é extremamente difficil penetrar no segredo da vida intima dos arabes.

Comtudo, um armenio que eu conheci fallou d'uma maneira nitida e incisiva sobre a familia arabe. Era secretario de Nubar-Pachá. Alto, magro, anguloso, educado em Paris, tinha um pouco a linguagem e as maneiras d'un *commis-voyageur* de 1830, do tempo de Balzac. Mas o seu espirito era justo, analysta e critico. Tendo vivido em Constantinopla, na Asia Menor, na Syria, na Anatólia, comprehendia bem o mundo Oriental : sabia contar-lhe os vicios occultos, embora os explicasse mais do que os condemnava.

Era positivista : aceitava porém toda a organização social do Oriente como uma necessidade

do clima, do meio e da condição physica. Conversei largamente com elle, de noite, nas ruas do Cairo. Aquelle homem tinha, sob um aspecto commedido e reservado, toda a vasta e impetuosa vitalidade d'um oriental. Conheci-lhe um amor unico : a sua patria, a Armenia. Revelou-me que conspirava pela sua independencia ; contou-me os seus planos : odiava os turcos e queria dar á Armenia a sua antiga originalidade de mentor do Oriente.

Este homem, cujo nome me não lembra, mas que terminava em *ki*, deu-me, por meio de revelações, de aneddotas e pela presença viva das coisas, uma noção nitida do que é a vida interior do arabe e do harem.

Na Europa, são já classicas as velhas declamações contra a polygamia.

Em Portugal é necessario explicar tudo, mesmo as palavras : polygamia é a faculdade de casar com muitas mulheres. Um europeu que falle n'um café ou que escreva um livro sobre o Oriente, tem sempre um periodo emphatico e irritado contra a pobre polygamia, e, por essa occasião, nunca deixa de acrescentar que a polygamia é uma necessidade de

clima, que a natureza determinou as condições humanas, de sorte que, no Oriente, cada homem necessita, para a harmonia natural, de mais d'uma mulher. É o primeiro erro : a polygamia não é necessidade de clima. Os antigos egypcios tinham apenas uma mulher, os hebreus tinham apenas uma mulher . . .

A polygamia foi de todos os tempos uma necessidade d'harmonia social. A vida arabe, na tenda, é extremamente individual : cada um tem o seu cavallo, a sua lança, trabalha para si, conduz os seus rebanhos, arma a sua tenda, defende-a só. O estado de guerra entre as tribus isola o homem de todo o auxilio, de toda a amizade, de toda a comunicação de interesses. O homem só póde contar comsigo : é *elle só*. Não é, como nas sociedades organisadas, um membro, uma parte, uma unidade, que tem por traz de si quem o alumie, quem o transporte, e, para o defender, a policia. Portanto, o grande interesse do arabe nomada é ganhar auxiliares : a maneira mais natural de os conseguir é o casamento — e a unica maneira de obter muitos ao mesmo tempo, os casamentos numerosos, a polygamia.

O chefe, assim, quantas mais mulheres abriga na tenda de pelle de camelo, tantas mais lanças reúne em volta de si para o dia da batalha, tantas mais caravanas protectoras tem para o seu rebanho, tanto mais temido é no deserto. A mulher é o auxilio, o pacto, o tratado.

Firma-se a paz com o chefe inimigo, tomando para esposa sua filha ou sua irmã; celebram-se festas sob a tenda, os dous chefes mergulham as mãos no sangue d'um camelo branco, e sob as estrellas, deante do deserto e das caravanas, estabelece-se a concordia. Assim, na velha vida errante, a mulher é a pacificação!

Na vida moderna os costumes são diversos, porém o facto é o mesmo: o arabe nunca deixou de ser errante nem de ter tenda: sómente, essa tenda petrificou-se e fez-se casa. Alinham-se, enfileiram-se, formam as ruas e a cidade, mas, hoje no Cairo como hontem no deserto, o arabe vive isolado, e como na velha Arabia errante, precisa de auxiliares em volta de si para as asperas luctas da vida. Contudo, aqui, o inimigo não já é o chefe visinho: o inimigo é o Pachá. O imposto, o fisco, a propriedade,

ahi estão as luctas e as armas. O arabe precisa cercar-se d'auxiliares contra o Pachá caprichoso, impostor, avido, estagnador : o casamento é ainda o meio de conseguir allianças. Quando possui no seu harem uma mulher aparentada com as familias poderosas, ligada aos influentes e aos cortezãos, o arabe tem uma garantia contra as violencias imprevistas do Pachá. A mulher, aqui, é a protecção.

O que acontece nas altas familias em relação ao Pachá, acontece nas familias modestas em relação ao *sheik*, e entre os camponeses em relação ao *nadir*.

É esta a verdadeira origem da polygamia.

Não é isto negar que o sol, o clima não tenham exercido influencia no estabelecimento da polygamia: basta vêr a quente physionomia do arabe, o seu labio grosso, cheio de vida, o seu olhar largo e profundo, afogado em humidade, a vibração perpetua das narinas alargadas e minusculas ; basta vêr a mulher, baixa, flexivel, de busto pequeno, as ancas extremamente desenvolvidas, a testa curta, inexpressiva, e tão pallida como a pelle do seio, para se comprehender logo que nas relações da familia o sangue tem exigencias crueis.

No entanto, hoje, no Cairo, a polygamia está, como todas as velhas instituições, como as mesquitas e como as crenças, em periodo de decadencia. Em primeiro logar, a diminuição das fortunas: sustentar as quatro mulheres que o *Alcorão* permite, ou acima d'este numero, as que a paixão possa desejar, é, com a dispersão das grandes fortunas, com a tendencia para a descentralisação da propriedade, com o enfraquecimento da riqueza turca e as exigencias da vida moderna, um encargo tão apparatuso que só o extremo luxo ou a extrema impudencia de sensação o podem occasionar. Cada mulher tem direito a uma casa separada, quarto isolado, escravas proprias, joias, cachemiras, banhos particulares, bobos, eunucos, e um estado de casa completo, na relação e na proporção da fortuna do marido.

Hoje, poucos estão nas circumstancias de o fazer. Não fallo na plebe, que de ha muito desconhece a polygamia, sobretudo aquella que especialmente cultiva os campos. Os homens que se empregam em tripular os barcos no Nilo costumam, é certo, nas 200 leguas que vão até ás primeiras

cataractas, ter uma mulher legitima de 50 em 50 leguas . . . Assim garantem o repouso na viagem !

Porém, hoje, o Cairo tende cada vez mais a imitar Paris e Londres, e os Pachás que pelas suas fortunas se poderiam dar á dôce desgraça de terem quatro mulheres, não o fazem — para mostrar o seu conhecimento do *Boulevard dos Italianos*. Além d'isso, hoje em dia, muitos Pachás educam as filhas no *Sacré-Coeur* ou nos conventos de Londres ; de volta aos harens do Cairo, estas *misses* arabes só casam com a condição de serem esposas unicas, e conseguem-no pela superioridade da sua educação e pelo encanto da sua belleza instruida.

Acresce ainda que muitos *Pachás*, *Beys* e *Effendis* casam com mulheres christãs, não lhes podendo dar companheiras nem christãs nem arabes. Emfim, a moda é ter só uma mulher — e isto, mais do que tudo, faz com que os harens do Cairo se vão transformando lentamente no nosso avaro e limitado casamento monogamo.

Na burguezia, porém, o habito conserva-se, e o Cairo, apesar de tudo, é ainda povoado d'harens.

Na imaginação occidental o harem é por excellencia o logar delicado e poetico, voluptuoso, languido, e todos os demais adjectivos que exprimam molleza e sensualidade.

Na realidade, um harem, tal como existem hoje no Cairo, em Damasco e em Constantinopla, é a coisa mais grosseira, mais fastidiosa e mais imbecil que possa entrar nos factos da vida.

A base do casamento, no Egypto, não é o Amor: o Amor, este personagem que entre nós tanto agita e confunde, exigente, cruel, ridiculo, tyrannico e indomavel, é desconhecido no Oriente.

É certo que na antiga vida errante, o Amor foi, como a batalha e como o galope, um dos factos essenciaes da vida arabe. Os rostos, então, andavam descobertos, e as mulheres eram companheiras, confidentes, amigas.

Os poetas celebravam-nas: todo o poema arabe — dos que eram recitados deante da tribu reunida, e depois pendurados em redor do grande templo da Mecca — devia conter uma apostrophe ao Amor, uma paisagem do Deserto e uma exaltação do cavallo.

Os poetas d'então, cavalleiros e guerreiros, eram tão românticos como os seus poemas : cantam-se ainda hoje as suas legendas, e o Deserto dá ás suas dôres e ás suas sensações um não sei quê de infinita grandeza. A belleza da mulher era celebrada : era a presença viva de Deus, era a graça infinita, era a imaginação tornada visível. Na amante, amava-se o Amor. E os poetas cantavam isto nos seus versos.

Hoje, nas cidades do Oriente, o Amor não existe. De resto, por toda a parte, o Amor está velho, decrepito : começa, como o diabo, a ser caricaturado, emprega-se para viver em pequenos misteres lucrativos, e já se pensa no seu epitaphio !

O Amor vive sobretudo da imaginação, da litteratura, do catholicismo, do romance, da influencia da natureza vegetal e celeste, e da delicadeza das relações na vida. No Oriente, a litteratura quasi não existe : os poemas limitam-se a celebrar as guerras e as altas façanhas da vida errante. O theatro não existe de todo, ou é apenas constituido por scenas mudas de fantoches grotescos, cheias de pancadas, de quedas e de dialogos obscenos. A musica é uma melopeia monotona e dôce que embala

o trabalho, — e a mulher é considerada como um objecto inerte, procreador e animal.

A religião não leva ao mysticismo, nem ao idealismo ; o contacto dos sexos é difficil, impedido pelos costumes, pelo véu que cobre o rosto das mulheres, pela reclusão do harem. O cerebro da mulher não é bastante activo nem bastante ductil para poder comparar, escolher, pensar, devanear e premeditar.

O homem despreza a mulher, e o Amor é incompativel com o desprezo. O Amor vive da *graça*, e a *graça* é desconhecida no Oriente. Aqui, o eterno feminino não existe como principio influente, captivante e transformador. A mulher não tem existencia activa : *acceita*. A tradição, a historia, as legendas, estão cheias das derrotas do Amor.

Um dia, Mahomet iv, que depois tomou Constantinopla, é cercado no seu harem de Brusse por uma sedição de janizaros. Apparece, interroga os conjurados :

— Viemos aqui — diz um chefe — porque tu, tomado d'um amor sobrenatural por uma escrava syria, vives escondido no fundo do teu harem, des-

prezando a guerra e a gloria, não appareces aos teus companheiros e deixas enferrujar a espada d'Amrú !

Mahomet iv chama a bella escrava syria, manda aos seus eunucos que a degollem sobre os degraus do throno, e tomando pelos longos cabellos a melancholica cabeça, toda gottejante de sangue :

— Ahi está — diz elle serenamente, atirando-a para o meio dos conjurados — ahi está o caso que eu faço do Amor !

Assim o Amor, despojado da sensibilidade, do ideal, da imaginação, da arte, do theatro, da religião, do lyrismo, fica reduzido apenas a uma brutal attracção epidermica.

Todos sabem como as mulheres arabes se vestem na rua : envolve-as completamente uma especie de mantilha, e uma larga tira de fazenda pendente da cabeça cobre-lhes o rosto, descendo sobre o seio até á cinta ou até aos pés. Andam sempre acompanhadas de eunucos que exercem sobre ellas uma vigilancia zelosa, quasi vingativa. De resto sahem pouco : as que se encontram nas

ruas do Cairo são levantinas, isto é gregas, syrias ou armenias . . . São ordinariamente christãs, e se conservam o vestuario arabe, têm todos os costumes, os habitos e os sentimentos das suas patrias. São de familias de negociantes, de mercadores, de banqueiros, de artifices, ou então simplesmente mulheres *franques*, isto é, europeias, tendo apenas, da vida arabe e dos seus costumes, o longo véu que as occulta.

A mulher egypcia, arabe, nunca sahe só : d'ahi a separação extrema dos sexos. Não affirmo que na estreita rua dos Bazares não se travem amores entre os arabes : um verdadeiro arabe, sob os véus que dão aos corpos um indefinido vago e o aspecto de saccos cheios de vento, sabe bem distinguir a belleza pela scintillação velada dos olhos, pelos movimentos do corpo, pelas pregas que revelam indiscretamente as fórmas.

Porém, o sentimento da belleza é no arabe diferente do do europeu : as nossas mulheres, delgadas, magras, delicadas, de longos cabellos ondeados, flexiveis, d'andar d'ave, sensiveis, ternas, deixam-no de certo extremamente indifferente. O

clima dá-lhe um outro sentimento da belleza: o repouso amplo das fórmas, o desenvolvimento dos seios, a profunda voluptuosidade do olhar, a indolencia languida do passo, são as coisas que o arabe aprecia. O amor, entre nós, mesmo o mais physico, tem exigencias d'espiritualidade: admiramos o pé delicado e leve, o porte cheio de graça, a cintura airoza, vibrante, prestes a desfallecer.

O arabe vê sempre a mulher na indolencia do seu sofá, na immobilidade plastica do repouso e na attitude formosa da fadiga.

— O arabe, meu amigo — dizia-me o secretario de Nubar-Pachá — ri-se da elegancia das europeias: a graça, a vivacidade, a espiritualidade dos movimentos, a belleza espirituosa do olhar cheio de coisas vivas, a agitação da vontade que faz vibrar todo o corpo d'uma parisiense, são cousas extremamente desagradaveis para estes homens trigueiros do Cairo! Nós somos um povo lento e quente. Detestamos o movimento, a agitação, a pressa, a graça, a vivacidade. Os europeus fazem-nos o effeito de saltimbancos. Não comprehendemos porque fallam sempre, porque riem, porque se voltam,

porque se apressam, porque se irritam, porque se agitam !

Nós somos socegados e graves a amar, a combater, a comer e a dançar. Veja os nossos cafés : que silencio lento e contemplativo ; os nossos theatros de *marionettes*, com as pequeninas sombras que se agitam sobre o panno branco e se espancam com gestos curtos e compassados. Veja as nossas danças : que serenidade, que compassada quietação nos movimentos. A dança, entre nós, é uma immobildade vibrante.

Agrada-nos o somno, o tabaco, o sofá, o banho. O arabe detesta a natureza : a natureza tem, na ondulação das folhas, no crescer da vegetação, no correr das nuvens, uma agitação, uma vida que se move, que passa, que vae. O arabe prefere a tudo a grande linha immovel do Deserto.

De resto, tudo o que vê aqui é immovel : este céu sempre azul não tem inquietações : é immutavel como a luminosa superficie d'uma joia. A palmeira é uma arvore contemplativa e quieta : escuta, seisma. O camelo tem uma gravidade sacerdotal ; o trotar do jumento tem uma cadencia de pendulo.

O Nilo é vagaroso e lento : parece um lago que vae gatinhando . . .

Todo o mundo Oriental se move em somnolencia. Agitou-se demais no tempo de Mahomet : conquistou tudo, foi de Jerusalém até ás fronteiras da França — e Carlos Martel, mezes antes da batalha de Tolosa, desconhecia a existencia dos arabes !

Conhecemos tudo n'um momento. Subimos pelo *Alcorão* a todo o desenvolvimento da vida. O que os outros povos fizeram em seculos, fizemol-o em mezes : sem o Calvario, tivemos o nosso Christo, o nosso Luthero e o nosso Danton ! Agora, descansamos. Não reconstruimos nada ; ninguem mais crente do que nós e no entanto as nossas mesquitas desabam em ruinas : construir é mover-se — o arabe hesita . . . e adormece.

No amor, somos assim. Nós já esgotamos as suas febres, os seus gritos, as suas dôres, as suas lagrimas, as suas confidencias, a sua poesia . . . Tudo isso é extremamente agitante para nervos arabes. Desejar, querer, esperar, duvidar, todo esse movimento do espirito seria insupportavel ao arabe d'hoje : prefere, imperturbavelmente, a calma do harem.

Estabelece-se no casamento como n'um bom assento: não tem que andar, que espreitar, que correr, que adivinhar, que procurar: tem alli á mão, a horas, sempre, sem trabalho, o amor, a mulher, a forte e irreprimivel exigencia da sua natureza!

Como imagina que se fazem os casamentos? Então, escute a historia do casamento arabe. Pela separação dos sexos, nunca o casamento se póde fazer por *sympathia*: o noivo não conhece a noiva.

Ha mulheres cuja profissão é a approximação dos sexos: têm entrada nos harens, conhecem todas as raparigas disponiveis, sabem de cór a expressão dos seus olhos e o tom dos seus cabellos, o valor do dote, o numero de joias que possuem e a linha das suas fórmãs. Vão ter com os moços que chegaram á idade de casar e descrevem-lhes a moça miudamente, desde a côr da pasta com que tingem as unhas até ao peso dos seus diamantes. Depois, ao harem, levam a historia do moço que quer casar: dizem a sua generosidade, a belleza da sua estatura, a sua familia, o café que frequenta, a

hora do seu banho e o numero dos seus turbantes.

Combinam assim os casamentos: vão, vêm, levam as mensagens. Os dois noivos ouvem vagamente as descrições que lhes faz, com as amplas imagens da lingua arabe, a velha *entremetteuse*. Então, os paes do noivo vão fazer familiarmente o pedido e ajustar o dote — e no dia aprazado, em casa da noiva, no meio dos parentes reunidos, ao som das *darbukas*, das danças e dos cantos languidos, o noivo tira o véu á nova esposa.

É um momento decisivo: fal-o tremulo, ansioso. Se lhe agrada — bem: bom *bakchich* á intermediaria. Se não — resolve desde logo divorciar-se ao fim de quatro semanas!

O divorcio é extremamente facil — basta dizer deante de testemunhas: *estou divorciado*. Depois, entregar o dote.

D'aqui, duas cousas extremamente joviaes: ha homens ricos que mudam de mulher todos os mezes; e ha mulheres que fazem profissão de se casar. Como têm de ser dotadas, dão sempre, no fim do mez, pretexto ao divorcio. Levantam o seu dote, e

vão-se abrir com as casamenteiras para alcançarem novo marido e novo dote. Assim vão edificando o seu capital em joias, e, na velhice, retiram-se castamente ao fundo dos seus harens, a gozar as economias feitas com cincoenta maridos !

V

MESQUITAS

A grande maravilha do Cairo são as suas mesquitas.

Constantinopla tem os seus admiraveis cemiterios, socegados e voluptuosos, os seus tumulos de marmore de Mármara, os seus grandes cypresses escuros em que se enroscam as trepadeiras, e os sycomoros onde gemem as rôlas. Damasco tem as suas casas maravilhosas, os seus pateos frescos, assombreados por laranjeiras e salgueiros, lageados de mosaicos de marmore onde pousam nobremente os resplandecentes tapetes d'Ispahan.

O Cairo, tem as suas mesquitas.

São quatrocentas ! Poucas são, porém, aquellas que estão isoladas. A não ser a mesquita do Sultão Ahmed, que destaca as suas tristes paredes escuras n'uma vetusta praça ; a vasta ruina da mesquita d'El-Toribe, grande como um bairro ; a mesquita d'Amrú, solitaria e desmoronada, perdida entre os destroços do velho Cairo a que os cruzados chamavam « a Babylonia do Egypto » ; a não ser, ainda, a mesquita de Kaït-Bey, que se desmorona, solitaria e livida, junto do Deserto, ao pé do Mokattam, a maior parte das mesquitas estão encaixadas na confusão das ruas, na espessura das casas.

Às vezes, vê-se um grande muro, comprido, riscado de branco e vermelho, onde pequenas frestas esguias e longas se perfilam, gradeadas d'arame. A uma das extremidades do muro, ergue-se finamente no ar um minarete redondo, ás tiras brancas e vermelhas ou brancas e negras, com uma larga galeria circular a pouca altura da base, outra mais pequena a uma altura superior, e, na extremidade, uma pequena cupula d'uma graça estranha e delicada. É uma mesquita.

Em todas ellas, abandonadas, arruinadas, ou

povoadas de fieis, ha maravilhas d'architectura. N'umas, é a graça do minarete esbelto, sahindo do pesado muro da mesquita, com uma elegancia, uma harmonia, um imprevisto, uma phantasia de que nada póde dar idéa, nem as agulhas gothicas, nem a elegancia das columnas gregas: aquillo destaca-se, brilha, reluz no profundo azul, com uma intensidade d'imaginação e de poesia que faz pensar n'um sonho das *Mil e Uma Noites*.

N'outras, são os mosaicos de louça polida e vidrada, de côres delicadas e que vêm da Persia: parecem um vasto tapete pela sábia combinação das côres e a originalidade dos contrastes. N'outras ainda, são os antigos mosaicos bysantinos de vidro esmaltado; n'outras, os tumulos dos seus fundadores, cercados d'uma grade de bronze que tem a delicadeza d'uma renda; n'outras, as fontes d'ablução, de magnifica pedra de marmore, sob um pavilhão de fina graça, de madeira lavrada em arabescos, cheio d'imagens doces e delicadas, d'uma perfeição minuciosa e d'um colorido vivo.

São ainda os *mimbárs*, ou pulpitos de madeira, que parecem feitos por aquellas aves maravilhosas

que nas *Mil e Uma Noites* tecem rendas d'ouro. São os *mihrábs*, ou sanctuarios, incrustados de nacar, de perolas, de alabastro, d'ágatha. São, sobretudo, as proprias linhas das mesquitas, o imprevisto mesmo das architecturas, o effeito que fazem, em meio das ruas do Cairo, cheias d'uma multidão ruidosa de Arabes, de Beduinos, de Nubios, d'Abyssinios, riscadas de vermelho e de branco, cobertas de luz, erguendo os seus minaretes bordados, delicados como joias, e destacando no fundo azul do céu, por cima dos ramos d'uma palmeira ou d'um sycomoro, a pequena cupula branca, coberta de palpitações d'azas, de bandos de pombas brancas.

As mesquitas do Cairo são todas edificadas no plano primitivo das velhas mesquitas do Islam. São grandes pateos abertos á luz, ao ar e ao vento, cercados de columnatas. Entra-se ordinariamente por um corredor estreito, escuro, entre altas muralhas.

Foi sempre inexplicavel para mim a razão d'aquelles altos muros, onde, por vezes, escadarias negras e mysteriosas desaparecem sob estreitas portas.

Alguns passos adiante, depara-se com uma porta aberta, livre, sem signal de construcções proximas a que pudessem pertencer aquellas grandes muralhas.

A primeira coisa que se encontra é a fonte das abluções : é um pequeno tanque de pedra, de mármore ou de tijolo polido ; cobre-o um docel de madeira, sustentado por columnas, todas cobertas d'arabescos fortemente entalhados, que ordinariamente representam flôres entrelaçadas n'uma gradaria de pau.

Em redor, corre um pequeno rego aberto na pedra por onde escorre a agua.

Ha sempre alli algum musulmano de joelhos, descalço, com o turbante pousado ao lado, a cabeça rapada luzindo ao sol, fazendo as abluções sagradas.

A seguir ao pateo, fica o logar da oração. O santuario musulmano é apenas a prolongação do pateo, coberto por um tecto de madeira lavrada em arabescos, sustentado por fileiras de columnas, que, em algumas mesquitas, provêm de antigos templos phenicios ou gregos.

Ao fundo, na parede que fica para o lado da Mecca, vê-se um nicho : é o *mihráb*, correspondendo ao nosso altar-mór. É nú, sem imagens, nem luzes, nem cirios, nem flôres. É sempre, porém, d'uma extrema riqueza, coberto de mosaicos de madreperola, d'alabastro, de perolas. A perfeição das incrustações é maravilhosa. Deante d'elle apertam-se os fieis.

Ao lado do *mihráb* fica o *mimbár*, pulpito de madeira, em fórma de tribuna, para onde se sobe por uma escada estreita, apertada entre balaustres d'um lavrado primoroso. Alli o *ulema* sobe e lê o *Alcorão*. O chão é coberto de esteiras de Kordogan e d'espessos tapetes de Stambul. Do tecto pendem, de cordas feitas de sêda, lampadas immoveis e enormes ovos d'avestruz. Aquillo é nú, silencioso, grave e sereno.

Algumas mesquitas têm, ao pé, bibliothecas, abrigos para os pobres e habitações para os viajantes : são logares d'oração, d'estudo e d'asylo. Alli se guardam os thesouros dos que partem nas longas caravanas : ás vezes, á entrada das mesquitas, vêem-se bahus de fórmas elevadas, fardos, sac-

cos : os seus donos partiram para a Mecca ou para o Hedjaz ; vão áquella hora pelo deserto, e aquelles objectos alli ficaram, guardados pela santidade do lugar.

A lei religiosa de Mahomet não institue nem castas nem hierarchia : a mesquita é o centro religioso e civil ; alli, celebram-se as orações, julgam-se os processos, estuda-se o *Alcorão*, depositam-se os thesouros, acolhem-se os mendigos. Mais tarde, sob a indolencia sensual dos Kalifas, os *ulemas*, que eram os depositarios da tradição e da sciencia, constituíram-se, em desprezo dos textos, n'uma casta poderosa. O corpo de *ulemas* é quem estuda, sabe, consulta o *Chiat*. O *Chiat* é o corpo de legislação civil e religiosa ; compõe-se de quatro livros : o *Alcorão*, o *Suna*, o *Idjmá'* e o *Kiyâss*. O *Alcorão* é a collecção dos *saynetes* de Mahomet escriptos em Medina e na Mecca ; o *Suna* é a historia da sua vida, a descripção dos seus costumes, os seus conselhos e todas as palavras que d'elle a tradição recolheu ; o *Idjmá'* compõe-se das declarações sobre direito ou sobre religião, dadas pelas quatro primeiros Kalifas ; finalmente, o *Kiyâss* é uma com-

pilação mysteriosa, impenetravel, tenebrosa, dos discursos, conselhos e sentenças dos Kalifas.

Os *ulemas* possuem esta confusa sciencia.

Em virtude do duplo character, juridico e religioso, que têm estas leis, os *ulemas* dividem-se em *imams* — os que oram — e em *cadis* — os que julgam.

Os *imams* vivem nas mesquitas. Essa parte do edificio não se pôde visitar: vêem-se apenas, em certas mesquitas, como a do Sultão Amed, as muralhas altas, esguias, os corredores estreitos, as escuras escadas desaparecendo debaixo d'abobadas.

Os *imams* são educados em collegios ou seminarios onde fazem uma longa preparação, cortada de jejuns, de orações e d'exaltação mystica.

Dividem-se em numerosas classes: os *cheiks*, que são os sabios, os doutores, os que pregam, os que desvendam os casos mysteriosos: alguns são santos: vêem-se os seus tumulos por todo o valle do Nilo — pequenas cupulas brancas á sombra dos sycomoros; os *katihs*, encarregados de fazer, á sexta-feira, o serviço official religioso, como a celebração do nosso domingo; os *muezins*, que do alto dos minaretes annunciam cinco vezes ao dia

a hora da oração, com um psalmodiar triste e monotonos; os *kaïms*, que lustram os mosaicos, sacodem as esteiras e os tapetes, deitam óleo nas lampadas e tratam das fontes das abluções sagradas.

Todos trazem o vestuário árabe: o turbante verde, porque pertencem á familia do Propheta ou porque foram em peregrinação a Mecca; a túnica até aos pés, como uma batina, apertada por uma faixa; as largas calças franzidas até abaixo; e por cima, uma especie de casaco de grandes mangas pendentes.

Ha-os moços, singularmente bellos, de perfil aquilino e dôce, attitudes contemplativas, grandes olhos profundos. Outros são velhos, quebrados, de barbas grisalhas, olhos reluzentes, pequenos e duros — immundos, fanaticos e surdos. Andam ordinariamente em pequenos burros, sós, lentos, silenciosos, graves, desfiando os seus rosarios.

Além d'estas classes sagradas, existem os *derviches*. Estes possuem grandes conventos junto do Nilo e distinguem-se pelos altos barretes agudos, pelas longas tunicas que, da cinta para baixo, cahem em pregas, como saias de mulher, pelos ca-

bellos pendentes, longos, espessos, sujos, as barbas eriçadas e os olhos desvairados, estaticos, semi-loucos.

São os sectarios do velho islamismo feroz : são fanaticos irreconciliaveis.

Ha ainda os devotos que vivem na visinhança das mesquitas e arrastam pelos pateos a sua miseria e a sua vermina, e os prophetas que andam nús, prégando ás massas, e crivando, entre orações, o peito de ferros agudos.

Quando o *muezin* sobe ao minarete e lança sobre as terras do Islam a sua voz aguda, penetrante e plangente, os musulmanos erguem-se dos cafés, depõem os *chibuks* nas prateleiras de vime, suspendem os contos maravilhosos . . . Os bazares esvaiziam-se, os moços sahem, apressados, dos banhos, ageitando os turbantes . . . As mesquitas enchem-se.

As *babuchas*, os sapatos revirados, as botinas, amontoam-se á porta, com as solas para o ar, ou em cruz, segundo a superstição.

Todos penetram na mesquita n'um grande silencio, desfiando os rosarios. Chegam junto á fonte, e cada um, erguendo os braços e olhando o céu, diz :

— Louva a Deus que nos fez humanidade. Louva a Deus que fez a agua para purificar os peccados !

Depois, agacham-se junto ao tanque. A agua escorre docemente. Cada ablução faz-se por tres vezes : a primeira, na bocca : o crente toma a agua na mão concava, atira-a para dentro da bocca, passa rapido os dedos sobre os labios, dizendo :

— Louva a Deus, purificador do peccado !

Depois, lava as narinas, como quem se assôa :

— Oh, Deus, faz-me sentir o perfume do paraizo !

Esfrega então levemente o interior das orelhas, erguendo as roscas do turbante :

-- Senhor, faz-me ouvir no dia extremo as palavras de Mahomet, teu amigo !

Depois, toma a agua com as mãos ambas, curva o rosto e esfrega fortemente as duas faces :

— Permite a quem adora um Deus só.....

Arregaça então a manga do braço direito e lava-o até ao cotovello :

¹ Indecifavel no original.

— Senhor, caia n'esta mão, no dia do teu julgamento, o bem das minhas acções!

Depois, lava a mão esquerda — considerada como aquella que é destinada ás más acções, aos crimes, ás obras impuras :

— Senhor, não consintas que esta mão peccadora toque o bem das minhas acções!

Finalmente, o musulmano tira o turbante e, conforme a seita a que pertence, lava a cabeça de modos differentes, todos estranhos.

Os *moabitas* lavam o alto da cabeça, porque na tradição da sua seita, sendo alli o lugar do cerebro, a frescura da agua, penetrando-o, apaga o ardor dos peccados, o calor dos pensamentos culpados. Os *assabitas* apenas humedecem rapidamente a testa, dizendo estas bellas palavras :

— Dá-me, Senhor, uma claridade digna de ser contemplada por ti !

Assim os fieis se vão lavando, pedindo a Allah que os proteja e os ampare no dia extremo, na sua passagem pela ponte que, lançada sobre a immensidade tenebrosa, separa o inferno do paraíso poético onde as *houris* bebem no concavo das perolas.

Quando finda a ablução, o musulmano ergue-se, e estendendo os braços na direcção da Mecca, exclama :

— Oh, Senhor, pela santidade do nosso Senhor Isá,¹ pela afeição que tiveste por elle, perdôa os nossos peccados, ouve as nossas supplicas, recebe os nossos trabalhos !

O musulmano penetra então no sanctuario : — o *iman* sobe ao *mimbâr*, sustentando n'uma das mãos o livro do *Alcorão* e apoiando a outra sobre um alfange — symbolisando assim a vida de Mahomet, propheta e conquistador. Alli, de pé, tendo pousado o alfange sobre a borda do pulpito e aberto sobre elle o livro sagrado, lê alto. Os musulmanos prosternam-se.

Vi muitas vezes, estirados nas mesquitas, devotos que depois da oração alli tinham ficado prostrados, esquecidos no extase da sua devoção. Permanecem de joelhos, curvando-se até que a testa repouse ou assente sobre os braços cruzados. E alli

¹ Isá, nome dado no *Alcorão* a Christo, que é venerado pelos musulmanos como o maior propheta depois de Mahomet.

ficam, voltados para o *mihráb*, prosternados, apanhados sobre si mesmos, com a apparencia inerte de saccos derrubados. De vez em quando uma d'aquellas figuras ergue-se lentamente, assenta-se sobre os calcanhares, abre os braços em cruz, volve os olhos para o céu — e arremessa-se de novo sobre o chão.

O musulmano ora por toda a parte : no campo, na praça, á beira do Nilo, no deserto. Quantas vezes se vê, ao nascer do sol, aquelles homens correrem para ao pé do velho rio d'entre a espessura das palmeiras, e atirarem-se para o chão, erguendo os braços, voltados para o lado da Mecca, que é tambem o lado do sol : e a luz vem envolvel-os, illuminando os rostos bronzeados, de barbas duras e negras.

Nas longas caravanas, no deserto, á hora da oração, os musulmanos descem dos seus dromedarios, ajoelham-se, e orientando-se para a Mecca, fazem as suas abluções com a areia do deserto.

As mesquitas são silenciosas e frescas : é este um dos seus encantos para os arabes. Entram, com

os pés nús sobre o mosaico polido, tocam na pelle com a agua fresca da fonte que corre n'uma bacia de marmore, ajoelham, n'uma posição que parece voluntariosa mas que é apenas preguiçosa e pacifica, no tapete espesso e dôce, sob a frescura das columnatas, sentindo o bater das azas das pombas e das rô-las, ouvindo a melopeia melancholica dos *imans*: e tudo isto é um encanto para aquellas naturezas passivas, indolentes, serenas e materiaes.

Não creio no fanatismo dos arabes e julgo que o mahometanismo está em maior condição de fraqueza do que o christianismo. A divisão das seitas debilita-o. O perpetuo contacto com o estrangeiro deu-lhe a tolerancia e a conciliação. As mulheres não oram, não têm interesses religiosos: e isto influe largamente, n'uma vida toda penetrada do elemento feminino como é a do Oriente. A santa caravana da Mecca transforma-se lentamente em caravana commercial.

As mesquitas mais sagradas cahem em ruinas miseraveis. Os camelos repousam no sanctuario de Kaït-Bey. Os escorpiões correm sobre as incrustações maravilhosas de mesquita d'Amrú. A mes-

quita de Tulûne é um asylo de mendigos e os corvos esvoaçam pelas suas arcarias. Em todas ellas se nota o abandono : paredes espoliadas dos seus mosaicos, grades de tumulos despedaçadas.

Os *imans*, os *scheiks*, os *ulemas*, mostram as mesquitas aos estrangeiros : em algumas, nem exigem que se calcem as sandalias d'esparto. O *iman* chega e levanta os tapetes sagrados onde se pouxa a cabeça durante a oração ; algum devoto, murmurando, ergue curiosamente o rosto e retorna á sua immobilitade estatica . . .

E á porta, *imans*, *scheiks*, *ulemas* e *kaïms*, pedem o *bakchich* !

VI

O VELHO CAIRO

O velho Cairo é uma ruína no meio do deserto, á beira do Nilo. Foi a primeira capital do Egypto arabe e chamava-se então *Tostah*.

Quando Amrú, logar-tenente do Kalifa — que era o logar-tenente de Deus — conquistou o Egypto, cercou uma antiga fortaleza, junto do Nilo, chamada Babylon.

A fortaleza resistia. Amrú tinha a sua tenda a pouca distancia, n'uma collina d'areia. Uma pomba, vinda da Mecca, veio pousar sobre a tenda. Amrú fundou alli uma cidade.

Tostah é uma palavra arabe que significa ten-

da. Em 1168, quando os cruzados entraram no Baixo-Egypto, os arabes lançaram o fogo a Tostah. O incendio durou 58 dias sem ser possivel extinguil-o.

Hoje, é um logar de ruinas. Apenas habitam alli alguns coptas, n'um pequeno bairro apertado, sujo, escuro e miseravel. A areia cerca-o por toda a parte, em collinas doces e lividas. Defronte, corre o Nilo.

Amrú deixou alli uma mesquita antiga, construida pelo modelo das primitivas mesquitas. É um grande pateo cercado de columnatas. No meio, ha uma fonte de abluções sobre a qual se debruça uma palmeira. A um lado, n'um prolongamento do pateo, seis pequenas columnas sustentam um tecto chato, escuro, lavrado, esburacado : é o sanctuario.

Aquellas columnas são provenientes de monumentos egypcios, gregos, romanos : os seus capiteis têm todas as architecturas. Algumas, quebradas pelo meio, equilibram-se milagrosamente.

O *mimbâr* está carcomido, carunchoso, ruindo, oscillante. Entre as lages levantadas, arrastam-se os

escorpiões. Não ha esteiras, nem tapetes, nem ovos d'avestruzes, nem lampadas penduradas de cordas de sêda. No entanto aquelle logar é povoado de legendas. Segundo a tradição, toda aquella construcção, velha, caduca e meia desmoronada, está sustentada por uma só columna: é uma columna de granito, com reflexos azulados, marcada d'um grande veio, como n'um tronco tenro d'arbusto estigido d'uma vergastada. Cobrem-na versículos do *Alcorão* escriptos a lapis e inscripções gravadas pelos peregrinos.

Aquella columna pertencia á Mesquita da Mecca. O Kalifa Omar passeava um dia sob as largas galerias de Kâab, quando pensou no seu logar-tenente Amrú, e voltando-se para o lado do Egypto, através do Mar Vermelho e do deserto, Amrú dirigindo as obras da Mesquita de Tostah. N'esse momento, Amrú erguia uma columna d'um marmore macio e friavel, cuja base mal ajustada tinha uma fenda imperceptivel.

Omar, então, comprehendendo que aquella columna cahiria brevemente, voltou-se para um dos pilares que o cercavam e disse:

— Vae, pilar, vae collocar-te no logar d'aquella columna !

O pilar estremeceu e ficou immovel. Omar empurrou-o com a palma da mão, dizendo :

— Vae, pilar ! Vae . . .

O pilar girou rapidamente, cheio de vertigem, nos seus alicerces.

Então Omar, irritado, bateu-lhe ao comprido com o *curbach*, gritando :

— Vae, em nome de Deus !

— *Sheik* Omar, porque te tinhas esquecido do nome de Deus ? — disse humildemente o pilar ; e arrancando-se do seu logar, elevou-se no ar, e, vertiginosamente, através do deserto, foi collocar-se immovel na mesquita de Tostah.

Desde então, aquella columna, que está alli em nome de Deus, permanece inabalavel : quando ella cahir é porque a lei de Mahomet findou no mundo.

É uma columna tosca, d'um granito azulado, marcado pelo vestigio da vergastada.

A um canto do pateo ha um pequeno poço obscuro, cercado d'um muro baixo : aquelle poço, diz-se, communica com o poço de Zeus, na Mecca. A agua vem através do deserto e do Mar Vermelho ; e o que se deixar cahir no poço de Zeus, durante a peregrinação da Mecca, vem ter ao poço d'Amrú.

Os arabes contam isto, dizendo :

— *Allah akbar!* — Deus é o maior.

Ao pé do pateo, á sahida, os arabes mostram uma maravilha. São duas columnas que assentam sobre o mesmo pedestal. Entre ellas ha um espaço estreito: aquelle espaço serve para avaliar os peccadores. Aquelles que podem passar entre as duas columnas, são innocentes de toda a culpa: Mahomet sorri-lhes e passarão sobre a ponte d'El-Sirati ; se, porém, algum peccador tenta atravessar, as columnas apertam-se e o corpo não passa.

O nosso *drogman* que nos contou esta legenda, subiu ao pedestal e passou, rindo, entre as duas columnas, com a satisfação alegre da sua innocencia. O meu companheiro tambem passou. Eu tentei, mas

logo me convenci de que as columnas estavam no segredo dos meus peccados : percebendo quem eu era, apertavam-se ! O facto é que não atravessei. Alguns arabes, em redor, vendo um castigo tão manifesto, lamentaram-me, tentando consolar-me bondosamente.

Ao sahir da mesquita d'Amrú, fomos vêr uma velha egreja copta dedicada a S. Sergius. Com a sua entrada lobrega, ella mais se assemelha a uma crypta do que a uma egreja. Interiormente é coberta de pinturas bysantinas, figuras hieraticas com as cabeças envoltas em circulos d'ouro. Ao pé do *mihráb*, estava o almoço do padre — um pouco de bolo de *durah* — e o azeite para as lampadas. Mostra-se alli uma grande escavação onde, diz-nos o padre, estiveram escondidos Jesus e Sua Mãe.

Fomos vêr ainda um convento grego. Entramos n'um pateo ; subimos uma rampa, como a calçada interior d'um castello, atravessamos salas baixas, com grossas columnas, e enfim um monge grego, de habito negro, barrete quadrado, longas barbas,

apparece e abre a egreja. É uma pequena sala com altas vidraças esguias, decorada com aquella profusão d'arabescos que distingue as egrejas gregas. Alguns quadros bysantinos, sobre columnas, sobre estantes, são magnificos.

Visitamos tambem um convento latino : dous padres, um d'elles que tem estado em Jerusalém, Abyssinia, Damasco, offerecem-nos o café, o *sherbet*, e mostram-nos o terraço. D'alli domina-se o velho Cairo : algumas casas em ruinas, em fórma de cubos, meio desmoronadas, feitas d'uma especie de tijolo cuja superficie aspera e branca reluz no clarão do poente. Em redor estendem-se cômoros d'areia livida, amarellada ; algumas palmeiras d'um verde negro intenso, immoveis no meio da areia.

O sol esconde-se para além do horizonte fulvo. E destacando sobre o pôr-do-sol metallico, as casas, a areia, as palmeiras têm côres profundas e duras.

VII

EL-AZHAR, A ESPLENDIDA

Fomos visitar a Mesquita de El-Azhar : é a hora mais curiosa e mais original que se póde passar no Oriente.

As outras mesquitas têm architecturas, bellas fontes, stalactites, mosaicos, columnatas magnificas, lampadas rendilhadas : são Templos. Esta é uma construcção vulgar, caiada, enorme, pesada e lisa : é uma Universidade.

Tem, além d'isso, uma edade impressionante ; foi edificada em 968. É construida no plano das mesquitas primitivas : um largo pateo ladeado de arcarias, e, no prolongamento d'esse pateo, para o

lado da Mecca, o santuario, coberto por um tecto sustentado por columnas. No entanto, tem sido, desde a sua fundação, tão reconstruida, tão augmentada, tão reedificada, que da primitiva mesquita quasi nada existe sob os trabalhos que todos os senhores do Egypto, desde a grande antiguidade até a familia de Mehemet-Alli, alli mandaram fazer.

Desde a sua fundação, tem sido um logar d'oração e d'ensino. Bagdad e Damasco estavam então em poder do sultão do Cairo, e os seus sabios, os seus doutores, eram chamados para El-Azhar.

A fama do seu ensino e dos seus grandes mestres espalhou-se por toda a Arabia: da Africa, da Nubia, da Syria, da Persia, da Mesopotamia, do Deserto vinham alli estudar. A sua tradição perpetuou-se, e ainda hoje é uma das maiores escolas do Oriente.

É um grande centro d'estudos. Os estudantes são alli alojados por tribus ou por nações, em edificios que cercam a Mesquita. Os viajantes são alli acolhidos; guardam-se depositos e thesouros; os mendigos dormem sob as suas arcadas. Alli, os sa-

bios discutem e os poetas encontram um publico mais letrado do que o dos cafés.

O seu nome, El-Azhar, significa *A Esplendida*. A verdade é que o seu aspecto é humilde e obscuro. N'uma rua antiga, estreita, outr'ora habitada por Mamelucos e onde ainda se vêem restos de bellas construcções sarracenas — *mucharabiêhs* d'uma adoravel phantasia, fachadas irregulares, com balcões em saliencia onde se desenham, em grandes tiras esculpidas, versiculos dourados do *Alcorão* — ergue-se, n'um pequeno espaço recolhido e triste, um muro baixo, terminado em terraço, com grandes relevos de pedra escura e arabescos d'ouro, entre os quaes se entrelaçam os versiculos do *Alcorão*. N'esse muro abre-se uma porta esguia, como uma velha porta de quinta: é a entrada da Mesquita d'El-Azhar.

Defronte da porta comprime-se uma multidão confusa e ruidosa. Estabelecidos no chão, sobre esteiras, amontoam-se pequenos bazares locaes, de fructas seccas, de doces, de bolos de *durah*; vendedores d'agua passam com os seus odres luzidios; mulheres *fellâhs*, com burros carregados de saccos

de grão, de canna d'assucar, de lentilhas, vendem, gritam, com grandes gestos e longas vociferações arabes; por entre a multidão, *ulemas* e doutores cruzam em silencio, desfiando os seus rozarios.

Á porta, os *kaïms* que mantêm a ordem na mesquita, gritam, empurram, exclamam, accumulam as *babuchas*, com gestos dramaticos e inquietos. Uma multidão de turbantes comprime-se junto á porta — turbantes brancos, negros, em farrapos, enormes á moda de Stambul, ou esguios á moda da Syria. Tudo aquillo discute, falla, negoceia, canta, insulta, ri, e as estridencias das syllabas arabes fazem o ruido metallico d'um tinir d'espadas que se cruzam.

Jonas Alli, o nosso *drogman*, magestoso, adeanta-se entre a multidão : empurra, insulta os que nos embaraçam o passo « até aos ossos de Abrahão ! », grita, ralha, tem coleras terriveis e parlamenta com os *kaïms* : contestações, clamores, gestos d'invocação, d'esconjuração, de supplica — nada mais theatral do que a gesticulação arabe. Finalmente, es-corregando entre a multidão, agarrados á tunica de Jonas Alli, penetramos na porta. Descemos dous

degraus, e os *kaïms* fazem-nos calçar *babuchas* d'esparto.

Deante de nós ha um corredor que leva ao panteo. Occupa-o uma multidão original : a maior parte são mendigos que dormem sob a frescura da abobada, embrulhados nas suas tunicas ; muitos têm alli o seu pequeno mister : um barbeiro de figura arabe, penetrante e subtil, rapa a pesada cara d'um grave musulmano encruzado deante d'elle ; um velho em andrajos, com uma pelle curtida, secca como couro, cheia de sulcos, onde se espalha uma larga barba branca aberta como um leque, concerta, com uma attenção miuda, decrepitas sandalias ; um berbere negro faz cestos de folha de palmeira ; um pequeno arabe, com uns olhos singularmente vivos, incrusta madreperola n'um tamborete. Outros parecem vendedores, encruzados, tendo em frente esteiras brancas, onde negrejam toda a sorte de destroços, de velhos objectos ferrugentos e dispartados. Alguns, encostados á parede, fumam silenciosamente o *chïbuk*.

Vemos alli fundas arcas, velhos cofres, saccos, fardos de toda a sorte : são os depositos dos via-

jantes. A um canto, accumulam-se sellas de cavallos, junto a um molho de lanças : pertencem a beduinos de El-Ghazalat : chegaram ha pouco, vão partir logo, voltar para o deserto. Velhos *ulemas*, sabios, respeitosos e veneraveis, conversam familiarmente, embrulhados nas largas tunicas, com mendigos curvados sobre os seus cajados, de longas barbas hirsutas, vestidos de pelles de cabra, d'olhos agudos e indigentes.

O corredor é escuro : uma lampada de ferro, de fórma barbara, pende d'uma corrente. Ao fundo, abre-se o largo pateo.

É aqui a escola, grande como uma praça, cercada de columnas formando uma arcada, dividida em compartimentos separados por tapetes da Persia. Cada compartimento contém uma escola. Nem architectura, nem arabescos, nem estatuas, nem baixos relevos : os muros são grosseiramente riscados de vermelho e branco, a maravilhosa luz do céu rebrilha festivamente no chão feito de lages largas, e pombas innumeraveis vôam no ar.

Alli está espalhada a multidão pittoresca e original dos que seguem a universidade. O que alli se

ensina é apenas o *Alcorão* e o *Suna*, a grammatica, as linguas, o velho arabe e o persa. Os que estudam vêm de toda a parte: do Mogreb, da Nubia, da Abyssinia musulmana, do Hedjaz, das Cidades Santas, da Alta-Syria, da Mesopotamia. Rostos negros, côr de bronze ou côr de cobre, pallidos rostos da Syria e do Caucaso, os perfis duros dos mogrebinos, as faces regulares, os largos olhos dos Arabes, o nariz adunco dos habitantes do Hedjaz — todas as raças que lêem o *Alcorão*, estão alli. O deserto manda os seus beduinos, a Persia os seus poetas, as cidades da Mecca e de Medina os seus santos e os seus prophetas. Estão alli todos, com seus vestuarios differentes e as attitudes das suas raças.

Nada mais bello e mais original. Uns, dormem envolvidos nos largos mantos, immoveis sobre o chão, não se sabe se prostrados pela fadiga ou immobilizados n'algum extasi: parecem fardos esquecidos a um canto. Outros, isoladamente, estudam, encruzados: têm na mão a folha de lata em que está escripta a lição do *Alcorão*, e, decorando n'uma melopeia monotona e mechanica, baloçam o corpo como um pendulo, curvando-se e erguendo-se,

com uma serenidade e uma gravidade rythmica. Outros ainda, estudam sem abandonarem os seus misteres : cosem tunicas, fazem *babuchas*, bordam fios d'ouro no velludo, incrustam tamboretos de madreperola, tendo ao pé, ou no solo ou sobre os joelhos, o *Alcorão* que repetem em voz alta. Suspendem um momento a leitura, erguem os olhos ao céu, ficam como que estaticos — depois, retomam rapidamente o seu trabalho : cosem, bordam, incrustam, com uma grande actividade, repetindo a lição em voz alta com uma pressa monotona.

Alguns passeiam, com gestos intensos de quem commenta. Outros, deitados ao sol sobre o ventre, a cabeça erguida, n'um repouso pacifico de animaes que ruminam, olham o vôo das pombas, esquecidos da lamina de metal. Um circulo de homens, tendo deante de si um outro circulo mais pequeno de estantes, sustentando manuscriptos, invocam, com vozes contradictorias e agudas, o nome de Allah. Em fileira, uns poucos de fieis, em que ha arabes, *fellâhs*, beduinos e mogrebinos, cantam, ajoelhados, n'uma toada melancholica e gemente, batendo com a cabeça nas lages do chão.

Examino as physionomias: rostos magros, inquietos, com uma convulsão fanatica nos olhos, faces cavadas...

Jonas Alli pede a um moço arabe, que cose enquanto decora a lição, que nos deixe examinar a lamina de metal: o arabe recusa com uma hostilidade pueril.

N'alguns, a concentração é extraordinaria: parecem physionomias á espera da vida que se afastou um momento, e que vae voltar. Uma fé profunda e grave domina aquelles movimentos, aquellas attitudes. Velhos de longas barbas, que devem ter visto batalhas e o espectaculo da morte, decoram com gestos de creanças. Ha admiraveis physionomias nos beduinos do Mogreb ou do Hedjaz: os cerebros são estreitos, limitados, curtos, mas os perigos das vidas errantes—a caça, as luctas, o deserto,—accentuaram as feições d'um modo austero e elevado. Ha rostos pensativos e serenos que têm a altivez d'um espirito que possui a certeza: um musulmano, quando conhece e commentou o *Alcorão* e sabe as leis de grammatica, possui na sua consciencia a sciencia absoluta!

E em todos, que nobreza de figuras! Que attitudes soberbas! Que ampla harmonia de gestos! Nada mais bello do que vêr dous velhos *scheiks* de longas barbas brancas, o grande manto cahido sobre as costas e cobrindo-lhes a cabeça, que s'encontram, e, gravemente, fallam de cousas d'honra, de hospitalidade ou de religião, em voz lenta e baixa, com uma das mãos sobre o punho do alfange, e a outra espalmada sobre o peito, n'uma attitude nobre de patriarchas!

Abundam alli as creanças: velhos *imans* ensinam-lhes o alphabeto, que ellas repetem com uma attenção concentrada, os grandes olhos fixos na lamina de metal; outras rolam-se pelo chão, luctam, brincam; algumas dormem, com os olhos cheios de feridas, e os enxames de moscas agrupam-se sobre ellas em grandes nodoas negras.

Um *ulema* entra gravemente, com o *Alcorão* debaixo do braço, seguido dos seus discipulos: vão-se todos encruzar sobre um tapete e a lição começa.

Ao pé da porta, um escolar celebra os seus ritos.

Em circulo, homens encruzados sobre um largo tapete, ouvem com uma attenção zelosa, um

pouco curvados, um *ulema* de physionomia pallida, dôce e fina : a sua attitude e os seus gestos são lentos, medidos, penetrantes : explica com uma voz leve, demorada, unctuosa e cheia d'intenção.

Eu não comprehendia, mas estava dominado pela insinuante maneira de fallar do *ulema*. Elle apontava a linha do *Alcorão*, e interrogava com uma gravidade sacerdotal, affavel e dôce. No circulo havia um persa com o seu alto barrete de feltro, e dous beduinos d'albornozes brancos, sentados em pelles de cabra. Um d'elles, com um rosto rugoso, altivo, selvagem, ardente, aquilino, cheio de barbas brancas, tinha, na ponta do nariz adunco, uns grandes oculos redondos, de velha, com aros de lata !

Entramos no sanctuario. É uma larga sala cheia de columnas que sustentam um tecto baixo e escuro ; tapetes espessos, de côres desbotadas, cobrem o chão ; centenas de lampadas pendem das traves lavradas e rendilhadas do tecto, e ovos de

avestruz, suspensos de cordões de sêda verde, balançam-se monotonamente.

O sanctuario está cheio de fieis : uns prostrados, outros agachados sobre os calcanhares, com os braços abertos, o peito erguido, a cabeça derrubada para traz, os olhos errantes no tecto. Alguns, deitados ao comprido sobre os tapetes, estudam com o rosto sobre a lamina de metal ; outros, debaixo das lampadas, escrevem miudamente, como quem desenha, as innumeraveis letras arabes.

Ha uma atmospherá abafada na escuridão vagamente alumiada pelas lampadas. O rumor grave, dôce e psalmodiado dos que estudam, enche o sanctuario. Defronte do *míhráb*, *imans* prostrados oram perpetuamente.

A mesquita d'El-Azhar era, ainda não ha muitos annos, a cidadella do patriotismo. Alli viviam os *ulemas* fanaticos, os prophetas, os *scheiks* santos. Alli se tramavam as sedições no tempo de Mahomet. O fanatico que assassinou Kleber foi alli alimentado e exaltado pelos *ulemas*. Era o centro da velha resistencia orthodoxa e irreconciliavel. Nenhum christão alli podia penetrar.

Hoje, *kaïms* e *imans* mostram, explicam e guiam o estrangeiro, com saudações humildes e grandes condescendencias. Á porta, abaixam-se, descalçam-nos as chinelas de esparto que levamos sobre as botas e, com uma voz extremamente acariciadora, pedem-nos o *bakchich*!

VIII

O MUSEU DE BULAK

M. Mariette fundou no Cairo, em Bulak, junto ao porto, um museu d'antiguidades egypcias que ninguem vae vêr.

M. Mariette — no Cairo, Mariette-Bey — é um homem extremamente sabio, paciente nos seus estudos como um beneditino. Porém, aquella vida d'explorações historicas não se passa toda na sombra pacifica d'um gabineté, entre as almofadas d'uma poltrona. Passa-se no deserto, na tenda, penetrando nas velhas cavernas dos sepulchros, expulsando os escorpiões e as viboras, luctando com todas as difficuldades.

M. Mariette conhece, até ao mais pequeno pylone, até á mais derrubada columna, todo o Egypto pharaonico. Poderia, creio, escrever o rol d'um europeu em hieroglyphos. É o amigo intimo de todas as mumias.

Fui-lhe vagamente apresentado na sala da Opera por um correspondente do *Times*, Mr. Russel : elle levou a mão ao *tarbuch*, eu levei-a polidamente ao peito ; mas como eu não era Sitis I, da quinta dynastia, nem Ramsés III da decima-sexta, elle não me attendeu mais — e eu esqueci-me de o louvar pela descoberta do seu ultimo Pharaó, desgraçado de mim, preocupado como estava pela excentrica idéa de que conhecia uma mulher, que indistinctamente se adivinhava por traz da cortina de gaze bordada, no camarote do serralho de Sheriffe-Pachá. E assim, perdi a maravilhosa occasião de falar com um homem que distingue de longe, só com deitar-lhes a luneta, mulheres de Tutmés III ou d'Aménhamhat IV perfilando-se n'um baixo relêvo.

A avenida que do Esbekiêh leva a Bulak é uma das mais pittorescas e originaes do Cairo. Bulak é o porto do Alto-Egypto. Tudo o que desce da Nubia e

dos tropicos, pára alli. A avenida, empoeirada, é cercada d'arvores de folhagem delgada; aos lados estendem-se plantações, culturas e logares habitados onde se aninham casebres de *felláhs*.

Vemos vestigios da inundaçáo : algumas casas, afogadas, deitam fóra d'agua o seu terraço onde se balouçam velhas esteiras esquecidas. Sycomoros e alfarrobeiras, meio submergidos, estendem braços supplicantes fóra da agua luminosa. A agua reluz como aço. Pequenas elevaçóes cobertas de verdura surgem, todas reluzentes, humidas, a escorrer, como cabeças que emergem d'um banho. Os canaes de derivaçáo scintillam ; os diques de terra negra perfilam-se, limitando as culturas. Longas filas de camelos cruzam-se na avenida, no transporte das mercadorias que desembarcam : molhos de canna d'assucar, fardos d'algodão, tabaco, anil. Os *felláhs* correm levemente ; as *fellahinas* dirigem-se apressadamente ao porto ; as carruagens rodam, precedidas dos gritos dos *saïs*. Levantinos e gregos, que vão negociar ao porto, trotam nos seus burros, equilibrados sobre as altas sellas vermelhas . . .

Bulak é um bairro de ruas estreitas, de casas

decrepitas, em cujas paredes se dependuram, com todas as fôrmas, em todas as attitudes, os altos *mucharabiêhs* rendilhados. Circula uma multidão, onde predominam os *fellâhs* com as suas saias azues.

O porto é ruidoso. Os *dahabiêhs* apinham-se junto á margem, com as altas vergas inclinadas. As tripulações, nubias ou *fellâhs*, circulam rapidamente, subindo d'um barco para o outro ou entrando na agua. Barcos carregados de grão, de milho, d'aveia ou de fava, chegam, na gritaria dos remadores arabes. Outros largam para o alto Egypto, abrindo a vela, enquanto os marinheiros, sentados em circulo á pôpa, cantam ao som das *durbakas*.

Longas jangadas, carregadas de vasilhas e de cantaros de barro, descem de Siut e d'Assuan. Uma familia *fellâh* vem gravemente sentada sobre aquella carga de vasos de barro. O pequeno vapor d'um pachá passa fumegando.

Na margem, os camelos, de joelhos, esperam os fardos que berberes e negros descarregam sob os golpes de *curbach* dos levantinos. Um velho copta de turbante negro, longas barbas, larga tunica, marca os pesos n'uma lamina de metal. Abys-

sinios, encruzados em cima dos fardos como idolos sobre um pedestal, fumam, immoveis. Mulheres agachadas deante de esteiras, vendem o bolo de *durah*, *sherbets*, e doces que parecem castellos d'assucar meio derretidos e cobertos de moscas. Alguns barbeiros saltam, ageis, de barca em barca, com a navalha e a longa tira de couro em que a afiam penduradas na cinta, fazendo barbas e rapando cabeças ás tripulações que chegam.

O rio estende-se, largo, sereno, pacifico, coberto de bandos de gaivotas e de passaros que pescam. Defronte, perfila-se uma linha de palmeiras, através das quaes, como por entre uma arcaria, se vê a delicada côr rosada e viva do horizonte distante.

O Museu fica á beira do Nilo. As suas varandas abrem sobre a agua que corre em baixo, larga e luminosa, junto a um bosque de palmeiras. O museu é novo, branco, polido, envernizado, estofado, alcatifado. Alli estão reunidas vetustas antiguidades egypcias, velhas de milhares d'annos, tiradas do fundo dos templos, da escuridão das sepulturas, das camaras obscuras dos pylones. Estatuas de Pharaós, ainda com a pintura fresca e delicada,

esphinges, toda a sorte de deuses, com cabeças de cães, de chacaes, de dromedarios, d'abutres; deuses nús, delgados, com grandes collares sobre o peito, coroados de plumas de avestruz, de crescentes, de flôres de lotus; estatuas hieraticas, sentadas, com as mãos espalmadas sobre os joelhos; figuras de sacerdotes e de negros; mumias de pharaós, de rainhas, de ibis, de gatos, de bois, de crocodilos; collares, joias, symbolos religiosos, armas de guerra; pequenas figuras de deuses com que se cobre o peito das mumias; anneis, escaravelhos, sinetes — todas aquellas maravilhas perdidas estão alli, numeradas, classificadas, limpas, asseadas, sob as suas *vitrines* novas.

Admiramos algumas estatuas: mostram corpos delgados, esguios e musculosos; as boccas são energicas, os ossos das faces levemente salientes, o olhar fixo, forte, as caras redondas, os pés largos, espalmados. O unico vestido é uma tunica leve e curta apertada á cinta, deixando os braços e parte do peito nús, como nos tempos biblicos.

Vemos mumias sem conta: estão em caixões de fórma oval, estreitos e compridos, feitos de uma

madeira negra, coberta com hieroglyphos dourados, ou trazendo a figura do morto, desenhada a traços primitivos, entre incrustações a ouro. O corpo é todo envolvido em faixas mortuarias. Os olhos, pintados com um extremo cuidado, fixos, negros, têm as pestanas indicadas por traços dourados . . . Nada mais triste do que aquelles corpos, que foram de conquistadores, de tyrannos, de pharaós, mettidos dentro das suas urnas, numerados, e enfileirados d'encontro a uma parede. Que resuscitar aquelle para quem tinha preparado com tanto cuidado a immortalidade !

Fixa-me extraordinariamente uma figura : é uma cabeça de granito negro. Nada mais profundo do que o seu largo olhar cheio de serenidade e de tristeza : a bocca grossa, fortemente accentuada, como repousando de grandes palavras, tem uma expressão poderosa de desdem. Ha na testa alta e lisa, uma immobildade e uma placidez estranhas ; os olhos, sem pupillas, têm uma fixidez de melancholia, d'abstracção, de contemplação.

Fez-me scismar aquella enorme cabeça negra, sobre o seu pedestal envernizado. Foi um Deus ?

Foi um Pharaó ? Foi um sabio ? Nem o catalogo o sabe. Está alli, tendo sido achada no fundo d'um templo ou entre os destroços d'um pylone. Algum persa barbaro, soldado de Cambyse, de certo a tinha derrubado e martellado.

Um immenso desdem sereno habita n'aquella pedra ; tem uma quietação tenebrosa e cheia de mysterio. Alguma cousa a opprime : ou o segredo dos dogmas ou o desprezo dos deuses. O que pensará aquella cabeça ? Era algum dos Pharaós expulsos de Memphis pelos Hyksos, que, desterrado e errante, vendo o fim das cousas humanas, se refugiara na apparencia da immortalidade ? Era algum sacerdote que comprehendera a illusão dos seus vinte mil Deuses ? Seria uma esphinge que possuiria a secreta verdade da vida ? Não sei. Mas aquella expressão que tinha talvez tres mil annos entristeceu-me. Junto a uma janella, n'uma attitude de monstro infeliz, fixa os seus olhos sem pupillas sobre o Nilo, que corre na planicie, largo, resplandecente de sol, de luz e d'agua, e bordado de palmeiras que se desenhão com uma nitidez extraordinaria no horizonte azul.

Sahimos de Bulak, e fomos caminhando junto ao rio. A paisagem do Nilo tem uma uniformidade austera. A agua estende-se luzente, immovel, serena. Uma linha de terra verde-negra recorta-se sobre o céu d'uma côr profunda e dura ; sob aquella luz baixa, plena, no meio da agua, destaca-se por vezes uma palmeira ou as varas d'um *chadúf* ; n'uma pequena elevação, agrupam-se cabanas arabes ; aqui e além, branquejam pombaes.

Nem montes, nem perspectiva, nem accidentes de paisagem : só aquella linha de terra, infinita, para além da agua, sob um céu rosado de madrugada, quasi negro de luz no alto dia, côr d'ouro, cobreado, resplandecente, quente e profundamente vivo no occaso. Sobre aquella linha de terra verde-negra e profunda, os homens e os animaes destacam-se admiravelmente, como figuras recortadas sobre um fundo luminoso.

Nada tão severo como aquella linha simples : tem um repouso, uma serenidade, uma harmonia ineffavel. A agua, uma linha de terra, o céu : eis toda a paisagem egypcia. É d'uma simplicidade primitiva. As montanhas, os precipicios, as serras, os

valles, os desfiladeiros, as torrentes, os largos horizontes, são, na paisagem, o que na vida são as paixões: têm uma belleza atormentada, desolada e romantica. Aqui, na sua serenidade, a paisagem consola e pacifica. As linhas grandiosas levam aos actos heroicos. A linha simples inclina aos sentimentos primitivos: lembra a tranquillidade, a quietação, uma mulher de fórmas bellas, a abundancia.

As nossas sensações, as nossas contrariedades, as nossas inquietações desaparecem. Não se póde ser nervoso, romantico ou nostalgico, deante d'uma larga agua, plana e scintillante, d'uma linha de terra cheia d'uma vegetação forte e sã, e do grande céu, do magnifico sol, da luz immortal e inexgotavel.

Das tres grandes linhas naturaes, nascem instinctivamente as tres grandes idéas: a familia, o trabalho, a immortalidade.

A paisagem faz a raça. A Hollanda é uma terra pacifica e serena, porque a sua paisagem é larga, plana e abundante. A paisagem que fez o grego, era o mar, reluzente e infinito, o céu, sereno, trans-

parente, dôce, e destacando-se sob aquella immobillidade azul, um templo branco, puro, augusto, rythmico, entre a sombra que faz um grupo de oliveiras.

A paisagem do romano é toda juridica : as terras asperas, a perder de vista, separadas por marcos de tijolo ; uma grande charrua puxada por bufalos, vae passando entre os trigos ; uma larga estrada lageada, eterna, sobre que rolam as duas altas rodas massiças d'um carro sabino ; uma casa coberta de vinha branqueja ao longe, na planicie. Não importa a côr do céu : o romano não olha para o céu.

A raça anglo-saxonica tira a sua tenebrosa mythologia, o seu espirito inquieto, da sua paisagem escura, accidentada, desolada e romantica. É o estreito e arido aspecto do valle de Jerusalém que fez o judeu.

A civilisação egypcia, apesar dos seus deuses innumeraveis, dos seus mythos, dos seus dogmas, dos seus sepulchros e de nos apparecer hoje como uma civilisação tenebrosa e monstruosa, é tão brilhante e tão simples como a paisagem do Nilo. O egypcio não era dado ás coisas divinas : era um

povo simples, exclusivamente agricola, que nunca procurou vêr para além do immenso Nilo. Nos antigos templos do tempo dos pharaós das primeiras dynastias, antes da invasão dos Hyksos, quando a capital era Memphis, fixaram-se em baixos-relevos todos os quadros da vida civil do Egypto : são apenas trabalhos campestres, scenas de cultura ; os homens lavram, os pescadores arrastam as rêdes, as mulheres tratam das aves ; um ancião, cercado da sua familia, assiste ás danças que celebram a colheita ; o velho apoia-se ao pescoço d'um bufalo, e em redor canta-se a velha canção egypcia :

Batei, bois, batei,
Trabalhae para quem vos ama.

Sente-se em todas aquellas scenas o amor exclusivo do trabalho, o amor do animal, da independencia, dos largos horizontes.

Na vasta paisagem não se viam templos: nem um sacrificio, nem um Deus. Só mais tarde, em Thebas, quando os sacerdotes dominavam, criaram uma religião e approvaram os ritos que os consa-

graram e deuses para os santificarem. É então que apparecem as divindades tenebrosas: porém, todas ellas são ainda symbolos agricolas. A familia, apesar de tudo, transparece na formação da theogonia: os deuses são classificados por triades: pae, mãe, filho; os sacerdotes, nos altares, adoram o crocodilo, symbolo da inundação; o boi torna-se um deus; os passaros que devoram os insectos são todos divinizados.

Entretanto, mais tarde, começam as invasões, as batalhas, as conquistas: os Pharaós batem-se, os sacerdotes guerreiam. Deante da incerteza das batalhas, vem a necessidade d'uma fé superior, d'alguuma coisa de sobrenatural, que ampare e que auxilie. Apparecem então as offerendas maravilhosas aos deuses, a edificação de templos grandiosos, as construcções magnificas.

O proprio culto da morte não é inspirado pela influencia d'um dogma, mas pela necessidade agricola. N'aquelle clima do Egypto, não se pódem enterrar os corpos nas terras baixas; a terra é leve, os miasmas sobem facilmente, espalham-se as pestes: é necessario levar os cadaveres para longe,

impedir que elles se decomponham ; d'ahi, as mumias, as construcções nas cavernas e nas montanhas; d'ahi, as pyramides.

O povo, de resto, ficou sempre afastado do culto ; não comprehendia os mysterios nem os hieroglyphos. Os templos eram feitos para os reis e para os dignatarios : nas cerimoniaes de sacrificios, de cultos, d'oração, pintadas nos baixos relevos, nunca se vê o povo ; tudo se passa entre sacerdotes e pharaós. Os reis, nos monumentos, são sempre representados entre os deuses, grangeando a graça divina, orando, offerecendo captivos ou interrogando a divindade. O povo, esse, é sempre representado no trabalho dos campos : a religião parece ser uma cousa exclusivamente hierarchica, que o povo acceita e não attende.

Eu não sou um sabio, como se vê ; não tenho a honra de distinguir Ramsés IV de Menephtah II, nem tenho intimidades com mumias, mas creio que o Egypto é um paiz simples, luminoso e claro como a Grecia. Pelo menos não tem nada de mysterioso nem de lugubre.

Poderá não ter esta opinião quem nunca foi ao

Egypto. Mas, deante do Nilo, fica-se com uma grande impressão de singeleza e de claridade. A agua corre larga, serena, pacifica ; o céu limpido, forte, azul, é d'uma profundidade infinita ; as culturas estendem-se, cobertas de sol, e as palmeiras recortam-se no céu em columnatas delicadas, trespassadas pela luz. Nenhuma sombra tenebrosa, nenhum mysterio no horizonte, nenhuma tinta melancholica ! Tudo é nitido, preciso, claro, fino. As linhas são severas e largas e têm a serenidade do céu e do mar. Não ha crepusculos nostalgicos : as estrellas são scintillantes e enormes.

Não ha lugar para legendas nem para mysticismos. Os santos da Thebaida sentiram aqui todas as tentações. Aqui soffreram mais do que em parte alguma : a natureza repellia-os e os seus sonhos não podiam viver no meio de tanta claridade. Debalde se enterravam nos sepulchros : o largo rumor do Nilo chamava-os eternamente para as idéas naturaes, humanas e doces.

Por vezes, sinto o desejo de ficar aqui, ter um bufalo, uma mulher egypcia, descendente dos velhos donos do solo, e lavrar o meu campo de *durah*

no meio da serena paisagem do Nilo, entre as coisas abundantes e saudáveis e a immensa claridade do horizonte . . .

Assim philosophando, caminhamos a pé á beira do rio. Um rapazito, um pequeno *jellâh*, passa, arrastando uma aguia, luctando com ella. A aguia arremessa-se em grandes sobresaltos, bruscas reacções, com os olhos irritados e ensanguentados, o pescoço erguido, as garras frementes. Resiste, roja-se, agarra-se á terra. O pequeno arabe arrasta-a com um grande esforço, a physionomia concentrada, os olhos fixos, brilhantes, com um sorriso convulsivo, os dentes curtos luzindo, as roupas manchadas, todo mordido, envolvido em palpitações d'azas . . .

IX

CEMITERIOS

Nada conheço mais lugubre do que a cidade dos mortos, ao pé do Cairo, na base do Mokattam. É um cemiterio. As novas pedras tumulares, brancas e lisas, assentam ao pé das velhas sepulturas historicas dos Mamelucos, dos Sheiks respeitadas na tradição, e dos Principes.

A planicie desce do Mokattam, levemente cavada, como um valle. É larga, amarella, desolada e secca : é um largo areal. Pedras tumulares, de todas as fórmãs e de todas as estruturas, luzidias, polidas pelos ventos cheios d'areias, assentam na vasta extensão.

Nem uma arvore, nem uma sombra, nem uma relva, nem um passaro ! Dorme alli o silencio. Por vezes, um abutre, um corvo passam no ar. Uma luz crua, farta, vindo do immovel azul, cahe abundante e magnifica : a planicie, as pedras tumulares, scintillam n'uma brancura hostile ; esbatendo-se n'uma architectura uniforme, os monumentos confundem-se com o livido chão. Nada mais lugubre !

Os nossos cemiterios, com as suas sombras, as suas relvas, as suas espessuras frescas, são, ao pé da Morte, uma paisagem, uma presença de vida. A natureza está junto das sepulturas, e é quasi dormir estar morto sob as arvores que deram sombra ao nosso cansaço, fructas á nossa fome. Aquella natureza é um traço de união entre os mortos e os vivos ; aquellas aleas são ruas tambem ; aquellas sombras, aquellas flôres, são para os que vêm, no dia dos mortos ou nas horas melancolicas, chorar ou lembrar-se.

A alegria dos vivos, a natureza em que elles se movem, acompanham os mortos, estremecem, murmuram ainda por cima da sua impassibili-

dade : a folhagem rumoreja, a chuva cahe das arvores, o vento passa, os passaros cantam, o homem dorme a sesta . . .

Depois, aquellas sombras provocam a imaginação e a lenda. O corpo do morto será abraçado por aquellas raízes ? As rosas vermelhas serão a côr dos seus labios ? Aquelles cyprestes, que crescem melancholicos e doces, serão a provisão de suspiros que havia no seu peito ? Aquelles troncos nodosos serão os seus olhos ?

A natureza, pelos gemidos que provoca e pelos sonhos que desperta, arranca ao morto a idéa fria do irreparavel. As arvores estão alli que lhe estendem os braços, estão alli os passaros que o chamam, e a herva que o abraça com as suas raízes.

Nos cemiterios arabes, o morto é abandonado á esterilidade e ao sol. Escolhem-se os campos aridos, seccos, duros, hostis. O cemiterio de Alexandria, no começo do deserto livido, é um logar de chaes e d'areias : o campo dos mortos, no Cairo, é um logar d'aves de rapina. São sitios lugubres e terriveis. E será por os arabes pensarem que o morto

deixou de sentir? Não. Elles são os descendentes d'aquelles que junto do tumulto prendiam o camelo favorito do morto, ou a sua egua nomada, e os deixavam morrer de fome, para que elle, no mundo exterior em que ia viver, nos desertos que fôra correr, nos valles onde fôsse acampar, encontrasse a sombra do seu cavallo e a sombra do seu camelo!

Na sua primeira batalha contra os da Mecca, amigos dos idolos, Mahomet, que combatia por Allah, Deus unico, matou muitos chefes inimigos.

Mandou-os enterrar n'uma cisterna e cobril-os de cal. Ahi ficaram os seus adversarios, os seus perseguidores, aquelles que o tinham apedrejado, que o tinham apupado do alto de Kaaba.

Quando o combate findava, Mahomet, ao cahir do dia, como o sol baixava por traz das collinas para as bandas do Mar Vermelho, desceu, seguido dos seus discipulos, a vêr a sepultura da cisterna.

Então, erguendo a voz, com gestos irados, voltando a face livida para os seus inimigos mortos, exclamou:

-- Tu, e tu, e tu, accusasteis-me d'impostura,

e estes acreditaram em mim! Vós expulsasteis-me da Mecca, minha patria, e estes, que são de Medina, acolheram-me! Estes vêm d'um paiz visinho, contra vós que sois da minha patria! Dizei agora se Deus mentiu pela minha bocca nos ensinamentos que vos fiz? Dizei se Deus mentiu! Dizei-o vós: tu, e tu, e tu, mortos da Mecca!

Os soldados e os discipulos, em redor, tinham o espanto nos olhos e nos gestos:

— O quê, propheta, explica-nos isto: tu estás a fallar aos mortos?

— Sabei-o vós outros para sempre: *os mortos ouvem!*

Os arabes fallam aos seus mortos: vão-nos consultar nos casos difficeis; levam-lhes alimentos, derramam-lhes *sherbet* e café sobre as sepulturas.

E todavia escolhem para elles um logar onde o chacal vem desenterrar os ossos, onde as aves de rapina esburacam a terra. Os egypcios fazem o mesmo: as suas sepulturas são logares aridos, calcareos, desolados.

É que o valle do Nilo é pouco para os vivos: aquellas culturas estreitas, que acompanham o

Nilo, são para os que trabalham, não para os que repousam na morte. O Nilo é dos vivos; os mortos têm o immenso deserto que o silencio habita. Levam-nos a enterrar, deixam-nos rodeados d'alimentos entre os agudos gritos do luto... Mas não sob as frescas palmeiras, ou perto da agua, ou sob os altos sycomoros: além, na lividez esteril, na desolação da planicie.

A razão material d'isto é talvez a de impedir que a agua do Nilo, penetrando nas sepulturas, vá amolecer a terra, deixe passar os miasmas, cause as infecções. A areia é um poderoso embalsamador.

Um cemiterio arabe não é um logar recolhido, piedoso e casto. Os cães erram por entre as sepulturas; de noite, vêm alli uivar os chacaes; os mendigos dormem junto ás campas. Fazem-se fogueiras quando chegam as caravanas que acampam perto; echoa o grito das aves de rapina, e as prostitutas ao escurecer vão sentar-se sobre os sepulchros.

Apesar de tudo, não inspiram aquelle terror nervoso dos cemiterios christãos: ahi, as sombras, o rumor das arvores, a humidade, a lividez das cruces, as lampadas, os cyprestes, tudo faz uma

decoração funeraria e communica-nos uma vibração nervosa. Os cemiterios arabes, pelo contrario, têm o aspecto de ruínas. Aquellas pedras luzem, no meio do deserto, antigas, desconjuntadas, e dão a impressão de velhas architecturas e não a idéa de fim e de morte.

E comtudo, nada conheço mais lugubre: os montes da Judéa, a melancholia de Suez, o deserto do Jordão, nada eguala aquella tristeza terrivel da cidade dos tumulos.

No entanto, a pouca distancia, é uma estação de repouso para as caravanas de mercadores. Alli, os grupos de *jellâhs*, de mercadores judeus, de arabes do Hedjaz e de Suez, os camelos pittorescamente carregados, no seu repouso somnolento, as tendas de pelle de cabra, de lona, de folhas de palmeiras fazem, sob o violento céu, na areia, junto ás vetustas e arruinadas construcções do Cairo, um quadro original, destacando-se em perspectivas coloridas sobre o fundo escuro das casas desmanteladas e dos velhos arvoredos decrepitos e tremulos.

Aqui tudo é solidão sob o immenso céu immovel. O céu do Egypto é um deserto: é d'uma

soledade terrível e lugubre. A luz do Egypto só consola, só pacífica, só é benéfica de madrugada, quando uma tinta côr de rosa ennevôa o ar, ou ao anoitecer, quando toma uma côr de ouro fulvo, radiosa, gloriosa, sobre a qual as negras palmeiras se destacam, crivadas de raios, como pelas flechas d'um exercito divino.

No meio do dia, azul, cavado, estendido a profundidades terríveis, implacavel, o céu do Egypto aterra: comprehende-se que os antigos o imaginassem cheio de colera. Este céu não tem nuvens. As nuvens são os viajantes do céu: transmittem-lhe idéa e intenção, fazem perspectivas luminosas, povoam-no, dão-lhe uma immensa paisagem vaporosa d'onde cada um, segundo a feição do seu espirito, tira preciosas obras: poemas, sonetos, quadros, visões.

O céu collabora na nossa vida intima, vive conosco, acompanha-nos na mudança do nosso ser; é um confidente, é um consolador; invoca-se, falla-se-lhe. Olhar o céu é, nos nossos climas, uma occasião de viver: instinctivamente, voltamos para elle os nossos olhos. O poeta meridional, cheio d'imagens

e de côres, contempla-o; o burguez trivial admira-o; pela manhã, abre-se a janella e vae-se vêr o céu! É um intimo, sempre presente na nossa vida; o nosso estado depende d'elle: ennevoadado, entristeccc-nos; claro e lucido, alegra-nos; cheio de nuvens electricas, enerva-nos. É no céu que vemos Deus... E mesmo despovoadado de deuses, é ainda para o homem o logar d'onde elle tira força, consolação e esperança.

A paisagem é feita por elle, a arte imita-o, os poetas cantam-no.

No Egypto não ha céu: aquella profundidade lisa, immovel, sempre, eternamente azul, é um deserto, é uma solidão. O céu do Egypto é um idolo: as inquietações, os desejos, os tedios, tudo elle vê passar, impassivel, implacavel e azul. Não dá nada, nada diz ao poeta, ao cultivador, ao viajante, ao mendigo. É como um céu de pedra. Parece feito de lapis-lazuli. Irrita pela fixidez e pela perfeição vazia. É o mais terrivel dos desertos: é um deserto d'abstracção, um deserto sobrenatural.

As nuvens são, pela côr, pela fórmula, a mais maravilhosa decoraçãõ. As nuvens são, quasi sempre,

a representação phantasmagorica e visivel das imagens intuitivas, creadas no nosso cerebro. Gustave Doré comprehendeu isto admiravelmente no seu extraordinario *D. Quichote*. Mas este céu do Egypto nada nos offerece : é mudo, é surdo, é implicativo, é pesado como uma tampa a escorrer de luz.

Imagine-se agora uma planicie amarella, d'areia, sem uma herva, sem uma sombra ; ao fim d'essa planicie, um monte erguido como uma muralha, duro, a pique, livido, amarello tambem.

N'essa planicie, espalham-se tumulos de fórmãs estranhas, em cupulas, em minarettes, em agulhas, cobertos de crescentes, de mitras, de turbantes, em fórmula de cubos onde se abrem pequenas janellas cheias d'escuridão entre finas columnas trabalhadas, tudo d'uma pedra amarella, alizada pelo roçar das areias, lustrosa como o marmore. Por cima, o céu, d'um azul irritante, negro, uniforme, hieratico !

Um silencio abstracto, vago, estende-se muito ao longe. Nenhum movimento, nenhuma attitude viva. Ás vezes, no alto ar, paira, n'uma immobilidade d'azas, um passaro negro que reluz como granito polido : é um abutre.

E tudo afogado n'uma luz intensa, visível como um nevoeiro, fazendo as linhas duras, nitidas, dando expressões aos sepulchros e grandes saliencias aos contornos da pedra.

Tudo alli é impenetravel, quieto, mudo, eterno : o ar, o céu, os tumulos. É d'uma belleza barbara. E tudo aquillo está morto e immovel com uma grande violencia . . .

Caminhamos, calados, sob o peso do sol.

X

VISITA AOS TUMULOS DOS KALIFAS

Fomos vêr, por um dia de poeira, sob um sol violento, os tumulos dos Kalifas.

Atravessamos o Muski, depois ruas em ruínas, ladeadas por destroços de casas, e entramos na planície, na base do Mokattam. O Mokattam é um monte calvo, varrido pelo vento, côr d'oca, duramente talhado, abrupto e hostil. A planície é solitária e livida : areia, calliça, fragmentos de pedras, cascalho : aquillo reluz, scintilla e faisca ao sol. Nem uma herva nem uma sombra : a nudez hostil do deserto.

Ha o rumor silencioso e indefinido das plani-

cies d'areia solitarias ; o céu é largo, fundo, d'uma profundidade infinita, d'um azul vivo e crú. Alguns arabes miseraveis, esfarrapados, cheios de feridas que as moscas chupam, erram por alli.

No meio d'aquella desolação erguem-se, penetrando com um forte relêvo na luz e no azul, os tumulos e os minaretes das mesquitas. É maravilhoso.

Os tumulos são grandes cubos, como *dados*, d'uma pedra amarellada e polida de velhice sobre que assenta uma especie de *mitra* de pedra. Nas faces dos dados abrem-se pequenas janellas cheias de sombra, de puro estylo sarraceno da idade-media : uma ferradura assentando sobre duas columnas delicadamente recortadas. A mitra é coberta d'uma rêde d'arabescos trabalhados em relêvo, n'uma pedra polida e luzidia onde o sol estende traços luminosos.

Estes tumulos espalham-se pela planicie em volta das mesquitas. Todos estão esburacados, feridos, mutilados ; alguns cahem miseravelmente aos pedaços, uma parte a destacar-se fortemente sobre o fundo do céu, o resto arrastando na areia, em cascalho, aos bocados.

Ha alli uma grande construcção, que parece ter sido um antigo palacio, ostentando ainda de pé uma alta parede em que, d'espaco a espaco, tres pequenas janellas ogivaes se reúnem em triangulo, enlaçando-se por finos arabescos de pedra. Para além da parede fica uma accumulacão confusa de destroços e de ruinas ; alli, a população edificou casebres confusos e oscillantes com os despojos dos tumulos e das mesquitas, com as velhas pedras cinzeladas pelos artistas de Damasco. Estes casebres são feitos com traves decrepitas, cascalho equilibrado entre columnas lavradas d'ornatos, ligadas por argamassa; cobre-os alguma palha secca de sorgo. Por vezes, um arco de porta d'um bello desenho apparece como uma joia no meio da negra e suja miseria das habitacões arabes. Entre aquelles tumulos e casebres espalhados na planicie, erguem-se, com os seus finos minaretes, mesquitas maravilhosas.

A mais bella é a de Kait-Bey. Solitaria, isolada, delicada, romantica, ás tiras vermelhas e brancas, toda aberta em janellas, recortada como um palacio de lenda onde os vidros são o azul luminoso, com galerias riscadas de columnas delgadas

como arbustos, toda enlaçada de folhagens, de ornatos, d'arabescos, ergue profundamente pelo profundo céu o seu minarete agudo, fugitivo, ascendente, todo cinzelado como uma taça de Benvenuto, com duas varandas circulares, renda de pedra que parece que o vôo dos passaros vae rasgar, e esguias janellas ogivaes d'onde pendem, como cabellos soltos, stalactites poeticas e chorosas.

Ahi está, solitaria, esquecida, como um conto arabe feito por um poeta do deserto, toda de pedra. E aquelle minarete fino, arrendado, d'uma espiritualidade adoravel, sahindo das paredes da mesquita ás tiras vermelhas e brancas, no meio da planicie desolada, apparece, entre aquelles tumulos d'uma austeridade poetica, como o proprio symbolo da imaginação arabe, fina, cheia d'aspirações e d'imagens, e vivendo pela propria força da sua essencia e da sua belleza, n'um meio de morte, miseravel e triste.

Em redor, ha outras mesquitas admiraveis, de cupulas ogivaes, bordadas, cravejadas como mitras d'arcebispos bysantinos.

Mais adeante, vemos ainda a mesquita de El-

Barkuk, a mais bellamente symetrica que tem de certo a arte sarracena do Egypto. É um pateo quadrado, aberto entre dois minaretes e duas cupulas. A maior parte da mesquita está morta, desmembrada, e o seu esqueleto disperso vae-se afogando na areia. Mas os dous minaretes, a par, finamente esculpídos, graciosos, arruinados, têm ainda uma attitude altiva de vida e de belleza, n'aquella região de ruinas.

Arvores onde pousam os abutres juntam-se no meio, n'uma especie de tanque cheio de terra. Os arcos estão tombados, as galerias obstruidas, mas o lar da oração subsiste e o *mihrâb* de pedra é d'uma grande belleza.

Os arabes oram ainda nas mesquitas arruinadas. Preces luminosas e simples, basta-lhes uma pedra e um nicho voltado para a Mecca, para que se sintam sob o olhar de Deus.

Quanto mais largo o templo, quanto mais luz o enche, quanto mais aves vôam, quanto mais arvores rumorejam, mais correm os mahometanos á oração. A não ser nas mesquitas-escolas, onde se conservam as coisas na immobilidade e no respeito

da tradição, a maior parte das mesquitas está arruinada. A ruina é uma confraternidade com a natureza. A casa fechada, abobadada, tapetada, isola o homem, separa-o da immensa natureza viva. Os verdes da vegetação estão excluídos do logar habitado. Quando a casa cahe em ruinas, as hervas entram, as aves vêm, o musgo arrasta-se e estabelece-se, feliz. Estes movimentos não impedem a prece: a entrada da natureza nas ruinas não impossibilita o arabe de orar.

A mesquita de El-Barkuk é uma ruina e é um logar d'oração.

Quando nos afastamos de El-Barkuk, toda a planicie tumular nos apparece como um quadro: a areia tem ao sol uma reverberação fulva; a pedra dos tumulos e das mesquitas toma uma côr livida: a côr da pedra é igual á côr da areia.

As cupulas e os minaretes destacam-se em forte relêvo sobre o azul do céu, como sobre um fundo d'esmalte; os altos minaretes habitam na luz, penetrados por ella. Tres palmeiras alongam as suas folhas, duras como espadas, no pateo arruinado d'El-Barkuk.

Abutres e corvos vôam em bandos negros. Tudo é silencioso, immovel, cheio de luz. Passa lentamente uma fileira de camelos, graves como andores. As suas estaturas corcovadas, os longos pescoços arqueados, os beiços sensuaes e pendentes, destacam-se na luz : solemne, a fileira vae-se arqueando sobre uma collina arida e amarella.

Turbilhões de pó erguem-se no espaço, luminosos para os lados do Cairo. Um arabe do deserto, encolhido, immovel no alto dorso do seu dromedario, com o largo lenço branco envolvendo-o e preso á cabeça por uma corda d'esparto, grossa como um diadema, de longas pontas atiradas para as costas, todas franjadas d'ouro, canta : e a sua voz metallica, aguda, de notas largas e tristes, derrama-se monotonamente pela vasta planicie . . .

Aquelle deserto livido, aquellas cupulas vermelhas erguidas no vasto azul, a côr amarella e fulva das ruinas, a silenciosa brancura do deserto, a impassivel profundidade do céu, aquellas construcções que são canticos de pedra — tudo alli nos chama a imaginação para o tempo dos Kalifas e das *Mil e Uma Noites!*

XI

OS BAZARES

Depois d'estes aspectos lugubres, vamos um pouco aos Bazares.

É meio dia, a hora do mercado e da concorrência. Montados em pequenos burros ageis e nervosos, entramos n'aquellas ruas estreitas, compridas, accidentadas, enlameadas, que são a região dos Bazares.

Primeiro penetramos no bairro copta, a fim de vêr o que Jonas Alli, o nosso *drogman*, chama « os armazens dos bazares ». Nada tão pittoresco, tão imprevisito, tão original, tão fóra dos nossos hábitos e da nossa architectura, como aquelle logar.

É n'uma praça cercada de habitações. Não se póde dizer com segurança que sejam casas: são construcções irregulares e desmoronadas como ruínas. Os telhados têm todas as fórmas: agudos como telhados chinezes, ou de fórmula gothica, ou em terraços, ou em cupulas. Tudo aquillo é feito de materiaes ligeiros, tenues, frageis: as traves são delgadas como dedos, esculpidas como cabos de punhaes venezianos; vêem-se columnas finas como cajados de pastores, torcidas, dobradas, sustentando galerias, amparando porticos d'uma phantasia estranha. As fachadas são tão rendilhadas, tão buriladas, tão cheias de galerias, de ornatos, de arabescos, que parece que de cima a baixo se estende uma cortina de renda suja, escura, deslavada, rasgada aos pedaços.

Não se percebe como se póde alli habitar, tanto aquillo é leve, delicado e phantasista: parece a architectura d'um conto de fadas. Devem alli morar anões grotescos e hediondos ou aquelles velhos arabes feiticeiros, curvados, sordidos e cheios de barba, que as Princezas consultavam e a quem os Kalifas contavam as suas maguas.

Os *mucharabiéhs* adeantam-se em saliencias confusas sobre as fachadas, cobertos de grades bordadas, de traves cinzeladas, d'ornamentações irregulares e violentas, desmoronando-se.

Não se explica a origem, o motivo d'aquellas construcções, nem se sabe onde vão dar aquellas portas escuras, e quem vive, quem habita n'aquelles balcões gradeados, que fazem sobre as fachadas ventres salientes e inesperados. Quasi não ha paredes; é um emmaranhamento de grades, de traves e de ornatos. Parecem casas feitas de *crochet*. Buracos sombrios, tapeçarias, portas desmantelladas, janellas vagas, terraços que se curvam, balcões que se debruçam, telhas que parecem deitadas ao sol, tudo aquillo é vivo, intenso, cheio de physionomia. É uma visão, é uma caricatura, é uma phantasmagoria!

Ao mesmo tempo, tudo aquillo é escuro, sujo, cheio de teias d'aranha, de pannos pendentes, de tunicas que seccam, de fardos encostados ás janellas, de hastes que sahem das varandas e das galearias; não ha alli uma linha natural, firme, *util!* Tudo pertence á phantasia e á ruina.

A praça é de terra enlameada. No meio, sobre uma elevação coberta de trapos, de vestidos, de *tarbuchs*, de fardos, de gaiolas, de pedras que se amparam, se consolidam, se ajudam umas ás outras, erguem-se d'um mesmo tronco dous sycómoros esbeltos, cheios de folhas, de ninhos e de pombas.

Demoramo-nos apenas um momento, mas levamos d'alli a idéa d'uma visão. Atravessamos a rua e entramos propriamente nos Bazares. O primeiro é o bazar d'El-Ghuri.

El-Ghuri era um sultão do velho Cairo -- sultão da Babylonia do Egypto lhe chamam os velhos chronistas. A sua mesquita e o seu tumulo estão alli perto, ao pé d'um grupo d'arvores, n'um encontro de ruas sempre sonoras e vibrantes de multidão. El-Ghuri era turco : morreu n'um combate contra o sultão Selim, perto d'Alepo, na Syria. E é talvez por ter morrido tão longe que no Cairo, além do seu tumulo na mesquita, tem outro em Kait-Bey e um terceiro no caminho d'Heliopolis !

O Bazar d'El-Ghuri é, como os de Constantinopla, um bazar coberto : é uma especie de galeria abobadada, atravessada, d'espaco a espaco, por um

arco mais saliente, tendo, aqui e além, alguns degraus, e, no tecto, pequenas aberturas gradeadas d'onde cahe uma luz dôce, pallida e tenue.

Velhos turcos gordos, *fellâhs* ageis, nubios activos, arnautas, negros do Dongale com o corpo nú e luzidio, movem-se n'uma actividade indolente, n'uma agitação pausada. As palavras gutturaes soam como um chocar de laminas.

Fóra da galeria, os camelos esperam, sentados, movendo devagar a cabeça preguiçosa; fardos, caixas, saccos, areas abertas, molhos de cannas d'assucar, tunicas, vasos de barro, tudo se amontoa, encostado, estendido no chão, amarrado no lombo dos jumentos ou na corcova dos camelos. Das galerias das casas içam-se fardos. Pesa-se, vende-se, compra-se por toda a parte. Passam mulheres *fellâhs*, cingidas nas tunicas azues que lhes modelam o corpo, e as pombas abatem-se sobre os saccos de grão. Um camelo bale, com um som rouco, aspero e metallico. E a luz cahe magnifica, ampla, desenhando em perspectiva os tons carregados das arcarias. Ha um ruido ensurdecador de vozes, e aquillo parece intencional, previsto, proprio do negocio.

Na galeria, d'ambos os lados, uma fileira de nichos quadrados, altos, como as capellas lateraes d'uma egreja, contêm as mercadorias delicadas : sobre uma especie de estrado de madeira, estão estendidos os estofos. Alli, vendem-se as fazendas de lã, d'algodão, de cambraia, os pannos, as sêdas, os *fez*, os *tarbuchs*, os objectos de vestuario. Os mercadores estão sentados sobre o balcão, que se estende quasi até ao fundo do nicho, immoveis, fumando o *narghiléh*. Têm figuras originaes, enrugados, attentos, impassiveis.

Vendem-se alli as admiraveis sêdas de Damasco, envolvidas em linhos grossos de côres vivas ; os tapetes de Teheran, as faixas de Tunis. As mercadorias amontoam-se em fardos sobrepostos, acastellados sobre estantes, e as sêdas, ás vezes, ao desenrolarem-se, cahem em pregas, pondo reflexos brilhantes n'aquella penumbra velada e dôce.

Uma multidão espessa e silenciosa circula alli. Os camelos não atravessam o Bazar. Os burros, porém, passam, trotando e subindo os degraus com uma audacia inquieta. Deante dos mercadores, juntam-se grupos pittorescos de tunicas, de

albornozes, de longos *caftans*, de turbantes, de *tarbuchs*. E os mercadores, indifferentes, encruzados, graves, austeros, com o longo *chibuck* na bocca, esperam, enquanto os compradores tomam os estofos nos dedos, olhando-os, palpando-os devagar . . .

Mas o bazar que mais surprehende no Cairo é o Bazar de Kan-Kabil, que assenta sobre o lugar onde se erguiam outr'ora os tumulos dos Kalifas.

Alli, as ruas são estreitas e sombrias como fendas, cobertas de tabuas mal unidas, que formam um tecto original em que apparecem, ás riscas, tiras de céu azul; outras são veladas por largos pannos azues e vermelhos, lançados d'um lado ao outro, como doceis de pavilhões.

Ha um socego extremo; anda-se devagar, olhando; o rumor das vozes é abafado pelos fardos, pelos nichos, pelo toldo. As ruas são de terra secca e dura: não se ouvem os passos. Os nichos dos mercadores parecem pequenos nichos de Santos. Alli vendem-se sêdas, joias, armas, vestuarios, es-

tofos bordados, objectos de cobre, de prata ou d'ouro.

Aquillo é tranquillo, abafado, longe do mundo. Os nichos são feitos de madeira, de velhas traves carunchosas e esculpidas, d'uma irregularidade encantadora. Os objectos estão estendidos sobre os balcões em confusão ou accumulados, empilhados, arrumados no fundo dos nichos.

O primeiro aspecto é de uma perspectiva confusa: não se sabe o que se vende. Parece uma phantasia d'onde nenhuma coisa util para o nosso interesse se possa extrahir. Tudo tem uma apparencia de pedaços, de destroços, de coisas partidas, amarrotadas ou vistas n'um kaleidoscopio. Em certos nichos nunca percebi o que se vendia. Via coisas singulares, argolas, estofos que pendiam, pesos, fardos, objectos embrulhados em pequenos papeis sujos ou lenços bordados. Não distinguia um objecto ou conhecia um estofos, não comprehendia que aquillo fôsse real, servisse, fôsse de uso, tivesse utilidade!

Aquelles bazares têm tons baços, ricos, discretos, sobrios, obscuros, ligeiros, foscas. A meia luz

esbate as linhas e faz uma penumbra em volta dos objectos. Lentamente, a vista começa a distinguir, a comprehender, e tudo principia a destrinçar-se, como depois d'ouvir algum tempo uma symphonia se distinguem as notas, os tons, as delicadezas, a graça das melodias.

Aqui, são os vestuarios, as calças, os véus de gaze bordados a fio d'ouro, as tunicas de cachemira, de côres pallidas, amarellas sobretudo, com as grandes mangas pendentes, bordadas a sêda es-carlate, os *cufiehs*, especie de faixas brancas que servem de cinta aos arabes do Cairo e de turbante aos beduinos; além, vemos as *babuchas* recurvas na ponta, de setim, de velludo, diminutas, microscopicas, bordadas a ouro, cheias de ornamentações engraçadas, de flôres, d'estrellas, de labores delicados, e as pequenas chinelas para creanças que parecem feitas para os anões dos contos arabes; são ainda as bolsas de fio d'ouro; os gorros que as mulheres do serralho põem na cabeça e d'onde sahem as duas grandes tranças cobertas de sequins; e os rosarios de sandalo, d'ambar, d'azeviche, de coraes do Mar Vermelho, de marfim, de pau-rosa: e os

braceletes das mulheres *fellâhs*, massiços e cinzelados ; e os frasquinhos agudos e delgados d'agua de rosa, com rosas pintadas no cristal ; e os collares, os brincos de sequins, as jaquetas com ornatos de ouro que vêm de Beyrouth, os pequenos espelhos persas, encaixilhados em pinturas sobre pau-rosa ; as essencias de bergamota, os espelhos de madreperola, os tamborettes incrustados para os vendedores de *sherbet* ; mais além, vêm-se as sellas vermelhas e as altas sellas arabes, cobertas de borlas e de crescentes, os *kandjiars* d'aço azulado, as espingardas com as coronhas incrustadas de madreperola ; depois, são os grandes albornozes brancos, d'um tecido fino, flexivel, pendurados e fluctuantes, e que parecem querer voar e fugir para o deserto ; mais longe ainda, as longas tochas espectraes que servem para as festas religiosas, as largas faixas para os turbantes, as mantas listadas de preto e branco e os guardasoes de sêda de Brusse ; em seguida, alinham-se os innumerados vendedores de fio d'ouro. O fio d'ouro é o fundo de toda a riqueza do vestuario arabe : aquellas meadas de fio reluzem, brilham na sombra dos nichos ; sobre os velludos

escarlates resplandescem os florões, os sóes, as filigranas, os arabescos d'ouro : são lenços de cambraia finissima, de gaze quasi transparente, bordados a fios d'ouro ; dolmans e colletinhos de sêda onde se enroscam, como folhagens reluzentes, asperezas de fio d'ouro.

Mais além, n'uma rua, descobrimos antigas curiosidades egypcias, que os vendedores mostram ás escondidas, porque o Pachá prohibe o seu commercio : ovos d'avestruz, velhas pedras das sepulturas, punhaes antigos e recurvos, tiáras que foram dos Kalifas, pedaços de tela em que se embrulhavam as mumias, cabeças d'Osiris, pelles d'animaes . . .

Mais adeante, estão os joalheiros, graves e impenetraveis, que mostram as suas riquezas aos que realmente querem comprar : vemos flôres de diamantes e de rubis, collares, estrellas que se põem na cabeça, laços de diamantes, pentes incrustados de pedrarias e os pennachos de plumas para prender aos turbantes . . . Todas aquellas maravilhas estão em cofres de sandalo, ou no fundo dos nichos, escondidas, por traz dos fardos, em buracos na

terra, ou dentro d'um pote de ferro, tendo em cima uma esteira em que se encruza o mercador.

Caminhamos alli, devagar, olhando, admirando.

Os mercadores levantinos e gregos são loquazes, impetuosos, attenciosos. Conservam-se de pé sobre o balcão, mostrando os objectos, agitando-se, discutindo, lamentando-se. Os velhos vendedores turcos, esses, são impassiveis : têm physionomias astutas, imperturbaveis, aquilinas, duramente accentuadas ; immoveis, sentados, fumam o seu *chibuck* ou desfiam os rosarios.

O comprador approxima-se do nicho, toma a fazenda na mão, vira-a á luz e pergunta o preço : immediatamente, o arabe pede um preço desproporcionado, enorme, grotesco : pede, por exemplo, oitocentas piastras... O comprador offerece — tres ! Então o arabe toma o objecto, estende-o gravemente ao comprador — e offerece logo outro, tornando a pedir um preço colossal !

Os velhos arabes velhos mercadores desconfiados, desdobram as suas mercadorias com cuidado, dizendo « *tayb, tayb* » — bom bom. Se o cliente é pessoa escolhida e mostra interesse, o mercador

deita a mão a um recanto, tira um embrulho e desdobra um lenço maravilhoso, de rendas finas bordadas a ouro e perolas ; e se reconhece um desejo crescente no comprador, então depõe com gravidade o seu *chibuck*, e murmurando « *as la illah il' Allah* » (o unico Deus é o nosso), atira por sobre o mercado um olhar circular, mette rapidamente a mão n'uma caixa, tira um papel sujo e amarrotado, desembrulha-o — e mostra quatro perolas maravilhosas do Mar Vermelho !

O Bazar não é só o lugar dos compradores : é tambem o lugar dos ociosos, que alli estacionam, apreciando os bellos estofos, as joias, olhando as mulheres levantinas que vão para o banho. Os velhos passam gravemente, anediando as barbas com uma das mãos, a outra atraz das costas, desfiando o rosario de sandalo ; as mulheres apressam-se, com os seus olhos negros, brilhantes, devorando as sêdas, os bordados, as joias, conduzindo os filhos á moda arabe, com a mão collocada na cabeça da creança. Os vendedores ambulantes, sobretudo os vendedores de laranjas, giram por entre a multidão, gritando : « *Portocali ! Portocali !* » nas suas vozes vibrantes e

agudas, o cesto chato, como os dos baixos-relevos gregos, posto sobre a cabeça ou erguido nos braços, com as laranjas dispostas em pyramide.

Um dos bazares mais curiosos é o bazar das drogas : erra um aroma inexplicavel, feito de todas as especiarias ardentes e excitantes ; a confusão que se nota em todos os bazares, alli, redobra : saccos, grãos, pastilhas, massas escuras, bolos esverdeados, geleias ; os doces da cozinha arabe destacam a sua coloração indigesta e espalham um aroma irritante. Confesso, cheio de humildade, que ignoro quasi todos os nomes, a utilidade, o valor d'aquellas materias coloridas, enjoativas e sujas.

Fructas seccas, pasteis, drogas, tudo alli se reune em confusão. As coisas estão em montes, em cima de papeis ou dentro de caixas sem tampa ou de saccos abertos ; amontoa-se indifferentemente o *henné*, o antimonio, o pistache, o ambar escuro, o *mastik*, a nóz muscada, as tamaras, a cannela ! Tudo aquillo é immundo ! O mercador, sentado, fumando o seu cachimbo, mette as mãos nas massas, tira o que é

em pó com a mão concava, o que é viscoso com dous dedos, e o que é em grão, nas duas mãos unidas. As moscas vôam alli perpetuamente, manchando tudo; os cães rondam, farejando. Uma lama molle abafa o ruido dos passos, e uma população pobre, infecta, esfarrapada e ruidosa move-se por entre aquellas coisas sem nome.

Fomos apenas uma vez ao bazar das drogas: procuravamos *hachisch*.

— *Hachisch*? — disse-nos Jonas Alli — mas é prohibido!

— Mas deve-o haver... sobretudo sendo prohibido!

— Em primeiro logar — respondeu elle gravemente — ha tres qualidades de *hachisch*: ha *hachisch* em pastilhas...

— Pois venham as pastilhas!

— Ha *hachisch* em bolo...

— Pois venham os bolos!

— Ha *hachisch* em geleia...

— Então, venha a geleia!

Jonas Alli encolheu os hombros — e o olhar que nos lançou era cheio d'um infinito desdem...

XII

UM BANHO TURCO

Hoje pela manhã fomos tomar um banho turco.

Os banhos são abundantes no Cairo. Raros são, porém, asseados e ricos. Frequentados exclusivamente pelo povo, não têm nem as exigencias do luxo nem os confortos delicados. Os Pachás, os Beys, os ricos têm banhos em casa, e quando por acaso vão aos banhos publicos, é unicamente por divertimento, por extravagancia, como entre nós se vae jantar a uma taberna ou comer ás hortas.

Fomos de manhã : é a hora dos homens. As mulheres banham-se mais tarde, e quando entram,

um grande tapete estendido á porta da piscina indica a sua presença.

A primeira sala em que penetramos fica ao fundo d'um longo corredor. O chão é de tijolo polido, de côres vivas; o tecto é o largo azul do céu. A sala é quadrada e em redor corre um estrado elevado, de madeira, coberto com um docel de tabique, sustentado a espaços por columnas feitas de grossas traves. Sobre esse estrado estão estendidos colchões escarlates, de lã, estreitos como camas de campanha e cobertos com mantas de Tunis ou do Hedjaz; ao pé, apagado, silencioso, um *narghiléh* com o seu longo tubo enrolado.

Das columnas, cheias de pregos cravados, pendem toalhas felpudas e espessas, grandes cintas de linho e vastos lençoes pesados. D'um lado ao outro, cordas estendidas sustentam largos pannos que seccam. No chão, ao lado das camas, *babuchas* de marroquim ou de pau, velhas e gastas. O chão de tijolo está sempre humido; aqui e além, há tijolos levantados e luzem pequenas poças d'agua. Reina uma grande frescura, uma larga abundancia d'ar.

Negros, nubios e berberes, com os fortes bustos

escuros, nús, musculosos e luzidios, com grandes pannos em volta da cintura, como tangas, enormes turbantes na cabeça, estendem as toalhas, preparam os *narghiléhs*, ou, agachados sobre o tijolo, fumam encostados ao estrado.

Entra-se, e logo dous nubios, que caminham em pontas de pés sobre o chão humido, tomam conta de nós, fazendo-nos subir para o estrado. Tiram-nos agilmente os casacos : os arabes impassiveis, indolentes, cheios de quietação, deixam-se despir pelos nubios que dão o banho; Rezende¹ imita-os com uma immobilidade turca, mas eu repillo o auxilio d'aquelles bellos corpos negros, cheio de *myself*, como um habitante da *City*!

Estavamos de pé no estrado, na attitude e na *toilette* de velhos Deuses Olympicos. Os nubios, então, envolveram-nos a cabeça em turbantes descommunaes e a cinta em tangas que tinham as pregas e o encanto d'um estudo classico; depois,

¹ O Conde de Rezende, D. Luiz de Castro Pamplona, •
companheiro a que Eça de Queiroz se refere varias vezes •
que sempre o acompanhou na viagem.

calçaram-nos, abaixando-se com um servilismo dôce, as *babuchas* de pau — e tomando-nos pelo braço, rindo, com os dentes a luzir como presas de feras, com aquellas maneiras envolventes e emollientes do Oriente, com precauções infinitas para que não cahissemos das altas sandalias de pau de sycomoro, fizeram-nos entrar na primeira sala.

Um banho no Cairo é uma coisa grave, lembrando as abluções sagradas: tem um ceremonial, é quasi a celebração d'um culto. A verdade é que nós riamos perdidamente . . .

Logo que se entra na primeira sala, um grande vapor d'agua, um calor penetrante e tepido, envolve, soffoca e amollece. A sala é toda de marmore: paredes, chão, tecto. Um grande tapete d'agua corrente, mórna, fórma pequenas cachoeiras d'encontro ás nossas sandalias. O vapor d'agua enche a sala como um nevoeiro. Da clara-boia, cabe uma luz dôce, velada, toda vaporizada, com transparencias d'opala: vêem-se as figuras esbatidas como sombras chinezas. O peito arfa no ar rarefeito, as fontes latejam e sente-se uma angustia languida e irritante que amollece a vontade. Ha, como nos

gestos amorosos, a sensação vaga de se querer chorar.

Os arabes amparam-nos, acompanham-nos, guiando-nos, compondo o grande turbante que levamos á cabeça, com uma meiguice grave.

Penetramos n'um pequeno corredor onde o chão é um regato rapido, que se irrita e espuma ao choque das nossas sandalias. Outra sala segue-se a esse corredor. Alli o vapor d'agua aumenta ; o calor é forte, uma transpiração abundante cobre o corpo : parece que aquelle meio quente, amolledor, dissolvente, liquificante, derrete a iniciativa e a individualidade, e que a nossa vontade, o nosso eu, o nosso sêr, se desfazem no vapor espesso e aromatico. Não se tem a consciencia de se ser livre, perde-se o sentimento dos contornos nitidos ; parece que o corpo se dissipa, se dilue, se attenua, se torna semelhante áquelle vago vapor, dando-nos uma transparencia azulada. Rezende gritava sem saber porquê, instinctivamente. Eu ria com um idiotismo passivo. Não me sentia « eu » : procurava por toda a parte os contornos dos meus musculos. Não tinha a consciencia de estar fixo na terra, parecia fluctuar

no vapor, na nevoa luminosa da agua, ser sombra, calor dilatado.

Finalmente, quando o corpo se acostuma áquella sensação e se afaz áquelle meio, entra-se n'outra sala, ao centro da qual se ergue uma columna, rodeada por um divan circular de pedra. A agua escorre pelas paredes, pelo chão, em chuva, em vapor, em gotas pesadas. Ouve-se o seu rumor dôce. A luz cahe abundante. Ha o que quer que seja de feerico n'aquella situação: o mosaico coberto d'agua, o vapor que enche a sala, todo penetrado de luz, o rumor monotono e lento da agua, o silencio, a lassidão do corpo, a abolição de toda a vida animal, tudo nos dá a impressão de que mudámos para um elemento diverso e que, pela colera dos deuses irritados, nos achamos transformados em regatos!

A languidez é extrema: a nossa civilização, as suas dificuldades, as suas luctas, as suas angustias—como tudo isso está longe! Alli vive apenas a fórma. Deitado sobre o banco de pedra, todo banhado no correr da agua, todo penetrado de humidade vaporosa, amollecido, quebrado, desfeito

n'uma claridade vaga, terna e tepida, vendo unicamente, por entre aquella indistincta vaporisação d'agua, a negra figura dos nubios, eu sentia-me n'um estado passivo, inerte e immaterial, d'um encanto infinito.

Então, os nubios deitam-nos de costas para cima sobre os bancos e alli, com uma longa luva de camurça começam uma fricção vagarosa, monotona e systematica. O corpo fica fatigado, inerte, sem vontade, e aquelle constante passar da luva sobre a espinha dorsal dá uma vibração suave, quente e dôce, semelhante á que arqueia o dorso dos gatos, quando uma mão intelligente e sensual lhes corre a espinha com uma pressão segura e lenta.

Quando assim estamos, inertes e aniquilados, duas figuras negras, esguias, núas, com a tanga branca envolvendo-lhes os rins, adeantam-se, tendo pendente da cinta uma larga tira de couro, que trazem suspensa da mão esquerda, com o gesto de quem levanta uma ponta de saia. Um d'elles aproxima-se de mim, toma-me o rosto entre as mãos e passa-me uma larga navalha pela face. Era o barbeiro. Nunca esquecerei a sua figura: o seu nariz

adunco, aguçado, em riste, e os olhos pequeninos e penetrantes como verrumas. Era silencioso, austero e grotesco!

Feitas as barbas, os nubios tomam-nos pelo braço, fazem-nos subir alguns degraus, e por fim penetramos n'uma sala elevada, quasi esguia. Damos alguns passos oscillantes sobre as altas *babuchas* de pau que escorregam no marmore coberto d'agua, e de repente, sem transição, sentimo-nos cabir n'um tanque profundo e largo! Duas torneiras arrojavam sobre nós dous fortes jactos d'agua, um, quente, o outro, gelado. O grande estylo arabe, é metter alternadamente a cabeça, ora sob o jorro quente, ora sob o jorro frio. Os nubios tinham saltado para o tanque, e abraçavam-nos agora, falando-nos com phrases rapidas, que eu percebia serem cheias de sabios conselhos. Voltei-me para Rezende—mas quando menos pensavamos, arremessaram-nos aos empurrões para fóra do tanque, com uma vivacidade toda occidental!

Sahimos d'aquelle tanque profundo, a escorrer, e seguimos com uma lentidão solemne para uma sala estreita e baixa, que tinha ao fundo, na pa-

rede, uma concha como uma pia baptismal, onde cahia uma agua tepida.

Então, recomeçou a operação da massagem. O nubio estende-me sobre um divan de pedra, colloca-me na posição precisa, e espalmando as mãos, carrega fortemente sobre as clavículas; depois, com gestos lentos, prudentes, monotonos, comprime o thorax, aperta docemente os braços, enerva os rins, distende o pescoço, amassa, abate, moe... As vertebraes estallam, os ossos rangel, a musculatura affrouxa-se; vem-me um grande cansaço, uma prostração; sinto uma infelicidade voluptuosa — e entretanto a sua mão aberta corre-me pela pelle com uma pressão magnetica e captivante. Elle eleva os braços, deixa-nos pender docemente sobre o pescoço, aperta-o, envolve-o, comprime-o. Com todo o seu peso, lentamente, desloca, amassa o corpo, musculo por musculo, com gestos longos, movimentos rythmicos, os olhos meio erguidos, acompanhando cada esforço com um gemido dôce: *hem, hem, hem!*

Fica-se aniquilado, inutil; está-se saturado de frouxidão, feliz de fadiga, cançado d'estar molle!

Levam-nos depois para uma ultima sala, estreita, baixa, quente ; e alli, sem transição, grandes flocos de sabão cahem sobre nós. É uma espuma dôce, suave, aromatica, com um calor misturado de frescura : corre pelo corpo, escorrega e cahe sobre o marmore, espalha-se e desfaz-se na agua, ou sobrenada em grandes manchas brancas na agua de sabão. Os flocos cahem-nos sobre a cabeça, envolvem-nos. Ficamos vestidos d'espuma : o corpo perde a sua fórma debaixo d'aquella amontoação solta, esbatida, como montes d'algodão. E aquillo é perfumado, molle e languido. Dá uma extrema flexibilidade aos musculos, dá agilidade e promptidão : aprende-se alli a ser gato !

A luz, cahindo de cima, faz reluzir os flocos d'espuma, que brilham, scintillam e se espiritualizam, e sentimo-nos semelhantes a deuses phantasticos, envoltos em nuvens de sabão. A cada momento grandes jactos de agua levam toda aquella espuma, lacerada, rendilhada, desfeita, que corre pelo chão, e vae amontoar-se aos cantos em grandes rolos brancos.

Quando termina aquella cerimonia, os nubios

reconduzem-nos solemnemente, de novo por salas gradualmente menos quentes, até ao peristilo. Alli sobem-nos ao estrado, deitam-nos nos colchões es-carlates — e principiam de novo as massagens ! Agora o operador é um pequeno arabe, d'olhos largos, negros, profundos, com uma physionomia extremamente astuta e levemente impudente. En-volve-nos n'uma toalha felpuda e começa a carregar-nos ligeiramente sobre o peito : a pressão cresce, a fadiga vem ; elle aperta mais : arqueja-se doce-mente, está-se molle, começa-se a ter uma sensação suave, irritante e tremula ; o arabe augmenta a compressão, com gestos dôces, lentos, frouxos, meigos : vem-nos então um repouso extremo, uma pacificação infinita do corpo, uma plenitude de animalidade, uma lassidão meiga, oleosa, um aban-dono tão perdido, tão esquecido, que nos sentimos completamente desmoralizados !

Confesso que alli, n'aquella attitude, sob a pres-são magnetica do arabe, sentindo já reçumar a agua no *narghiléh*, julguei naturaes, racionaes, legitimos, todos os vicios e todos os crimes ! Pensei em ser Kalifa, dormir em divans de setim, envolvido no

aroma dos aloés e no perfume das rosas ! . . . Comeriam coisas delicadas e picantes, mandaria abrir o ventre aos meus escravos para vêr attitudes d'entranhas, degolaria escravas abyssinias para sentir o calor do sangue das mulheres ardentes do Nilo, ornaria de perolas os meus cães, esqueceria o meu povo, e mandaria precipitar no Nilo todos os corpos que não fôsem divinamente bellos !

Felizmente, o meu casaco de fazenda ingleza, das fabricas de Nottingham, estava alli, pendurado, como a presença da realidade, como um *memento* salutar !

Então veio o café e o *sherbet* gelado, accenderam-se os *chibucks*, e, estendidos, prostrados, lado a lado, com o tubo do *narghilêh* na bocca, os olhos no vago, um leve rumor d'agua nos ouvidos, o cerebro vazio d'idéas e cheio de sonhos, abysmamo-nos longo tempo n'aquelle dôce enlevo, no *kief*— no divino, molle, voluptuoso, inerte, pacifico *kief* !

A consciencia leva tempo a renascer, perdida n'aquella somnolencia.

Por fim, vestimo-nos, pagamos uma infinidade de piastras, e encostados no fundo da carruagem,

anniquilados, prostrados, fracos — com visões em que nos julgavamos Kalifas, comendo manjares admiraveis entre danças d'escravas — fomos para o hotel atacar um prosaico *macaroni farci aux truffes*, entre *Monsieur* Bauer e Theophile Gautier !

XIII

PASSEIO EM CALECHE NA AVENIDA DE CHUBRÂH

A avenida de Chubrâh é o Bosque de Bolonha, o Hyde Park, o Prado do Cairo.

É uma avenida larga, direita, entre duas fileiras d'arvores, de sycomoros e d'acacias, de grossos troncos, folhagem espessa, abundante, entrelaçada, e que fórma por cima da avenida um tecto verde-negro, sonoro de passaros, cheio de vento, picado de sol.

Quem quizer conhecer bem a physionomia do Egypto contemporaneo, do Egypto de Ismael-Pachá, deve ir passear, ao findar do dia, na longa avenida de Chubrâh.

É ao cahir da tarde : o sol vae descendo ; ha uma sombra sob as arvores da avenida. O *saïs* corre, silencioso, fazendo erguer ao vento a curta saia branca. O cocheiro, encruzado sobre o assento, guia envolvido no largo albornoz que fluctua sob o *tarbuch* escarlata, gritando e vergastando os cavallos magros, que correm com um passo monotono e enfastiado.

D'ambos os lados, estendem-se as culturas. Á nossa esquerda, fica o Nilo ; por vezes as terras encobrem-no e vê-se apenas o alto mastro d'um *debariéh*, ou, na margem opposta, branquejar um elevado pombal. A espaços, uma espessura d'arvores, palmeiras ou sycomoros : é um jardim ; um palacio assenta no meio o seu peso branco, com terraços, janellas em fórma de varandas, uma especie de peristilo grego, pintado de amarello, de verde ou d'azul. As janellas estão abertas, vêem-se cortinas de sêda ou de lã, pendendo em largas pregas. São palacios de Pachás, de principes da familia de Mehemet-Ali. Depois, estendem-se de novo grandes espaços cultivados de *durah* e de trigo ; de novo a casa d'um *fellâh*, miseravel, escura, escondida entre

palmeiras, ou junto a um campo estreito, humilde, perdida entre os trigos. No silencio, ouvem-se as *sakiyés* ¹ moverem-se com um ruido plangente, aspero, afflictivo.

Ao longo da Avenida circulam as carruagens. Alli, um copta d'attitude austera, turbante negro, tunica patriarchal, que vem desfiando o seu rosario, afasta-se d'uma *americana*, levada ao trote rapido de dous cavallos inglezes, de pescoço fino, direito, guiados impassivelmente por um pequeno cocheiro de face rubra entre os bicos do collarinho alto: é M.^{me} M.***, que já cantou no *debariéh* de Sua Alteza, defronte da collina dos Sepulchros:

Ah, Venus, ma friponne,
Pourquoi veux-tu
Faire ainsi cascader,
Cascader la vertu!

Atraz, uma fila de camelos, carregados de pedras rectangulares, enormes, brancas, amarradas com grossos calabres, vae a passo miudo, solemne

¹ Noras, geralmente movidas por bufalos ou camelos.

e oscillante, para as obras d'algum palacio de Pachá ou de Bey.

Além, uma mulher *fellâh* carregada de *durah* ou de adubo de camelo, segue rapidamente, a largos passos elasticos que lhe fazem saltar os seios na tunica azul que lhe modela o corpo esculptural. Arreda-se pesadamente um pobre *fellâh*, gordo, indolente, com os olhos doentes, cheios de moscas : é uma carruagem atulhada de vestidos claros, de chapéus rosados, de sombrinhas que se inclinam com reflexos de sêda. Um homem gordo, curto, baixo e louro, guia-a, abafado entre os vestidos espetados como leques abertos : é o consul geral da Prussia — um dos muitos tyrannos do Egypto. Representa as reclamações, as indemnisações, todas as tyrannias da colonia allemã.

Além, um homem gordo, de longas barbas, sorriso fino, olhar direito, penetrante, cheio d'idéas e d'artificio, recosta-se n'uma pequena victoria : é Mr. Lavine, vice-consul da Russia e vice-consul de Portugal, um potentado, intimo do Vice-Rei — do homem que governa o Egypto risonhamente, a cear, bebendo como um catholico e comendo como

um mahometano. O Vice-Rei é, de resto, affavel, es-
pirituoso, fino, d'uma alegria imperturbavel, d'uma
condescendencia cheia de bonhomia !

Passa um *coupé* : dous cocheiros de *tarbuch* ver-
melho, escuros, esguios, em pouco desleixados, go-
vernarn a parelha ingleza : é Ragheb-Pachá, o
presidente do Conselho, homem humilhado na mo-
cidade, alma agri-dôce na velhice, cheio de antigos
costumes musulmanos e hoje violentamente arre-
messado para o elemento moderno que domina o
Egypto.

Adeante, vemos alguns soldados egypcios, em
fila, presos uns aos outros pelo dedo minimo : —
caras bestiaes, osseas, de bigodes eriçados ; trazem
fardamentos brancos cheios de nodoas, e os *tar-
buchs* derrubados deixam vêr as testas estreitas e
duras.

Atraz de nós, vem rodando um *coupé* magnifico,
fornado de sêda amarella : dentro, duas mulheres
— dous vestidos — passam rapidamente : vão en-
volvidas em véus brancos sobre as pesadas sêdas
de Damasco que quebram em pregas duras dentro
do *coupé*. Por baixo dos véu ha scintillações de

joias : têm grandes olhos negros e a pelle d'uma brancura lactea . . . São mulheres do serralho. Ao pé do cocheiro agalado, um homem sem barba, de largos encontros, perfila-se, segurando um bastão : é o eunuco !

Passam *fellâhs*, conduzindo carros de milho, vestidos do saião azul, altos, negros, fortes, d'andar rapido. Um pobre velho, curvado, de longas barbas esbranquiçadas e agudas, nariz adunco, pequenos olhos brilhantes, segue, curvado, levando ás costas um odre cheio d'agua, a escorrer.

No fundo d'outro *coupé* avistamos um homem baixo, córado, de pequeno bigode branco : é Nubar-Pachá, o ministro dos Negocios Estrangeiros, o Haussman do Cairo, o reformador dos costumes, o importador das *lorettes*, dos cafés cantantes e dos publicistas ! De resto, é um homem habil, penetrante e astuto.

Quatro viajantes inglezes, apinhados n'uma caleche, de longos véus no chapéu, os *guias* abertos sobre os joelhos, passam, levando o *drogman* na almofada, empunhando um enorme guarda-chuva . . .

Alguns cavalleiros galopam, vestidos dos longos casacos chamados *stamboulines*, de *tarbuch* vermelho, calça clara, botas reluzentes. É Arahmel-Effendi, é Ibrahim-Bey, altos *dandies* do Cairo, ricos, poderosos, espirituosos, educados em Paris. Não seriam elles, de certo, que confundiriam no Bois de Boulogne, ou em qualquer parte, o *huit-ressort* de Anne de Léon, com o *landau* de Madame d'Agrade! . . . Sabem de cór as caricaturas de Cham, cantam a *Vie Parisienne*, adoram Edmond About, leram outr'ora Guizot . . . Um dia, governarão o Egypto!

A pé, um homem de alto barrete agudo, á moda persa, os cabellos compridos, brancos de poeira, apressa-se para os lados do Cairo; vem anoitecendo e tem de chegar ao seu convento antes do pôr do sol! . . . Vae rezando, e ás vezes eleva os braços, andando a largas passadas: é um derviche.

Mais adeante, vemos um palacio fechado, impenetravel: pertence a Mustapha-Pachá, desterrado em Constantinopla, onde intriga junto do Sultão contra o Khediva.

No meio da avenida, um Beduino adeanta-se no

seu dromedario, a lança erguida, o corpo embrulhado no longo albornoz branco. *Mademoiselle Joly* passa vivamente, governando os seus *poneys*. Um cocheiro nedio, de longas barbas, barrete felpudo e comprido casacão d'alamares, guia com os braços abertos um cavallo que arqueia o pescoço sob um arco elevado : é uma *cocotte* que chegou de S. Petersburgo para fazer fortuna — *faire le Pacha!* — diz ella . . .

Um cavalleiro cruza connosco, galopando : é Mehemet-Alli, o herdeiro presumptivo ; é pallido, com o rosto oval, d'um trigueiro arabe, a physionomia séria, superior, triste, d'uma belleza e correcção tenebrosas.

Passam outras carruagens a todo o trote : os cocheiros nubios insultam os peões « até á setima geração ! » ; dentro, rindo, recostados, altivos, de *tarbuch* para a nuca, calça de mescla, fraque preto, rosa na lapella, charutos em riste, passeiam os *dandies* do Cairo, os empregados das secretarias, dos ministerios, do correio . . .

Mas tudo aquillo se afasta, um velho musulmano ajoelha ; um turco atira-se precipitadamente abaixo

do seu burro e curva-se, pondo a mão sobre o peito : um picador, de *casquette* á *jockey* e calções d'anta, galopa, precedendo um *coupé* rico, a duas parelhas, resplandecente de metaes, faiscante. Dentro, apruma-se a grande figura do Vice-Rei. Sheriff-Pachá senta-se defronte. Ao lado, galopam grupos d'ajudantes d'ordens, de *tarbuch* escarlate, esguios, extraordinariamente altos, cingidos em fardas azues com alamares d'ouro.

No entanto a avenida atravessa uma aldeia : é Chubrâh — casas pequenas, escuras, alguns palacios brancos. Ao lado, o Nilo.

A avenida corre junto da agua. Chegámos. Um portão de bronze, todo coberto de clematites : é o palacio de Chubrâh. Impossivel entrar — diz-nos de dentro o guarda — as mulheres do serralho andam a passear . . . Alguns eunucos vigiam a porta.

Voltamos. Aqui, a avenida não está nivelada : a carruagem balouça como um navio. O sol começa a descer. A paisagem é maravilhosa : o rio estende-se n'uma grande largura, luminoso, azul, d'uma suave transparencia. Do outro lado, a margem, com a sua linha de verdura escura, recorta-se forte-

mente no céu pallido, levemente dourado. A linha de verdura é baixa, ondulante; por vezes, ergue-se uma palmeira e cada um dos seus ramos se destaca nitidamente, como uma imagem finamente recortada sobre um fundo luminoso. As *dahabiéhs* navegam, com as velas abertas, como grandes azas a que o sol dá um tom rosado. Ao longe, as pyramides de Gizéh, transparentes, finas, parecendo feitas por um cinzelador, esbatem-se n'uma nevoa côr de rosa.

Do outro lado, a paisagem estende-se até ao horizonte feita de pequenos quadros, de leves decorações: campos d'um verde luzente, vivo, rico; pequenos espaços d'agua resplandecendo como aço; arvores delgadas, todas polvilhadas de florzinhas claras. Um pelicano, de bico enorme, pousa junto da agua...

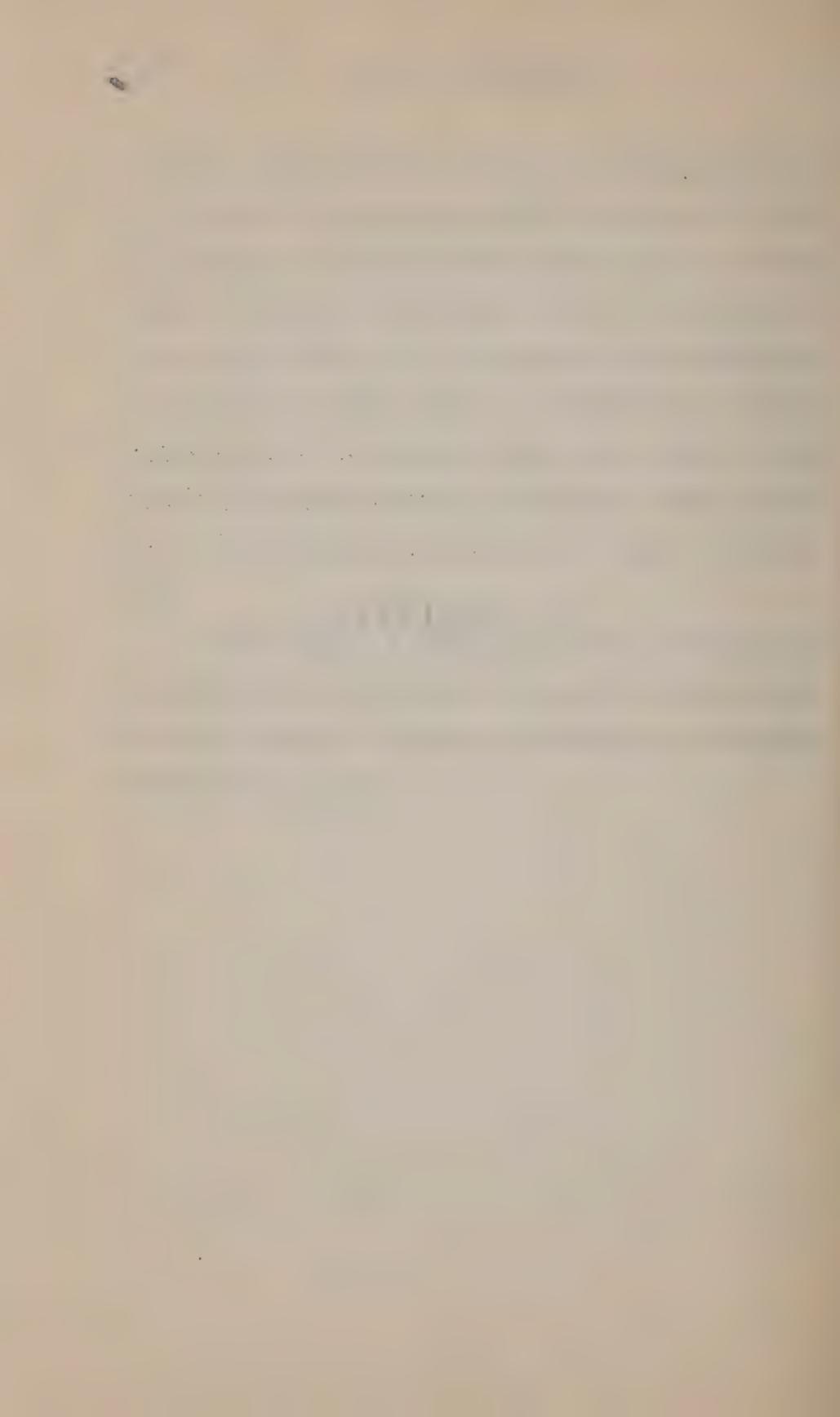
A noite vem descendo. O crepusculo é quente, luminoso, fugitivo. Ao alto, grandes estrellas já se apressam...

De repente, á beira do Nilo, gritos agudos... Uma creança *felláh* cahiu á agua! Foi salva, já está nos braços dos remadores d'uma *dahabiéh*. As

mulheres correm sobre o caes de madeira, junto do rio, gritando com uma modulação prolongada e aguda. Erguem os braços, fazendo invocações, e as suas tunicas fluctuam na aragem sob os véus despedaçados que deixam vêr rostos cheios de tatuagens, com grandes olhos negros e um anel passado na aza do nariz. A creança está salva, mas as mulheres continuam correndo, gritando, n'um tumulto, com os braços erguidos como n'uma imprecisão ! . . .

A noite cabiu. A carruagem entra a trote largo ao Esbekiêh. As janellas do palacio estão accesas, os cafés cantantes afinam as rebecas, as orchestras começam a roncar . . .

O DESERTO



I

VISITA À HÉLIOPOLIS ¹

Sahimos de manhã cedo. Havia uma grande frescura no ar e nas côres rosadas do céu.

A estrada que leva a Héliopolis é ladeada d'arvores de folhagens leves, todas trespassadas de sol. D'ambos os lados, estendem-se culturas de milho, de trevo e de fava : lembra uma estrada da Extremadura. Instintivamente procuram-se os choupos, as frescas correntes d'agua.

¹ A excursão a Heliopolis e Mataryéh, na orla do Deserto Arabico, constitue apenas um passeio de poucas horas para quem está no Cairo.

Depois, a paisagem modifica-se : a espaços erguem-se grupos de palmeiras, d'um verde sombrio e duro. A ibis branca passa por entre os milhos, com o seu ligeiro andar esvoaçado : é ainda entre os arabes, como no velho Egypto, um passaro sagrado : é o inimigo dos insectos e faz, com uma dedicação perpetua, a policia das plantações.

Passamos deante de ruinas novas, recentes. É Abbassiêh, cidade fundada por Abbas-Pachá : começou por construir um palacio ; morto Abbas-Pachá, a sua cidade, abandonada, esboroou-se, aos pedaços, na planicie esteril, crestada de sol.

De passagem, vemos as caudelarias do Khediva : bellos cavallos arabes, de pescoço arqueado, esguios, de anca secca, deprimida, pernas delgadas e nervosas, e admiraveis burros do Hedjaz, brancos, enormes, pacientes como dromedarios, fortes como mulas, rapidos como eguas do deserto.

As cavalhariças estão desleixadas, caducas, com tectos esburacados — e ornadas de columnas tiradas dos velhos tempos egypcios !

A estrada passa junto d'um grupo de casas, d'altas paredes escuras e *mucharabiêhs* quadrados

espreitando entre a sombra de fortes palmeiras. De frente, estende-se um largo campo de milho cortado, de que apenas restam as kannas eriçadas. No meio, um obelisco agudo, fino, amarellado, destaca-se no forte azul. Para além, as culturas acabam e começam as areias, sem transição, como depois da agua d'um lago começa a terra. Fecham o horizonte pesadas dunas d'areia onde negrejam destroços de construcções primitivas.

Era alli o logar da antiga Heliopolis, a cidade onde se adorava o Sol. Na cidade havia um templo, que era tambem uma escola de sacerdotes, e os philosophos gregos alli vieram em peregrinações, consultar os velhos sabios que possuiam o segredo da tradição. Herodoto e Platão estiveram alli. No sanctuario mugia o santo boi Mnevis. Deante do templo abria-se uma avenida, ladeada d'esphinges, figuras medonhas e colossaes, que o historiadore arabe Abd-el-Latif ainda viu, assentando em redor do templo a sua mysteriosa impassibilidade.

A cidade ficava n'uma elevação, cercada por uma muralha de tijolo, onde, d'espaco a espaco, se abriam porticos monumentaes d'uma pedra cal-

careca, coberta d'inscripções. Na planicie, reluziam grandes lagos, cheios da agua do Nilo.

Hoje, só ha alli dunas d'areia e o obelisco que ergue ainda, no meio do campo de milho, a sua pedra vetusta. Cobrem-no plantas trepadeiras, e na luz, no meio da larga planicie, tem uma belleza severa e mysteriosa. Grandes vôos de corvos erguem-se das collinas d'areia. Para além, é o deserto: uma poeira fulva, amarellada e luminosa cobre o horizonte distante . . .

A planicie em volta de Heliopolis é o campo de batalha tradicional do Baixo-Egypto. Alli, Cambyses derrotou o Pharaó; alli, o imperador Selim venceu os Mamelucos; Kleber bateu-se alli contra os turcos.

Imperturbavel, o obelisco tem assistido a todos aquelles desastres: conta mais de quatro mil annos! A sua inscripção diz, depois da invocação: « *Ergueu-o Osirtasen, filho do Sol, Senhor dos Espiritos, que viverá sempre* ». Os lagartos verdes e os escaravelhos passam affrontosamente sobre o nome sagrado de Osirtasen, « que viverá sempre »!

A aldeia de Mataryêh fica proxima. Mostra-se alli a arvore sob a qual descansaram José, Maria e Jesus, quando, fugindo, atravessavam o Egypto, e a fonte na qual, durante o descanso, Maria lavou a sua tunica.

A Familia de Nazareth atravessara o deserto e repousara alli. É um jardim, com grandes ruas niveladas, bem tratadas, orladas de buxo ; em largos canteiros de terra humida, crescem rosas, legumes e tangerineiras.

No encontro de quatro aleas, n'um pequeno espaço areado, limpo, com bancos de pedra, eleva-se, dilata-se um sycomoro poderosamente velho. Tem um vigor austero, e os seus troncos arremesam-se em attitudes violentas e altas para o céu, cobertos d'espessas folhas rigidas.

O tronco, decrepito, tem rugas profundas, ankyloses enormes, como ventres, feridas, cavernas, como uma rocha do mar, e as suas raízes levantam-se da terra, arqueando-se como serpentes enroscadas. É uma arvore maravilhosa. O seu tronco

está cheio de inscripções, de numeros, de nomes gregos, armenios, coptas, latinos ; dos seus ramos pendem rosarios ; uma infinidade de passaros canta na sua espessura.

Parece immobilizada n'um esforço violento para se arrancar de terra : faz pensar na musculatura monstruosa d'um velho gigante legendario. E aquellos ramos velhos, ainda abrigam cantigas de passaros !

Ao pé, sob grandes arvores que dão uma sombra cheia de repouso e de paz, dous bufalos movem uma nora. É a fonte da Virgem — Siti Mariam.

Grandes bandos de pombas vôam alli. É retirado, quieto, dôce e somnolento. Respira-se uma frescura, um socego, uma lenta penetração de descanso : a quem vem do deserto, deve consolar e pacificar aquella suave sombra, docemente trespassada de luz, humida do correr da agua, sonora da voz dos passaros. O logar justifica a legenda.

Uma *fellâhine*, com os seus grandes olhos dormentes e contemplativos, cingida na curta tunica azul, offerece tangerinas para a sêde . . .

— Como chamam os Arabes á Virgem, Jonas
Alli ?

— Siti Mariam.

— E adoram-na ?

— *Comme ça ! . . .*

É meio dia. O calor pesado faz uma nevoa na planície coberta de luz, sem uma sombra, sob a uniformidade luminosa do sol. O deserto scintilla n'um grande silencio abafado. Um pombo vôa, com as azas fatigadas, como vergadas sob o calor. Tudo está immovel. Nenhuma ondulação de folhagem quebra aquella quietação das coisas agachadas ao sol. Um vapor luminoso envolve tudo.

Ao longe, um bufalo bebe n'um cano d'irrigação, immovel. Ergue a cabeça, olha em redor, abstracto, e os fios d'agua pendem-lhe da bocca, reluzindo . . .

II

GISEH

Chegamos de noite.

Um café turco de madrugada : alguns arabes encruzados á porta, n'uma immobilidade de cegonhas. Dentro, o café, com os seus grandes vasos ao lume e a prateleira cheia de pequenas taças que assentam sobre pratos de cobre. Atraz, o fundo escuro, cahotico, cheio de coisas inexplicaveis.

Sobre um assento gradeado, como uma gaiola de passaros, um velho arabe de cara pensativa e torturada diz as suas orações ; outro, ao lado, negro, immovel, fuma o *narghilêh*, encruzado, curvado sobre a boquilha do cachimbo como um animal

somnolento que rumina. Fóra, turcos sentados no chão fallam lentamente.

O nosso *drogman* distribue o café — e no fundo escuro da rua, distinguem-se vagamente os vultos esbranquiçados dos dôces e tristes burros do Oriente . . .

Ao amanhecer, o espectáculo é maravilhoso. Uma estrada leva-nos até ás Pyramides, pelo meio da grande planicie verde e fecunda. A manhã tem uma frescura divina. A inundaçãõ desce desde Outubro e os campos estão ainda cheios d'agua : um regato entre dous prados, uma pequena lagõa, outras vezes uma extensãõ d'agua que parece atirada alli para reflectir a immortal pureza do céu.

As hervas, as plantações, têm um claro aspecto de frescura e de virgindade e o proprio ar parece espiritualizado pela presença da agua.

A agua, no Egypto, é o Deus fecundo e bom : onde ella chega, chegam a mocidade, a fecundidade, a frescura, as côres delicadas ; onde ella falta, a terra consome-se na sua passividade. As populações das margens do Nilo são suaves e generosas : o deserto torna o homem hostile.

Vamos caminhando : passa uma caravana de camelos, recortando os seus vultos enormes e solemnes no horizonte ; arabes, junto à estrada, oram com a testa no chão, voltados para o lado da Mecca. O espectáculo é admiravel : o sol nasce, resplandecente, como feito d'ouro, e o céu tem pinceladas côr de rosa, d'uma transparencia adoravel. A planicie immensa estende-se deante de nós cheia de reflexos d'agua e de verdes brilhantes, humana, fecunda, feliz. Sobre o fundo incendiado do céu, uma aldeia arabe, erguida n'uma collina de perfil despedaçado, destaca-se em negro, cercada de palmeiras esguias, com suas grandes plumas verdes, perfeitas como a curva d'uma arcada grega. Sobre os terraços escuros das casas, distinguem-se arabes immoveis, vestidos de branco.

Em baixo, ao lado, a agua purissima. Na planicie os tons succedem-se : aguas transparentes como vidro, azuladas como a pervinca, misturam-se aos verdes das plantas. O colorido da planicie finda junto ás Pyramides : as aguas, as hervas, as plantações humidas encostam á orla do deserto a sua paisagem profunda — e as Pyramides apparecem,

erguendo-se sobre uma linha de terra arida, monotonas, enormes, mysteriosas . . .

Quando chegámos ás Pyramides já o sol cobria a Esphinge com seu manto d'ouro.

É certamente aquelle o campo funerario do Egypto. O Egypto é um grande tumulo — e uma grande origem da vida. Em parte alguma o contraste da morte e da vida, no que ellas têm de mais bello — a Historia e a Familia — tem um aspecto mais profundo. Em parte alguma tem a Historia um cemiterio mais largo do que na livida terra do Egypto, em toda aquella região que orla o valle do Nilo. Tudo alli é morto. Não só os Reis têm alli o seu sepulchro : têm-no as Religiões, têm-no as Cidades : é o Deserto !

Junto á aguarella rutilante d'aquelle gigantesco valle onde todas as fórmas vivem n'uma harmonia sublime, uma grande linha de sepulchros se estende.

O Nilo corre na sua magestosa serenidade sonora : as palmeiras formam o seu formidavel claustro : aquella vegetação é religiosa : a immensa agua do

rio passa sob o largo portico das palmeiras, como o cêro d'uma multidão sacerdotal. Alli, tudo é vida, movimento, .verdura, esplendor das forças naturaes.

E ao lado d'essa incommensuravel tira de vida, que cobre, desde a Nubia até ao fim do Delta, esta vasta terra do Egypto, a grande linha dos sepulchros estende-se : são as Pyramides, é Memphis, é Byblos, é Thebas. Alli descançam os pharaós ; alli jazem os templos ; alli estão sepultadas as cidades. Tudo são ruinas, tumulos — infindavel areal dos mortos! E o deserto, além, vae cimentando perpetuamente aquella linha de morte.

Contraste extraordinario e profundo: o Egypto é um immenso celeiro e um immenso sepulchro.

O verde do Nilo tem todas as riquezas da vida, encaixilhadas n'uma orla de sepulchros.

É aquella verdadeiramente a argila da morte...

Para o lado da verdura, do Nilo, da agua, a Esphinge abre os seus olhos mysteriosos, que têm visto passar deante de si a colossal aventura do homem. Atraz, as sepulturas rectangulares, limpas, preparadas, têm uma desolada brancura. O sol,

implacavel, cahe direito e mortal sobre o immenso silencio do deserto.

Por toda a parte, a luz, o azul resplandecente e vivo, são cortados pelo vôo dos corvos e dos abutres. O peito sente-se opprimido, e a nossa pobre humanidade esmorece deante d'aquella sinistra eternidade das cousas.

O que mais surprehende nas Pyramides é o mysterio. Aquelles muros, pedras, interiores, sarcophagos vazios, corredores solitarios, tudo tem um aspecto de mudez e de segredo que espanta. Dá vontade de ferir, d'espancar aquellas pedras, para as obrigar a dizer o seu segredo. Alli, não ha esculpturas nem inscripções : tudo escarnece a curiosidade humana !

De longe, envolvidas na luz, apresentando ás vezes decorações adoraveis no fundo verde-negro da paisagem, as Pyramides são transparentes, rosadas, penetradas e vivificadas pelo azul, limpas e graves. A quem as vê a distancia, ellas apparecem bellas e comprehensíveis: entram no conjuncto da

paisagem, são parte da decoração. De toda a parte ellas surgem aos olhos — entre palmeiras, junto aos lagos, ou para além da linha da verdura — como a presença eterna da morte e do deserto.

Em toda a paisagem do baixo-Egypto, nas proximidades do Cairo, ellas são as eternamente presentes : vêem-se das ruinas de Damietta, ao fundo da verdura plana e lisa, no infinito horizonte, rosadas pela luz ; vêem-se do Cairo, estendendo no deserto a sua sombra immensa ; vêem-se do Nilo, no occaso sublime em que o céu tem resplendores metallicos e todo o Nilo — com as suas vegetações fortemente recortadas, sob as nuvens abrazadas no céu raivosamente amarello — parece uma paisagem de bronze e oiro...

Vêem-se sempre, irmãs, eguaes, com o seu perfil fino, d'uma pureza infinita.

Mas quando nos approximamos, então toda a brutal immensidade d'aquelles immensos sêres nos esmaga : não ha na verdade paisagem nem decoração ; nada que attraia o espirito poetico, nada que alegre e chame a curiosidade dos olhos. Enormes, disformes, descarnadas, desconjunctadas, es-

foladas, deixando vêr a escabrosidade das pedras como pontas d'ossos, cheias de rugas, monstruosas, fazem succumbir o espirito — e todas as idéas, todos os pensamentos, todas as sensações, fogem diante da sua brutalidade gigantesca, como aves assustadas.

É que não se tomam então no seu conjuncto, na sua immortal belleza : vêem-se apenas como uma muralha immensa, desfeita e arruinada. Assim deviam ser os antigos gigantes, que de longe, no crepusculo, pareciam bellos na sua argila divina, e ao verem-se de perto, appareciam informes, brutaes e repugnantes. Assim são as Pyramides, vistas de perto : violentas e desconjunctadas. De baixo, aquillo parece uma multidão infinita de pedras tomando o seu vôo para o céu !

Logo que se sahe das verduras do Nilo, toda a planicie sepulchral apparece : vê-se, sente-se que o destino d'aquelle espaço era ser o logar dos mortos. Em redor das Pyramides estão espalhados os tumulos, as capellas funerarias, os poços onde jaziam as mumias : são, pela maior parte, os sepulchros dos grandes funcionarios dos primeiros mo-

narchas ; sacerdotes, magos, favoritos dos Pharaós, todos alli estão em volta dos seus Reis.

Aquella immensa planicie tem o aspecto d'um acampamento da morte : o Rei na grande tenda, e em volta os servos, deitados sobre a dura areia.

A Esphinge, sentinella implacavel, olha para o lado do Nilo.

O Nilo é na realidade o grande inimigo d'aquelle funebre acampamento. O Nilo é o grande Deus fecundo e poderoso, que alimenta, conserva, dá o trabalho e cultiva a seara. Elle é o bem-amado do Egypto, Osiris, o bom, o salutar, o consolador.

Ainda hoje, ao nascer do sol, o *felláh* se banha n'elle, o abraça e o abençoá. D'elle se falla com o respeito das coisas sagradas. É elle a providencia viva, a activa consciencia do Egypto. Por elle se trabalha, se ama, se come, se vive . . .

É o Deus presente que se toma nas palmas, que se aspira no gole, que refresca e abraça o corpo. A agua que se bebe é d'elle ; o pão, dá-o elle ; a elle se devem a frescura e a terra molle de que se fazem as casas dos pobres ; é a sua agua que torna bella a paisagem ; o arabe marinheiro invoca-o nas

suas cantigas, e, no tempo da inundaçãõ, os *almued-dins* dizem pelas ruas do Cairo, cantando d' hora a hora, a altura das suas aguas.

No antigo Egypto, os deuses eram a representaçãõ symbolica das suas qualidades: Osiris era a bondade do Nilo; Isis, o seu amor, a sua caridade fecunda. Ao pé d'elle se construïam os templos, e as ibis sagradas viviam nas suas aguas. Para elle está voltada a face da Esphinge — e quem possuïa o Nilo, governava o Egypto!

Mas o Nilo, na sua inundaçãõ fecunda, tem momentos terriveis: então estraga as searas, afoga-as, apodrece-as — e sobretudo, invade as sepulturas. Era esse o mal, o perigo, o terror do antigo Egypto: o parente querido que descansava no seu sepulchro, enfaixado, preparado, esperando a immortalidade, quieto e immovel, podia ser levado na inundaçãõ, afogado tristemente no lôdo escuro, roubado á dôce vida dos immortaes! O Nilo, deus amado, era tambem o deus temido: elle que dava a vida, o pão da familia, o socego do trabalho, podia trazer a infelicidade eterna.

D'ahi o grande cuidado em resguardar os mor-

tos. As sepulturas construídas no baixo valle eram irremediavelmente destruídas pela inundaçãõ : o rio sagrado, dando a vida aos vivos, roubava a immortalidade aos mortos.

Por outro lado, o deserto tambem tem as suas inundações d'areia. O logar das sepulturas podia-se perder : quando vinham os immensos ventos e se accumulavam as areias sobre a livida egualdade do Deserto, como se haviam de reconhecer os tumulos dos mortos queridos, levar-lhes as offerendas, celebrar os cultos, e ir fallar-lhes, no silencio das noites sagradas, das saudades da vida e das esperanças da eternidade ?

Por isso, o egypcio, egualmente receoso para os mortos, do rio e do deserto, faz o seu tumulo n'aquella linha de terra que se estende entre o valle do Nilo e o immenso deserto branco : constroe os altos pylones, as Pyramides, as profundas camaras sepulchraes, bordadas d'Esphinges, d'obstaculos á areia — e o morto, d'ora em diante ao abrigo das inquietações da natureza, dorme eternamente na esperanza hieratica da immortalidade.

Os reis da primeira dynastia alli assentaram os

seus pylones. No anno em que subiam ao throno os edificavam e n'esse anno os deviam terminar.

O grande pensamento do egypcio é a morte : com effeito, a esterilidade, a morte, o deserto, são estas as coisas que elle vê na vida presente. A vida, para o egypcio, é toda de contingencias, dependente do Nilo : se o Nilo, uma vez, não viesse cheio, toda a immensa população succumbiria.

A natureza, aqui, não produz com segurança, fatalmente : tudo depende da agua — e isto leva facilmente ao pensamento da instabilidade da vida e da contingencia mortal. Nada certo, regular, eternamente determinado. As unicas coisas eternas e immutavelmente dispostas do velho Egypto, são a morte, o deserto e a infinita areia. D'aqui, a idéa religiosa da pequenez das coisas da vida, e da grandeza das coisas immortaes.

Por isso, durante a vida, o egypcio, tendo por pensamento, por consciencia, por fim supremo do *ser* a idéa da morte — construia casas de barro e tumulos de granito !

III

SAKKÂRA

Para além da Esphinge, começa o caminho de Sakkâra.

O areal estende até ao horizonte a sua côr livida, e caminha-se entre a ondulação infinita das dunas e a margem alagada do Nilo. Do lado do rio, surjem ainda, por vezes, pequenas lagôas frescas, orladas d'arvores: um riacho, uma lingua d'agua espelhada, como uma espada sobrenatural cahida no chão, demonstram a vida, a transformação dos corcovos aridos do deserto pela infiltração divina da agua. Todo o forte azul do ar é cortado pelo vôo das aves de rapina, dos abutres e dos corvos.

Caminha-se n'uma reverberação fulva, sob a luz implacavel. Às vezes, um camelo passa no dorso d'uma collina, desenhando poderosamente a sua estatura grave. Encontra-se por vezes uma aldeia arabe, escura, com o seu cemiterio branco e desolado, encolhida ao pé d'uma duna ; uma palmeira ergue no ar a sua attitude graciosa.

Depois, a estrada começa a enroscar-se nas collinas de Sakkâra e a paisagem alarga-se: torna a vêr-se, ao longe, o Nilo, a inundaçãõ com todos os seus tons d'espectro solar, e por cima o monte de Turâ, cheio de reflexos cõr de rosa nos seus terrenos angulosos, tão delicados, suaves e esbaticados, como se tivessem sido feitos n'uma miniatura por um pincel delicado. Adeante, começam a apparecer as Pyramides de Sakkâra. Do lado opposto, erguem-se as de Giseh, as grandes pyramides, eternamente presentes n'aquelle deserto.

A terra é hostile, por vezes coberta d'um carido rasteiro, quasi sempre polvilhada de pequenas pedras d'uma bella cõr castanha, luzidias como marmore e polidas como joias. O sol esmaga, com o peso da sua luz, o sêr moral do homem :

olha-se e sente-se a fadiga d'aquella côr monotoná.

O deserto todavia não é aqui desolado : deixa a sensação toda material d'uma coisa que não finda e que resplandece. A vida é toda nervosa : o sêr intelligente não se abre em idéas nem em sensações. Porém, não é triste : a incommensuravel luz aclara tudo. Ella é a immensa alegria—e sob aquelle céu sem nuvens, sem tristeza, sem intelligencia—céu baço e material—a luz não permite individualisar : envolve, transforma, faz á sua imagem todas as cousas soffredoras.

Aqui, na solidão medonha, as ossadas de camelos, brancas e luzidias, representam apenas a incrustação jovial do chão do deserto, e as Pyramides — que são os monumentos funerarios dos monarchas — ellas que têm visto a enorme demencia do Homem, mais velhas que os deuses, cheias de mysterio e de eternidade, têm ás vezes scintillações, transparencias, tons tão delicados, alegres e virginaes, como a joia pura d'uma noiva ! . . .

E quando assim, da planicie, se vê na orla das areias a fila descommunal das Pyramides que limi-

tam o deserto, pensa-se involuntariamente nos marcos monstruosos do campo de Deus !

Chega-se a Sakkâra. A areia é livida e esteril, a pedra parece cal solidificada e tudo aquillo tem ao sol um brilho branco e desolado.

Sente-se o isolamento, a falta de vida, e o espirito tende a tomar, pela monotonia do espectaculo, uma feição triste e estreita. Tudo — a extensão das ruinas, os monticulos, os destroços de pedras, as ondulações da areia—tem um resplendor metallico, aspero e hostil. Ha no chão um olhar inimigo : na areia, os arabes mostram as pègadas dos chacaes e das hyenas.

Vemos de passagem pequenas pyramides, tumulos humildes. Vamos em busca do cemiterio dos *Bois Apis*, no templo de Serapis.

E alli, nas galerias solitarias onde mugiam e eram enterrados os Apis, sobre a mesma pedra, talvez, em que os magos paravam em grupo, á entrada do templo de Serapis, nós almoçámos frango frio, Bordeaux e *soda water* !

Os cemiterios dos Apis são grandes galerias subterraneas, flanqueadas de capellas funerarias inferiores ao chão da galeria, onde assentam sarcophagos immensos. São brutaes, de granito negro, cobertos d'inscripções. Era n'aquelles immensos tumulos que se deitavam com honras divinas os bois sagrados. As luzes que levavamos faziam inesperadas perspectivas nas trevas das galerias — e parecia, pelo silencio em que iam,os, que era o proprio boi Apis que alli levavamos a enterrar !

O templo de Serapis, além do seu valor historico, contém toda a lenda da vida intima do antigo Egypto. N'uns ligeiros baixos-relêvos, desdobra-se pelas paredes, parallelamente, toda a revelação do antigo Egypto domestico. As figuras parecem cinzeladas por um modelo unico : olhos grandes, fugindo levemente para a testa, nariz grosso e violento, beiços sensuaes, com uma expressão de desdem alegre ; os membros são delgados, os hombros largos, os pés chatos. Todas as figuras estão núas, com uma cinta larga que lhes desce até aos joelhos.

Um dos quadros, na sala do templo, representa a seara : sem duvida a cheia do Nilo foi boa, a co-

lheita abundante : ha faina na eira. A mulher, a dona da casa, talvez a mãe, accumula prudentemente as espigas ; o chefe varre a eira enquanto olha pelos seus creados, que serenamente, sem esforço, acabam a meda de palha. Ha movimento, sentimento, na disposição d'estas figuras esguias e hieraticas. No fundo, vêem-se os utensilios de trabalho : o ancinho, a foice, a charrua — e a ibis, a ave benefica e boa que acompanha o lavrador no campo.

Umás figuras conduzem um rebanho de bois d'enormes pontas ; outras constroem barcos. Todos os misteres estão alli representados : n'uma padaria trabalha-se : uma figura prepara o forno, duas amassam o pão, uma terceira descarrega enormes madeiros para o lume, outras ainda racham a lenha.

Uma longa procissão de mulheres adeanta-se, todas com um cesto á cabeça, sustentando-o com a mão : levam aves, fructas, legumes ; outras trazem gaiolas de passaros ; quasi todas têm uma bilha, que sustentam com o braço cahido junto ao corpo esguio.

Na maior parte dos baixo-relêvos apparece o

Nilo, pintado de verde, navegado por pescadores, atravessado por bois.

É, por toda a parte, a effervescencia da vida, o sentimento do trabalho, a paz, a felicidade, a familia. Nenhuma ociosidade : os novos trabalham, os velhos, encostados aos cajados, observam, dão o exemplo e aconselham. Não se vêem armas nem luctas, apenas scenas de vida pura e de intimidade. Tudo isto tem uma harmonia divina: sente-se o povo forte, trabalhador, casto, activo e educado, que criou pelas austeras virtudes uma civilização inesperada. Todo o antigo Egypto, com a sua alta civilização, está alli. É aquelle o verdadeiro templo, onde as pinturas são o trabalho, a familia, a propriedade, a harmonia. É aquelle o exemplo e o espectáculo que deve encher os olhos constrictos dos que virão. Toda uma moral inesperada emana d'este templo que, na realidade, parece dedicado ás austeras virtudes do cidadão e do pae.

Emquanto escrevo isto, os meus companheiros dormem, enroscados ao pé d'uma velha columna hieroglyphica, e eu velo para que os escorpiões e as viboras os não venham morder . . .

IV

EXCURSÃO A MEMPHIS

De tarde saímos para Memphis, encontrando no nosso caminho o tumulo das Ibis sagradas, onde se continuam, nas paredes, as pinturas da vida intima dos egypcios.

O solo, alli, é d'uma areia esteril e secca, cheio de cascalho. Nada mais arido, mais desolado : o sol queima, implacavel ; um silencio enorme pesa na alma e nas cousas ; sente-se a presença do reptil e do escorpião.

Caminhamos curvados, calados, oprimidos. Ao lado, erguem-se as velhas Pyramides de Sakkâra. Toda aquella planicie é tumular : ruinas, sepul-

chros, areias. Assim vamos seguindo até á região onde chega o Nilo. Ahi, a vista abrange logo a larga toalha d'agua, cheia de verdura e d'arvores.

Caminha-se por entre a inundação, n'um isthmo de terra forte e escura.

D'ambos os lados, a agua sagrada do Nilo. Os pelicanos passeiam gravemente na corrente; por cima, vôam os abutres. Ao fundo, distinguem-se as palmeiras de Memphis, e sempre, na distancia, as fórmaz azuladas das Pyramides.

Embarca-se para chegar a Memphis, através da inundação. Não ha passeio melhor, nem mais bello, n'aquella região do Egypto: a agua assenta, clara e fresca, entre bosques de palmeiras que desenham as suas arcarias até ao horizonte. Não ha linhas imprevistas nem perspectivas: é uma uniformidade dôce, que deixa no espirito um lento magnetismo, como uma nota musical muitas vezes repetida.

A vida real fica para traz, bem longe: vive-se no sonho. Um silencio poetico, infinito, suave, envolve-nos como um oleo brando. O azul tem uma ternura humana na côr, na frescura, na virgindade. As palmeiras formam longas arcarias melancholicas

e serenas, e fazem um ruído dôce, fresco, suspirado, sem uma agitação de folhas. Ha o que quer que seja de humano n'aquelles grandes seres delgados e tristes.

A floresta é immensa. Ás vezes, a intervallos, entrevê-se uma pequena aldeia arabe: um turco passa, montado no seu burro; uma mulher toda envolvida em véus descança ao pé d'uma palmeira, junto da bilha. Pensa-se na vida antiga, primitiva, em Abrahão, em Agar: o palmar tem a serenidade d'uma paisagem biblica.

Os cuidados da vida, a nossa civilização, são impossiveis alli, n'aquella simplicidade sublime de belleza.

As ruínas de Memphis são apenas monticulos escuros, onde se vêem ainda paredes de tijolos quasi torrificados. As palmeiras crescem por entre as ruínas, e a estatua de Sesostris apparece-nos, meia coberta pelo lôdo da inundação . . .

Quando voltámos, a lua nascia. A agua encobria a paisagem : vinhamos devagar, deslisando, e os remadores cantavam uma melopeia arabe, d'um rythmo penetrante e quasi religioso. Viam-se na agua branquejar os pelicanos, e sentia-se o lento deslizar da corrente.

Fomos dormir n'essa noite a Gizeh, na casa d'um velho *cheik* arabe. Quando entrámos no pateo da casa, um grupo d'arabes, encruzados junto das paredes, fumava o *chibuk*. O velho *cheik*, na sua ampla roupa branca, esperava-nos á porta : fez-nos sentar no chão, encruzados sobre tapetes. D'alli — por entre o grupo violento dos arabes que riam — bem longe, na escura noite, vimos as velhas Pyramides de Gizeh, todas illuminadas e correctas como o Terreiro do Paço ! A imperatriz d'Austria passára lá a noite, e em sua honra tinham posto lamparinas de papel na sepultura dos Pharaós !

A noite escura estava crivada d'estrellas : sob a vaga luz dos astros, a agua do Nilo scintillava. Ouviam-se no alto os gritos dos milhafres, e envol-

via-nos aquella serena respiração da terra do Egypto que penetra como um aroma . . .

E nós, encostados ás espingardas, olhavamos, pensativos, por entre as figuras duramente accentuadas dos arabes, grupo negro destacando sobre a parede alumiada, aquelles fios de lamparinas imbecis, luzindo miseravelmente na noite infinita, junto á orla do Deserto ! . . .

Ao outro dia, pela manhã, deixámos a aldeia. Logo á sahida matámos um corvo. O corvo, antes de morrer, deu um grito. O nosso *sais* tinha-o apanhado: então todos os corvos nos seguiram durante uma legua, gritando, aos bandos, esvoaçando, terriveis, fazendo um cortejo lacrimoso ao corpo do corvo morto. Pareciam pedil-o com clamores, chamar por elle, accusar-nos, insultar-nos ; e nós caminhavamos um pouco envergonhados entre aquelle cortejo lugubre.

Por fim, atirámos o corvo ao chão — e todo o bando escuro se abateu sobre elle com sinistras palpitações d'azas, emquanto nós galopavamos pelo fresco deserto, azulado pela aurora . . .

NOITES FEERICAS

I

NOITE DE ILLUMINAÇÕES

As ultimas noites que passámos no Cairo foram coloridas pelo mais bello espectaculo que um pobre occidental civilizado, mesquinho e prosaico, possa conceber.

O Imperador d'Austria chegara ao Cairo e havia grandes illuminações no bairro arabe, no Muski e nos Bazares. O tempo dos Kalifas tinha voltado com as suas festas maravilhosas e feericas. As *Mil e Uma Noites* continuavam : era a millesima segunda noite !

Lord Carryforth dizia-me :

— Isto é horrorosamente bello ! . . .

As festas eram exclusivamente arabes, nos bairros arabes e nos Bazares. O Esbekiêh ficara solitario e escuro, e as rabecas dos cafés-concertos abandonados, gemiam monotonamente na solidão. Toda a população arabe estava nas illuminações.

Montados em burros, precedidos do *saïs*, penetramos ao acaso pelas ruas.

Sente-se de longe o rumor pacifico e largo da multidão. Nas ruas proximas do Esbekiêh, passam carruagens luxuosas, carregadas de levantinos. Mulheres envoltas em grandes mantos brancos, montadas em burros, trotam para os Bazares, aos gritos agudos dos eunucos. Sente-se que ha festa.

No Muski aperta-se uma multidão enorme: os *cuffiêhs* de damasco, os *tarbuchs* escarlates, os gorros dos *fellâhs*, os turbantes verdes dos descendentes do Propheta, os turbantes brancos dos bequinos, os turbantes negros dos coptas, os turbantes azues dos nubios, ondulam, movem-se, fazendo uma superficie d'um colorido scintillante, por baixo de largos arcos de madeira, cobertos de luzes, onde fluctuações de bandeiras, d'estandartes e de pavi-

lhões, põem, d'espaco a espaco, a sua decoração oscillante.

Em cima d'estrados, musicos turcos encruzam-se sobre tapetes da Persia, e, por entre a multidão, os vendedores de *sherbet* lançam o seu pregão agudo, erguendo na palma da mão as taças azues de Yeddo.

Penetramos lentamente, aos gritos do *saïs*, até ás ruas do bairro arabe. Alli, é a illuminação maravilhosa — a magia do tempo dos Kalifas : as ruas tortuosas, pallidas de luz, estão alumiadas por fileiras de lustres de bronze, de fórma antiga e barbara, incrustados de pequenas lampadas faiscantes, e que pendem de toldos listados de amarello e vermelho. As fachadas parecem salpicadas de luz. Nas casas, illuminadas por dentro, sobressahem em relevo os gradeados delgados, finos, arrendados dos *mucharabiêhs*. Tudo o que aquellas construcções têm de velho, d'arruinado, de tosco, d'incoherente, desaparece, docemente esbatido na luz. D'algumas janellas pendem antigos estofos bordados a ouro — velhos tapetes da Carmania, chales preciosos de cachemira — e a clari-

dade amacia os perfis pittorescos e poeticos das casas.

O povo arabe enche aquellas ruas estreitas onde resplandecem vestuarios esplendidos: homens ricos que passam os seus dias nos banhos, nos Bazares, nos pateos das Mesquitas, no harem, passeiam alli a sua indolencia sob os *mucharabiêhs* illuminados. Vêem-se os sumptuosos *caftans* de sêda, os turbantes de cachemira, as largas vestes d'estofo de Brussa, os brocados d'Alepo . . . Um lento rumor sereno enche as ruas.

De repente, um tamborim soa vivamente n'um *mucharabiêh* illuminado e coberto por uma gaze transparente, por traz da qual se distinguem vultos femininos: a multidão approxima-se, o sussurro abate-se, e, no silencio da rua, a voz d'uma cantora eleva-se na noite, com uma tremura arrasada, plangente, d'uma doçura infinita . . . Ha uma ternura enervante, uma languidez melancholica e terrivel n'aquelle canto meigo, monotono, indolente, que tem o que quer que seja d'um canto religioso e d'uma seguidilha.

Como descrever, como dizer aquellas noites

feéricas, em que tudo perde a sua fôrma real, em que as luzes e as sombras tornam bella a superficie miseravel das coisas ? — As ruas cheias da multidão arabe, figuras esbeltas, trigueiras, ardentes, sob os seus turbantes brancos, faces atormentadas de velhos beduinos e de nubios delgados ; as casas cheias de luz, deixando entrever pelas gelosias abertas dos *mucharabiêhs* um pouco do mysterio feminino do Oriente ; o enthusiasmo poetico e sereno d'aquella bella raça, cheia da viva imaginação das cousas luminosas ; as mulheres dos harems que passam, precedidas dos *sais* e dos eunucos, cobertas de sêdas e de véus preciosos, e aquelle som monotonico do tamborim e das flautas, aquellas vozes extaticas passando através das finas grades dos *mucharabiêhs*, aquelle canto arrastado e lascivo que parece pertencer a um culto e lembra o canto d'amor d'uma captiva, aquelle dôce canto, irritante e penetrante, e que ficará como uma eterna memoria no meu cerebro, sem que nunca encontre as palavras que o possam definir ? !

Aquellas canções são differentes de todas as outras : são melopeias lentas, d'uma melancholia alti-

va, d'uma molleza suspirada. As vozes são asperas, mordentes, vibrantes como metal, d'uma agilidade violenta; e comtudo é infinita a doçura d'aquella melodia, d'aquella toada languida que tem um não sei quê de liturgico, e que se balança ao acaso, sem medida e sem compasso, com grandes notas arrastadas, com pausas mysteriosas e profundas, com garganteios d'uma sensualidade que se lamenta — e d'uma sensação tão nova, tão complexa, tão abstracta, que não se consegue fixar o seu contorno indefinido.

Aquella musica é como o amor: juntam-se as imagens e as comparações, tenta explicar-se — mas não se póde dizer o que ella é. Foge pela sua natureza abstracta á expressão escripta. Nunca a philosophica instrumentação de Meyerbeer, nem o idealismo de Beethoven, nem a luminosa serenidade de Mozart, nem a musica vermelha e diamantina de Verdi, nem o romantismo apaixonado de Donizetti — nunca nada me deu a impressão profunda d'aquelles cantos arabes nas ruas do Cairo.

São tão bellos que entristecem, tão sensuaes que são quasi lacrimosos, tão dôces que desesperam: é

a musica dos nervos; são os nervos que cantam . . .

E apinhados na rua, os arabes levantam para os *mucharabiêhs* os rostos ovaes, trigueiros e romanticos, alumiados por grandes olhos largos e profundos d'onde sahe uma irradiação serena e ampla de luz negra. A canção finda: ouvem-se ainda os sons agudos, gemidos, espaçados, melancholicos da *darbuka* . . . E em baixo, extaticos, os arabes soltam um longo *Aaah!* prolongado, suspirado, cheio de emoção — e aquelle *ah!* fica vibrando no ar, languido, e acariciador, e amplo — e como um resto de musica . . .

Entretanto a multidão move-se, os grandes arcos luminosos resplandecem, as lanternas scintillam. Aqui e além um *mucharubiêh* abre-se, e finas cabeças cobertas de véus apparecem, devagar, espreitando. Os *sais* gritam, guiando os burros. E sons das flautas passam no ar, como gemidos que procuram alguém e soluçam um nome . . . Então, n'outro *mucharubiêh* aberto, o tamborim sôa rapidamente com um som abafado, a *darbuka* vibra — e outra voz, cantando, ergue-se na noite.

O canto inexplicavel e maravilhoso recomeça, envolve-nos e arrebatá-nos de novo, vibrantes, vencidos, na sensação deliciosa e terrivel d'um beijo que fizesse sangue, no extasi que daria uma iniciação divina.

Custa-nos a desprender-nos d'aquella decoração toda incrustada de luz e d'aquelles cantos que se elevam na noite como suspiros que fogem . . . Deixamo-nos ir, levados pelos *saïs*, como no fundo d'um sonho.

Assim penetramos nas ruas proximas dos Bazares: a multidão ahi é ruidosa, toda oscillante de movimento.

A claridade que cahe dos lustres pendentes, como grandes rosas de luz meio desfolhadas, que sahe das lanternas coloridas e das lampadas irisadas, alumia intensamente a multidão: arabes esbeltos fortemente trigueiros, nubios cujo negro reluz, abyssinios immoveis nas suas tunicas azues, beduinos soberbamente envolvidos nas suas capas listadas de preto. As mulheres dos harens passam nos seus burros ajaezados d'escarlata, aos gritos dos *saïs*, e os vendedores de *sherbet*, de geleia e de

dôces de rosa, lançam por entre a multidão os seus pregões agudos.

Assim vamos caminhando até aos Bazares.

Seria necessario que esta dura penna de ferro com que firo o papel fôsse talhada n'uma joia arabe, molhada n'aquellas pallidas luzes das illuminações, e conduzida sobre a brancura da pagina pela mão delicada d'um poeta persa, para fazer sentir, d'um modo real e incisivo, toda a belleza d'aquelle lugar luminoso.

Uma grande scintillação de luz vibra em toda a sua extensão. Grandes lustres dourados, brilham, presos de toldos espessos, feitos de fortes fazendas de Stambul ou de Damasco, listadas de verde e amarello. Caminha-se devagar no meio d'aquelle silencio dos Bazares que contrasta com o ruido das ruas.

Os nichos dos mercadores, d'ambos os lados, scintillam de luz, d'estofo, de vivacidades arden-tes de joias, como uma igreja: lampadas de vidros irisados, lanternas de papel colorido, põem reflexos nas sêdas, nos bordados, nos oiros lividos. Os estofo, as sêdas de Brussa, os tapetes, os pan-

nos de divans recamados d'ouro, as gemmas, as lentejoulas, os fios d'ouro, os collares de sequins, os *caftans* de sêda e os damascos, estão dispostos como uma decoração, cahindo em largas pregas, pendentes em docel, largamente desdobrados á luz.

Um vapor luminoso e dourado vibra docemente sobre aquellas superficies de sêdas, de velludos, e de setins. Velludos escarlates onde se arqueiam florescencias de filigrana d'ouro forram alguns nichos d'alto a baixo. Sêdas pesadas, de côres vivas e cruas onde a luz tremúla como sobre superficies metallicas, pendem em largas pregas ou espalham-se como caudas de mantos reaes. Gazes bordadas a fios d'ouro, esvoaçando, suspensas, vaporizam vagamente toda aquella decoração d'estofos brilhantes, onde volteiam palhetas de luz. As joias, os collares, as pedrarias, os sequins, os ambares, os braceletes, espalhados sobre tapetes de tons escuros, reluzem, faiscantes, n'um brilho de pontos luminosos, como um firmamento.

O que havia de caduco, de velho e de tenebroso n'aquelles bazares, perdeu-se, esbatido na ampla luz dourada, dôce e tenue, e na maravilhosa

superfície das sêdas, dos damascos, dos velludos, das gazes bordadas, dos tapetes e das constellações de joias.

A côr vermelha predomina : é sobre ella que o ouro assenta. E aquellas ruas, forradas de brocados vermelhos bordados a ouro, resplandecentes de luzes, tomadas pela multidão dos turbantes, pelos vestidos brancos das mulheres, sonoras dos cantos visinhos, têm o que quer que seja de feerico que transporta o espirito para as lendas maravilhosas do tempo dos Kalifas.

Os nichos onde se vendem as pequenas *babuchas*, as chinelinhas, scintillam d'ouro : *babuchas* de velludo escarlate, de sêda branca, de setim azul, de damasco, de camurça, de carneira, recamadas d'ouro, cosidas a ouro, cheias de flores, d'arabescos, d'estrellas, de borlas, de rendilhados, de laços, de folhagens — tudo feito d'ouro, bordado, torcido, lavrado a ouro, envolvido n'um vago vapor d'ouro . . . E palhetas de luz faiscam, correm, scintillam, rebrilham sobre aquelles bazares cobertos d'ouro !

Outras riquezas estão expostas á parte, como

reliquias : são os tapetes de Salonica, de Smyrna ou de Angora, de tons vivos como os velhos mosaicos persas ; musselinas de Scutari, d'um branco candido e lacteo, leves como uma nevoa ; sêdas d'Issid, de brilho metallico ; velludos de Diarbêkir, com a espessura macia e resistente do musgo ; setins de Brussa, que alcançam, quando são brancos, a côr da perola ou o polido do marfim . . . E aquelles estofos historicos pendem d'ambos os lados dos nichos, cheios de luz, servindo de fundo, resplandecentes e delicados, aos finos espelhos da Persia, ás velhas armas de Damasco, aos tamborettes incrustados de madreperola, a toda a sorte de coisas poeticas, originaes, estranhas e maravilhosas.

Erra um vago aroma d'essencias fortes, em que predomina a essencia de rosa.

Alguns mercadores, tendo na cabeça grandes véus de gaze que lhes cahem sobre os hombros, envolvidos de pannos de divans, de velludos recamados d'ouro, sustentando tapetes bordados, cheios d'arabescos e de fios d'ouro, conservam-se assim, immoveis, cobertos com as suas mercadorias, ma-

gníficos, reluzindo como idolos, encruzados no fundo dos nichos.

Outros compõem as suas mercadorias, desdobram novos tapetes com labores d'ouro, fazem ondear os collares, ou, fumando os longos cachimbos, acariciam gravemente as largas pregas dos velludos.

Ha no ar um vago resplendor d'ouro. Os pesados estofos abafam o ruido. Não se sente pressa, falla-se baixo; anda-se devagar, olhando, admirando, tocando ao de leve, com as pontas dos dedos, nos estofos preciosos.

Atravessam-se aquellas galerias com um respeito sagrado, com a admiração suspensa, pendente das coisas, os olhos cheios da scintillação do ouro, os nervos dominados pelo vago ar lendario de tantas riquezas rutilantes. A extrema gravidade das figuras dá áquella grandeza um aspecto austero: parece que se caminha entre os velhos thesouros historicos d'um templo. O olhar só poussa sobre superficies de luz, molles como o velludo, polidas e vivas como o setim, sobre gazes, joias, coisas delicadas, dôces e magnificas, que luzem e cahem

em pregas amplas, que quasi têm uma intenção de vida e scintillam como vasos sagrados.

A vida positiva, toda envolvida, amollecida pelo esplendor luminoso dos estofos, dominada pela scintillação das joias, desaparece, perde a sua realidade, e os sonhos românticos do passado oriental invadem lentamente o cerebro. É como um áparte na vida real, policiada e moderna, e aquelle mundo oriental apparece-nos, no meio das coisas contemporaneas, como um museu maravilhoso e romântico.

Aquelles bazares são velhos, decrepitos, desmornados ; alguns d'aquelles estofos, vulgares e grosseiros ; aquellas joias não têm, talvez, o fino cinzelado, a delicada nitidez das *orfevrieries* de Paris ; ás vezes mesmo, um pesado e vil tecido inglez das fabricas de Manchester estende a sua espessura burgueza entre a poetica graça dos estofos arabes . . .

Não importa : o encanto é profundo. Da superficie de todas as coisas desprende-se um sonho scintillante, sereno, calado e prodigioso, que occupa o cerebro, vibra fortemente nos nervos — e vive-se,

n'aquelles bazares assim illuminados e feericos, intensamente, n'uma allucinação, toda a lenda maravilhosa e poetica do tempo dos Kalifas e das *Mil e Uma Noites* . . .

II

DANÇAS D'ALMEIAS

Era alta noite quando penetramos no largo pateo do palacio d'Ismael Pachá. Alli, reunia-se uma grande multidão em volta das cantadeiras, dos saltimbancos, das almeias e dos improvisadores.

É um pateo immenso — onde as carruagens cruzam como n'um parque. Em redor, corre um longo edificio branco, vulgar e pesado, picado de pequenas janellas. O pateo estava illuminado com fios de lampadas e de lanternas, que punham na escuridão longos entrelaçamentos de collares de luz.

Ao centro havia um kiosque elevado e gran-

dioso, com transparentes de gaze que a luz trespassava: alli, estavam as cantadeiras, e as suas vozes agudas e languidas erguiam-se por cima do aspero rumor das *darbukas*, dos *rebabs* ¹ e dos gritos dos saltimbancos.

A um dos lados, uma orchestra arabe executava sobre instrumentos de som metallico e plangente, melodias d'um encanto estranho, dôces e sensuaes. Ao centro dançavam as almeias.

Foi alli que eu vi pela primeira vez as danças das *Ghawazis*. As *Ghawazis* são propriamente as dançarinas do Egypto, e tiram este nome barbaro do nome da sua tribu. Formam uma especie de casta, com genealogias especiaes, habitos e vestuarios proprios, quasi uma linguagem sua. Affirmam mesmo que pertencem a uma raça distincta. Exiladas do Cairo, vivem hoje quasi todas no Fayoum — a terra das rosas magnificas — ou nas cidades do Alto Egypto. Dizem-se descendentes da antiga familia dos Ramacidas, tão celebre pelas suas relações com Haroun-al-Raschid, o heroe caprichoso das *Mil e Uma*

¹ Instrumentos de cordas usados pelos arabes.

Noites e de tantas outras lendas arabes. Todavia o typo d'estas almeias não apresenta uma differença radical do typo egypcio.

As *Ghawazis* tiveram em todos os tempos a previdencia de celebrisar as suas danças estranhas : vêem-se já nos baixos relevos que cobrem os tumulos dos antigos pharaós, quasi núas, volteando em attitudes lascivas nas pompas dos funeraes e nos regosijos das victorias.

Ha-as ainda hoje em todas as cidades do valle do Nilo : vivem juntas, nos arrabaldes, em cabanas baixas e miseraveis. Algumas, porém, são ricas, têm joias esplendidas, compram escravos e edificam harens. Mas, ordinariamente, formam tribus errantes, que viajam e acampam um pouco por toda a parte ; por vezes, seguem os exercitos em marcha ; acompanham as caravanas da Mecca e apparecem em todas as festas religiosas. São sempre o centro da alegria.

No tempo de Abbas-Pachá, os *ulemas* e as mesquitas exigiram a expulsão das cantadeiras, das almeias, das *Ghawazis*, de toda a população lasciva e amorosa do Cairo. O governo egypcio hesitou :

aquellas mulheres pagavam ao thesouro do Pachá um largo tributo. Então as mesquitas, os *ulemas*, os *derviches*, comprometteram-se a indemnisar o Pachá — e toda aquella multidão mysteriosa e sensual foi expedida para as cidades do Alto Egypto, em *debariêhs* da policia !

Alli se extinguem na miseria — e as que têm a belleza e a sublime graça das attitudes, exploram os viajantes ricos, os inglezes e os americanos em viagem no Alto Nilo.

Hoje, no Cairo, encontram-se *homens*, vestidos de mulheres, indignamente barbeados, pintados e almofadados, que imitam com uma lascivia grotesca as danças das *Ghawazis*, nos cafés immundos do *Ca-lish* ou dos bairros pobres. Têm por espectadores os bebedores d'opio, d'*hachisc* ou d'*arakich*. São tão impuros como as cortezãs, e os bons musulmanos desprezam-nos, e insultam-nos quando os encontram nas ruas, vestidos de mulheres e imitando-lhes o andar balançado e pesado.

No entanto, as *Ghawazis* que dançam para os estrangeiros estão bem longe de ter aquelle encanto que na Europa faz suspirar os collegiaes que lêem

as *Mil e Uma Noites*. O ideal ahí é substituído pelo officio. A graça das danças, a intenção amorosa, a admiravel musica dos movimentos, perde a primitiva originalidade : é apenas uma habilidade vulgar, machinal, sabida, rotineira, um *tour de force* executado com tédio, com a preocupação do lucro, sem entusiasmo e sem fé.

Ordinariamente as creaturas, quando começam a dançar, estão no fim de uma garrafa d'*arakich*, aguardente estimulante e sensual. São por vezes pesadas, gordas, tendo por belleza a abundancia espessa e repleta das fórmãs : então os seios balançam-se como saccos meio vazios e as cinturas grossas e informes agitam-se n'um esforço e n'uma violencia perpetua. Apparecem cobertas de côres que lhes fazem uma carnação e quasi um rosto artificial : com o calor, a excitação dos movimentos e da difficuldade, aquella gorda pintura escorre em fios espessos. A creatura sua, agita-se, contorce-se, e as grossas carnes incham e arqueiam-se como as ondas do mar. Então a creatura tira pequenas moedas d'ouro e colla-as na pintura do rosto, como se colla o molde d'uma medalha na cera liqui-

da — e terminam extenuadas, deslavadas, arquejantes, ebrias e ignobeis.

E comtudo, quando dançam nas festas populares, os seus bailes têm o encanto maravilhoso que já celebravam os velhos poetas.

Ahi, as *Ghawazis*, cercadas pelo povo, applaudidas, animadas pelo olhar excitado dos homens, sentindo-se comprehendidas, achando-se no seu meio natural, adquirem *a fé*, o instincto genial da graça no movimento, da belleza na attitude. Sempre que as vi dançar em festas populares, senti-me dominado por aquelle baile mysterioso, quasi lugubre, d'uma sensualidade tão grave que mais parece um culto do que um espectáculo.

No grande pateo d'Ismael-Pachá, dançavam no meio de grupos d'arabes, abertos em largos circulos: os que se achavam na frente, sentados gravemente, encruzados, fumando o *chibuck*; os outros de pé, immoveis nas suas bellas attitudes pacificas. Estavam cheios de attenção, suspensos, com os grandes olhos luminosos, ebrios do contentamento da carne e da exaltação da dança. Os turbantes apinhavam-se n'uma curiosidade attenta: negras figuras

de nubios, de berberes, d'escravos e de servos, *felláhs* bronzeados, rostos aquilinos de beduinos, largas faces barbudas e immoveis de turcos, todas aquellas physionomias se agrupavam n'um grande circulo pittoresco, expressivo, cheio de intenção e de sensação.

Tinham cravado as lanças no chão, com archotes accesos amarrados na ponta, e a espaços, dentro do circulo, longas varas tendo em cima uma especie de taça de ferro em que ardiam fogueiras de lenha e de resinas.

Sob aquella luz de reflexos ondeantes e fugitivos que esbatiam os contornos reaes e adensavam as figuras, estava o grupo das dançarinas. Eram do Fayoum e d'Assuan : tinham rostos aquilinos e trigueiros, traços duros, violentos, e uma poderosa expressão d'animalidade. Eram delgadas, elasticas, ageis, electricas, febris ; os seus cabellos estavam dispostos em anneis sobre a testa, segundo a velha moda egypcia, ou feitos em duas longas tranças que pendiam até ao chão, todas entrelaçadas de sequins. Traziam vestidos justos ao corpo, esguios, d'uma forte sêda escarlata, e um lenço de cache-

mira, escarlate tambem, apertado á cabeça, com as pontas pendentes pelas costas, como os das nossas camponesas do Minho. Os braços, o collo, o peito, a cintura reluziam de fios de sequins e de contas, que punham n'aquelles bustos delgados, sobre os tecidos escuros ou escarlates, uma tremula palpação faiscante.

Ao pé d'ellas, uma mulher velha, adunca, curvada, secca, negra, de cabellos grisalhos e descompostos, tocava no *rebab* com uma agitação convulsiva. Um homem, com um joelho em terra, a cabeça inclinada, feria as cordas da *durbaka*.

As almeias nunca dançam juntas : uma d'ellas adeanta-se, enquanto as outras, n'um grupo silencioso, fazem soar as castanholas de metal com um som frio, monotono, n'um unisono baixo e irritante.

Tambem a dançarina acompanha os seus movimentos com o som vibrante das castanholas, n'um rythmo tão compassado, tão certo, que parece sahir dos seus movimentos cadenciados e pausados aquelle som agudo que fere asperamente os nervos.

É uma dança serena, silenciosa, muda. A *Ghawazi*, immovel no seu logar, dança apenas com estremecimentos do corpo. A dança arabe é uma vibração dos musculos : os pés movem-se imperceptivelmente no mesmo sitio, enquanto o corpo vibra ao som do *rebab*.

A dançarina começa por girar sobre os pés, gravemente, arqueando os braços por cima da cabeça, n'uma attitude ondeante e fugitiva, como se uma força a levasse no ar, seu elemento natural; depois, ao pousar levemente no chão, todo o corpo vibra, com um estremecimento electrico, como a contracção d'um reptil lascivo.

Aquelles movimentos são quietos, quasi imperceptiveis, *mudos*, mas cheios d'ardor e d'intenção : todo o corpo da *Ghawazi* estremece, vive, palpita. A alma, o desejo, o calor estão espalhados por todos os musculos : o seio agita-se, a cintura vibra, os braços têm uma ondulação de serpentinas, uma tremura silenciosa de chammas que se erguem.

Ora abandona-se, com a cabeça pendente para traz, como semi-morta, os olhos cerrados, os braços erguidos, e caminha, vibrando toda, parecendo sus-

pensa d'um beijo terrível. Ora desfallece, e as suas mãos tremulas, erectas, procuram segurar-se ao ar. As castanholas resoam devagar, com um som morbido. Os *rebabs* adormecem, n'um rumor dôce . . .

De repente os sons recrudescem, saltam, perseguem-se, voltam, fogem, e a *Ghawazi*, abaixando os braços, gira rapidamente, com estremecimentos victoriosos, com uma alegria, um triumpho nos movimentos, cantando a grande vibração dos nervos . . .

No entanto todo o baile é tão grave, tão largo, tão silencioso, tão mysterioso, que lembra um rito sagrado. Aquellas danças vêm certamente d'um velho culto lascivo da Assyria. Celebram o mysterio da voluptuosidade : não ha alli a expressão violenta do desejo ; não se foge, não se provoca, não se irrita, não se succumbe. Não ha acção n'aquellas danças : figuram apenas a mulher, o ser animal tomado de amor. É limitado e é profundo. A acção está toda concentrada no corpo. É o cantico da carne exaltada.

Nada de grotesco, d'obsceno ou de baixo. A sensualidade, alli, é poetica, é idealisada, e não ha

espectaculo mais bello nem mais estranho do que a visão d'aquellas dançarinas, resplandecendo phantasticamente ao clarão dos archotes, com os seus vestidos vermelhos reluzindo em reflexos assetinados, todas cobertas de sequins d'ouro, movendo-se na celebração lasciva e sacerdotal das suas danças, entre a roda dos turbantes apinhados, alumiados de brancuras de luar.

Uma d'ellas, sobretudo, pareceu-me admiravel. Era feia e o seu rosto tinha uma expressão de sensualidade quasi insultante. Delgada, fina, nervosa — não d'esta delicadeza de *miss* ou de *lorette* romantica, mas da agilidade e da ductilidade dos tigres, dos leopardos, dos gatos e de todos os animaes crueis e lascivos — os seus braços tinham movimentos admiraveis, ondulados, languidos e infinitamente dôces : tinham movimentos quasi melodiosos.

Dançava com uma seriedade hieratica, movendo-se com a serenidade d'uma pomba que paira : parecia ligeiramente suspensa no ar. O seu corpo perfeito, d'um modelado firme e delicado, vibrava como se fôsse feito d'uma substancia fluida e os seus gestos eram cheios de mysterio : exprimiam

apenas a voluptuosidade, e no entanto compreendiam-se todas as intenções : a cabeça pequenina, a cinta extremamente mobil, agil e viva, tinham os movimentos que esperam, que desejam, que espreitam . . . Ora dançava com a graça abandonada e frouxa de quem sonha acordada . . . ora parecia perdida, rolando, inerte, como na fadiga divina da paixão . . .

Era a voz melodiosa da carne !

O seu vestido escarlate reluzia sob a luz, os sequins faiscavam, e ella brilhava enigmaticamente, no meio do largo circulo d'arabes esbatidos na escuridão da noite.

O seu rosto não se distinguia bem : era bronzeado e duro. O circulo dos fachos seintillava em cima ; as *durbakas* gemiam, as castanholas, com um som agudo, irritavam os nervos. E aquella figura movia-se ao centro, gravemente, com a indolencia d'um idolo, com uma sensualidade mysteriosa e quasi lugubre, como que celebrando um rito secreto e lascivo — o velho culto de Aphrodite — e os seus braços tinham movimentos tão fortemente languidos, tão carregados de magnetismo, que os

olhos dos arabes luziam, e instinctivamente o espirito, perturbado e tenebroso, lamentava os velhos cultos perdidos da Deusa !

E nós contemplavamos aquelle espectaculo, digno dos velhos mysterios das florestas sagradas do Tigre ou de Carthago, de capacete inglez, fraque, rosa na *boutonnière*, luvas brancas — e montados em cima de burros ! Oh Ismael-Pachá, Vice-Rei do Egypto :

Pourquoi veux-tu
Faire ainsi cascader
Cascader la vertu ? ! . . .

N'outro canto do pateo, um palhaço fazia torcer d'alegria os velhos arabes, para quem as cantadoras e as almeias já não têm encantos — figuras rebarbativas, d'expressões duras e pittorescas.

Mais adeante havia um grupo admiravel. Era um improvisador arabe. No meio d'um circulo alegre, encantado, cheio de largas risadas sympathicas, um personagem gordo soprava n'um bambú, furado como uma flauta, de que tirava um som de

gaita de folles. Enchia poderosamente as faces, como a figura mythologica d'Eolo entre as nuvens, e, os olhos pequeninos erguidos com uma melancholia grotesca, marcava o compasso com a cabeça.

Entretanto o improvisador recitava, n'uma especie de rythmo cantante, monotono e dôce. A sua figura era admiravel: tinha o typo arabe, na sua expressão mais nitida: uma vivacidade intelligente, uma imaginação colorida, uma graça altiva. Era bronzeado, de rosto oval, com um pequeno bigode crespo e dous olhos que eram dous receptaculos de luz, de animação, de alma, d'espírito, de alegria, de comprehensão.

Estava de pé e acompanhava a sua recitação com gestos d'uma precisão, d'uma graça, d'uma verdade tal que elles mesmos pareciam outra recitação por mimica. De vez em quando ria, e os seus dentes pequenos e agudos reluziam sob o bigode preto, no rosto bronzeado. Eu não comprehendia a sua historia arabe, que era cheia de peripecias, de risos e de melancholias, mas instinctivamente ria com elle, tornava-me serio ou indignava-me, seguindo as aventuras do seu heroe, contadas pela suas

mãos, pelos seus gestos e pela expressão dos seus olhos.

Era alta noite e não podíamos separar-nos d'aquella multidão original. Iamos de grupo em grupo, pasmados, absortos, como na abstracção estatica d'um sonho. Iamos das almeias ás cantadeiras e dos saltimbancos ao improvisador, encontrando sempre uma originalidade e um encanto novo no meio d'aquellas scintillações de luz, entre o rumor sonoro e grave da multidão, dos cantos e do som das *durbakas*. Corriamos a vêr as carruagens que passavam a trote, levando as mulheres do serralho. E acotovelados por beduinos e por persas, por nubios, por derviches e por prophetas, receando a realidade, o sol, o dia em que voltariamos para a Europa, já com o vago desejo de tomar o turbante, alli ficávamos, esquecidos, presos, abstractos, até que se sumiram as brancuras da lua, e a fria vaporisação que vem do Nilo nos fez sentir a madrugada . . .

Quando passámos nas ruas, as illuminações apagavam-se. Os grupos dispersavam. Os tocadores de *durbaka* recolhiam, cambaleando, ebrios d'*arakich*. Fechavam-se os cadeados que separam os

bairros : os *mucharabiêhs* dormiam, escuros ; os cães começavam a ladrar . . . Toda aquella *féerie* apagava-se lentamente — e nós reentravamos na fria realidade, monotona, imbecil, banal e côm de poeira.

ADVERTENCIA

ADVERTENCIA

Aqui terminam as tiras de papel almaço e as notas que possuo sobre o Egypto. Faltam, para completar esta primeira parte da viagem, as descripções de Suez e das festas d'Ismailia. Esses apontamentos, se acaso um dia existiram, desapareceram.

De resto, esse aspecto da viagem deixou uma impressão secundaria no espirito d'Eça de Queiroz. É elle proprio quem o diz na sua « Carta sobre a inauguração do Canal de Suez », publicada na NOTAS CONTEMPORANEAS : « As festas de Suez estão para mim entre duas grandes recordações — o Cairo e Jerusalem. Estão abafadas, escurecidas, por estas duas luminosas e poderosas impressões : estão como póde estar um desenho linear a lapis, entre uma tela resplandecente de Decamps, o pintor do Alcorão, e uma

tela mortuaria de Delaroche, o pintor do Evangelho ».

D'essa impressão poderosa que lhe deixou o Cairo, e em geral o Egypto, aqui ficou, nas paginas que acabam de lêr-se, o documento vivo e authenticico.

O que sentiu nas terras do Evangelho, deante dos logares Santos, dizem-no os dois pequenos cadernos de notas de que fallei na introduccão d'este livro.

Differentes pela composição e pelo seu pouco desenvolvimento d'estas largas descripções do Egypto, não julguei dever juntar aqui essas notas laconicas e breves. Espero comtudo um dia, mais tarde, offerecel-as ao publico, reunidas n'uma pequena *plquette* ou incluidas n'um ultimo volume de paginas ineditas.

J. E. Q.

INDICE

	Pag.
INTRODUÇÃO.	VI
A CAMINHO DO ORIENTE	
I Cadiz	3
II Gibraltar	8
III Malta	16
DE ALEXANDRIA AO CAIRO	
I Alexandria	29
II O Delta	45
III Através do Delta. Considerações sobre o Egypto contemporaneo.	55
IV Chegada ao Cairo	89
O CAIRO	
I Ruas do Cairo	95
II A Cidadella	122
III No Sheaperd's	142
IV A Mulher no Oriente	147
V Mesquitas	172
VI O Velho Cairo	188
VII El-Azhar, a Esplendida	195
VIII O Museu de Bulak.	208

	Pag.
IX Cemiterios	224
X Visita aos Tumulos dos Kalifas	235
XI Os Bazares.	242
XII Um banho turco	257
XIII Passeio em caleche na Avenida de Chubrah	270
O DESERTO	
I Visita a Heliopolis	283
II Gizeh.	290
III Sakkarah	302
IV Memphis	309
NOITES FEERICAS	
I Iluminações	317
II Danças d'Almeias	332
ADVERTENCIA.	349



Obras de JOÃO GRAVE

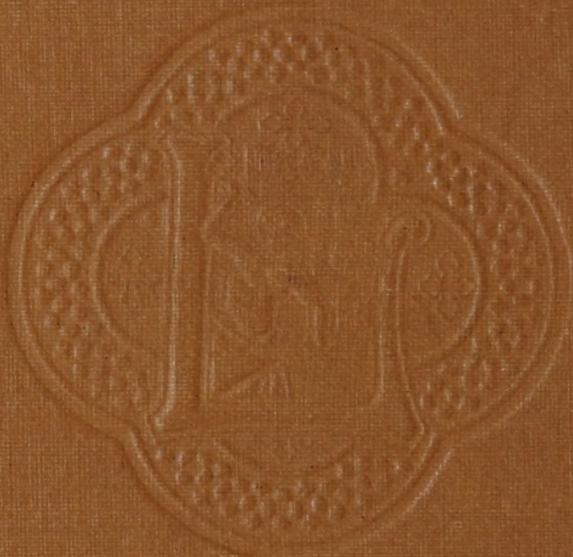
- Os Famintos.*
A Eterna Mentira.
O Ultimo Fauno.
O Passado.
Gente Pobre.
Jornada romântica.
Reflorir.
Reinado trágico.
A Inimiga.
O Mutilado.
A Morte Vence.
Vitória de Parafal.
Paixão e morte da Infanta.
Os Sacrificados.
Os que amam e os que sofrem.
Cruel Amor.
Fogueiras de Santo António.
Gleba.
Vida de Espirito (pensamentos)
S. Frei Gil.
Almas inquietas.
O Amor e o Destino.
Os Vivos e os Mortos.
Memorias dos dias fin-
dos — no prélo



Obras de COELHO NETO

Sertões.
A Bico de Pena.
Água de Juventude.
Romanceiro.
Teatro, vol. I, (O Relicário, Os
Raios X, O Diabo no corpo).
Teatro, vol. IV, (Quebrante, co-
média e o sainete Návem).
Teatro, vol. V (O dinheiro, Bo-
nança, e o Intruso).
Fabulario.
Jardim das Olusieras.
Inverno em Flór.
Apologos, contos para crianças.
Miragem.
Mysterio do Natal.
O Morto.
Rei Negro.
Capital Federal.
A Conquista.
A Tormenta.)
Tréva.
Banzo.
Turbilhão.
O meu dia.
As Sete Dóres de Nossa Senhora.
Balladilhas.)
Pastoral.
Vida Mundana.
Patinho torto.
As quintas.
Scenas e Perfis.
Feira Livre — no prélo.





UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA CHAPEL HILL



00024020257